

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ENTRE O SACERDÓCIO E A PESQUISA  
HISTÓRICA: A TRAJETÓRIA DE PADRE LUIZ  
SPONCHIADO NA QUARTA COLÔNIA DE  
IMIGRAÇÃO ITALIANA-RS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Juliana Maria Manfio**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2015**

**ENTRE O SACERDÓCIO E A PESQUISA  
HISTÓRICA: A TRAJETÓRIA DE PADRE LUIZ  
SPONCHIADO NA QUARTA COLÔNIA DE  
IMIGRAÇÃO ITALIANA-RS**

**Juliana Maria Manfio**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História –  
Mestrado em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,  
RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**.

**Orientador: Prof. Dr. Vitor Otávio Fernandes Biasoli**

**Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marta Rosa Borin**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2015**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Manfio, Juliana Maria

Entre o sacerdócio e a pesquisa histórica: a trajetória de Padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia de Imigração Italiana - RS / Juliana Maria Manfio.-2015.

145 p.; 30cm

Orientador: Vitor Otávio Fernandes Biasoli

Coorientadora: Marta Rosa Borin

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, RS, 2015

1. Padre Luiz Sponchiado 2. Quarta Colônia de Imigração Italiana 3. Identidade 4. Igreja Católica I. Fernandes Biasoli, Vitor Otávio II. Borin, Marta Rosa III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

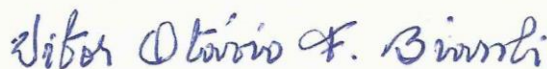
A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de Mestrado.

ENTRE O SACERDÓCIO E A PESQUISA HISTÓRICA: A  
TRAJETÓRIA DE PADRE LUIZ SPONCHIADO NA QUARTA  
COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA-RS

elaborada por  
**Juliana Maria Manfio**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em História**

Comissão Examinadora:



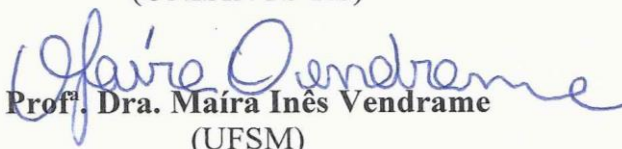
**Prof.º Dr. Vitor Otávio Fernandes Biasoli**  
(Presidente/Orientador)



**Prof.ª Dra. Marta Rosa Borin**  
(Co-orientadora/UFSM)



**Prof.ª Dra. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos**  
(UNISINOS-RS)



**Prof.ª Dra. Maira Inês Vendrame**  
(UFSM)

**Santa Maria, 16 de Julho de 2015.**

## **AGRADECIMENTOS:**

Quero agradecer ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, pela oportunidade de desenvolver essa pesquisa, bem como a CAPES, pelo auxílio de bolsa por 18 meses.

Agradeço ao professor Vitor Biasoli, que me orientou na realização desse trabalho. Suas sugestões, dicas e críticas foram essenciais para o desenvolvimento dessa pesquisa. Agradeço a professora Paula Bolzan, minha orientadora da graduação, que sempre me incentivou a estudar a trajetória de Padre Luiz Sponchiado.

Aos meus colegas, principalmente a Fabi e a Daiane, por compartilharem comigo as angústias, as alegrias, as tristezas e os sorrisos durante o mestrado. Aos meus amigos da infância e vida, Natháli, Mariane, Bárbara e Flávio Junior, pelo carinho e pela eterna amizade.

Aos meus familiares, eu agradeço aos meus pais Magdalena e Sergio, pelo *paitrocínio* nos primeiros meses do mestrado. Além disso, a confiança e o amor de vocês foram importantes nesses dois anos de mestrado. A minha irmã querida Kelli, nosso quebra-galho, que sempre nos auxiliou com o Eric quando solicitávamos.

Ao Eduardo, meu companheiro e colega, com quem dividi as minhas alegrias e as angústias nesses dois anos de mestrado. Tua ajuda e o teu carinho foram fundamentais para a concretização dessa pesquisa. Meu amor, com você compartilho essa conquista!

Ao Eric, meu filho amado que, ao longo desses dois anos, me ensinou a ser uma pessoa melhor. Soube dividir e me ensinou a dividir o tempo de estudos com o tempo que devemos passar juntos. Por você e para você é essa conquista!

*Escrever a vida é um horizonte inacessível, que no entanto sempre estimula o desejo de narrar e compreender.*

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em História  
Universidade Federal de Santa Maria-RS

### **ENTRE O SACERDÓCIO E A PESQUISA HISTÓRICA: A TRAJETÓRIA DE PADRE LUIZ SPONCHIADO NA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA-RS**

AUTORA: JULIANA MARIA MANFIO

ORIENTADOR: VITOR OTÁVIO FERNANDES BIASOLI

COORIENTADORA: MARTA ROSA BORIN

Data e local da defesa: Santa Maria, 16 de julho de 2015.

O presente trabalho fez parte das atividades desempenhadas no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, com o auxílio da bolsa CAPES/DS. O tema da pesquisa está relacionando a trajetória de Padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia, região colonizada por uma maioria de italianos no final do século XIX. Centrado na área “História, poder e cultura”, o trabalho aborda as relações de poder entre um sacerdote, a sociedade e a cultura da Quarta Colônia. A dissertação está inserida na linha de pesquisa “Cultura, Migrações e Trabalho”, na qual propõe uma discussão sobre as transformações de uma região de imigração e colonização italiana provocadas por um agente da Igreja Católica. O objetivo central é o de compreender como o sacerdote atuou e articulou suas ações nos campos político e cultural em prol da construção de uma “identidade italiana na Quarta Colônia”. Para essa pesquisa, foram utilizados como fontes principais os manuscritos de Padre Luiz Sponchiado, os registros dos livros de genealogia produzidos por ele, suas correspondências, recortes de jornais, entre outros documentos que foram encontrados no Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG – Nova Palma). A análise das fontes indica a forma como o sacerdote construiu a história da Quarta Colônia e como auxiliou na construção de uma identidade comum entre os moradores dessa região. Além disso, realizou-se um diálogo bibliográfico com os estudos de imigração italiana no RS e a biografia e trajetória do Padre Luiz. Tais discussões permitem entendermos que a trajetória desse sacerdote tornou-se um importante recurso para a reconstituição do contexto histórico, dos acontecimentos e da dinâmica vivida pela Quarta Colônia, na medida em que o sacerdote foi capaz de agir e transformar o espaço da forma mais oportuna, correspondendo às circunstâncias vividas pelos antigos núcleos de colonização para a elaboração de uma identidade de matriz italiana.

**Palavras-chaves:** Padre Luiz Sponchiado; Quarta Colônia de imigração italiana; Identidade; Igreja Católica.

**ABSTRACT**

Master's Dissertation  
History Post Graduation Program  
Federal University of Santa Maria

**BETWEEN PRIESTHOOD AND RESEARCH HISTORY:  
TRAJECTORY OF PRIEST LUIZ SPONCHIADO IN QUARTA  
COLÔNIA ITALIAN IMMIGRATION**

AUTHOR: JULIANA MARIA MANFIO

ORIENTATION: VITOR OTÁVIO FERNANDES BIASOLI

COORIENTATION: MARTA ROSA BORIN

Date and place of defense: July 16, 2015, Santa Maria.

The present work was part of the activities performed in the History Post Graduation Program at the Federal University of Santa Maria, with the assistance of CAPES/DS. The theme of the research is the trajectory of Priest Luiz Sponchiado the Quarta Colônia, colonized region by a majority of Italians in the last nineteenth century. Through the concentration area "History, power and culture", the work approaches the relations of power and culture between a priest, society and culture of the Quarta Colonia. The dissertation is inserted into the line of research "Culture, Migration and Work", which propose a discussion on the transformation of a region of immigration & Italian colonization caused by an agent of the Catholic Church. The central objective is to understand how the priest acted and articulated their actions in the political and cultural camps in favor of building an "Italian identity on the Quarta Colônia". For this research, were the main fonts manuscripts Priest Luiz Sponchiado, the records of genealogy books produced by him, his correspondence, newspaper clippings, and other documents that are found in Central Genealogy Research (CPG –Nova Palma).The sources analysis indicates how the priest built the history of the Quarta Colônia and as assisted in creating an identification between the residents of this region. In addition, there was a bibliographic dialogue with Italian immigration studies in RS and biography & trajectory. These discussions allow understand the trajectory of this priest became an important resource for the reconstitution of the historical context of events and the dynamics experienced by the Quarta Colônia, and the priest was able to act and transform the space in a very appropriate manner to the elaboration of an Italian identity matrix.

**Keywords:** Priest Luiz Sponchiado; Quarta Colônia Italian Immigration; Identity; Catholic Church.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Localização de Carbonera - adaptação .....	30
<b>Figura 2:</b> Trajeto ferroviário realizado pela família Sponchiado. ....	40
<b>Figura 3:</b> Mapa da localização dos lotes da família Sponchiado .....	44
<b>Figura 4:</b> Mapa de Faxinal do Soturno .....	45
<b>Figura 5:</b> Casal Elisabetha e Luigi Sponchiado .....	49
<b>Figura 6:</b> Casa dos Sponchiado em Novo Treviso (ruínas em 1946).....	52
<b>Figura 7:</b> Casal Silvio e Corina Sponchiado, pais de Padre Luiz Sponchiado.....	54
<b>Figura 8:</b> Mapa de localização de Palmeiras das Missões – adaptado.....	56
<b>Figura 9:</b> Mapa do trajeto realizado de trem .....	58
<b>Figura 10:</b> Seminário Menor Diocesano São José .....	68
<b>Figura 11:</b> Estúdio da Radio Medianeira no HCAA .....	73
<b>Figura 12:</b> Construção da Cammpal (década de 70). .....	84
<b>Figura 13:</b> Cédula para a escolha do lema do Centenário de Colonização Italiana em Nova Palma.....	100
<b>Figura 14:</b> Programa de Festejos.....	105
<b>Figura 15:</b> Festa Santíssima Trindade.....	106
<b>Figura 16:</b> Grupo de imigrantes ajoelhados em frente ao palco.....	107
<b>Figura 17:</b> Carroça guiada por bois.....	108
<b>Figura 18:</b> Inauguração do Centro de Pesquisas Genealógicas (1984).....	112
<b>Figura 19:</b> Padre Luiz Sponchiado em seu acervo.....	115
<b>Figura 20:</b> Caixas de Família .....	117
<b>Figura 21:</b> Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado sobre os Stoch.....	118
<b>Figura 22:</b> Padre Luiz recebendo prêmio do Presidente da República .....	121
<b>Figura 23:</b> Monumento à Maria Stella Stoch .....	127
<b>Figura 24:</b> Monumento ao Padre Luiz Sponchiado e ao Cinquentenário de Nova Palma .....	132

**LISTA DE ABREVIATURAS:**

**CPG:** Centro de Pesquisas Genealógicas.

**HCAA:** Hospital de Caridade Astrogildo de Azevedo

**APERS:** Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

**AHRS:** Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

## TABELA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Leva de famílias de imigrantes e nacionais.....	98
---	----

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....</b>	<b>9</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS: .....</b>	<b>10</b>
<b>TABELA DE GRÁFICOS.....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. A DECISÃO DE EMIGRAR: O PROCESSO IMIGRATÓRIO NO RS A PARTIR DA FAMÍLIA SPONCHIADO .....</b>	<b>25</b>
<b>1.1 A decisão de emigrar:.....</b>	<b>28</b>
<b>1.2 O estabelecimento no sul do Brasil .....</b>	<b>39</b>
<b>1.3 Uma nova decisão: migrar à procura de novas terras .....</b>	<b>51</b>
<b>2. DA INSTRUÇÃO ESCOLAR AO SACERDÓCIO: MEIOS E POSSIBILIDADES DA VOCAÇÃO RELIGIOSA.....</b>	<b>61</b>
<b>2.1. Dos primeiros estudos ao Seminário: os meios e as possibilidades .....</b>	<b>62</b>
<b>2.2. O sacerdócio: o papel dos padres em pequenas comunidades .....</b>	<b>71</b>
<b>2.3 A atuação dos padres no período da colonização italiana na Quarta Colônia ..</b>	<b>77</b>
<b>2.3.1 O papel de padre Luiz Sponchiado para a Quarta Colônia.....</b>	<b>80</b>
<b>3. A (RE) INVENÇÃO DA QUARTA COLÔNIA .....</b>	<b>87</b>
<b>3.1 Os 100 anos da imigração &amp; colonização italiana: a busca pelas origens .....</b>	<b>92</b>
<b>3.1.1 O Centenário da Imigração Italiana em Nova Palma .....</b>	<b>97</b>
<b>3.1.2 O Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG): de descendentes de imigrantes italianos da Quarta Colônia .....</b>	<b>111</b>
<b>3.2 “Os descendentes e a comunidade recordam”: a construção de uma memória e de uma identidade através dos Stoch.....</b>	<b>122</b>
<b>3.3 A (re) invenção da Quarta Colônia .....</b>	<b>130</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....</b>	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....</b>	<b>139</b>
<b>FONTES:.....</b>	<b>142</b>

## INTRODUÇÃO

Na tarde de 17 de março de 2010, parte do comércio de Nova Palma estava com as portas fechadas. Uma parcela considerável da população novapalmense se encontrava na Igreja Matriz Santíssima Trindade para se despedir do padre Luiz Sponchiado, falecido no dia anterior. Acredita-se que “tenham passado pelo local 2,5 mil pessoas, uma vez que as páginas do livro de presenças foram insuficientes para todos os registros de pêsames<sup>1</sup>”. O funeral foi fotografado e filmado, marcando o fim da vida do pároco com uma de suas principais características: o registro histórico. As homenagens e o público presente no velório indicavam a importância que a figura desse sacerdote tinha para a comunidade.

Padre Luiz Sponchiado, que nasceu em Novo Treviso, em 22 de fevereiro de 1922, era neto de imigrantes italianos que chegaram à Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, no final do século XIX. Apesar da mudança da família, para a região noroeste do RS em 1925, foi em Nova Palma que o sacerdote viveu grande parte de sua vida, dedicados à religiosidade, às questões sociais, culturais, políticas e econômicas – extrapolando o campo de atuação de um pároco e envolvendo-se em ações em prol da comunidade de Nova Palma e da região.

Em 1956, quando foi designado pároco de Nova Palma, tal comunidade e as outras localidades da região ainda não haviam se emancipado político-administrativamente. Padre Luiz Sponchiado buscou informações sobre as leis e exigências para alcançar a emancipação, auxiliou os líderes das comunidades a buscarem a emancipação. O projeto inicial defendido pelo sacerdote era a emancipação da Quarta Colônia em um único município, entretanto, as diferenças e as disputas locais levaram à fragmentação da Quarta Colônia em sete municípios: Faxinal do Soturno, Nova Palma, Dona Francisca, Silveira Martins, Ivorá, São João do Polêsine e Pinhal Grande.

Nesse contexto, o termo Quarta Colônia (re) surgiu para designar a unidade daquela região. O nome tem origem do período em que o local tornou-se o quarto núcleo de colonização italiana no Rio Grande do Sul, no final do século XIX, quando recebeu inúmeros imigrantes italianos, oriundo do norte da recém-unificada Itália. Esse pólo de colonização foi denominado Colônia Silveira Martins (1877). As outras

---

<sup>1</sup>Adio Sponchiado. Jornal Diário de Santa Maria, Santa Maria, 18 de março de 2010.

primeiras colônias que receberam imigrantes no Rio Grande do Sul, a partir de 1875, foram Dona Isabel<sup>2</sup>, Cond'Eu<sup>3</sup> e Campos dos Bugres<sup>4</sup>.

A unidade que político-administrativamente não havia ocorrido, fez com que o padre Luiz Sponchiado buscasse outras formas de criar um grupo coeso, a partir da afirmação de uma identidade, de matriz italiana, pois grande parte da população local tinha descendência italiana. Dessa forma, o sacerdote desenvolveu formas de promover a cultura italiana, que enalteceram a figura do imigrante, fazendo com que a comunidade se identificasse com os antepassados colonizadores, constituindo um sentimento de pertencimento de adoção.

Nesse sentido, na década de 1970, foram realizadas comemorações pelo Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul e a região da Quarta Colônia acompanhou as atividades. Para esse momento, organizou-se uma Comissão Diocesana para conduzir os festejos, tendo como presidente padre Luiz Sponchiado. Até então, o termo “Quarta Colônia” não era comumente empregado. Conforme anotações do padre Luiz (reproduzida na pág. 91), o próprio pároco passou a utilizar o termo em reuniões preparatórias das comemorações, que ocorriam em Caxias do Sul. Essas atividades incentivaram padre Luiz a aprofundar suas pesquisas de história e também de genealogia, como veremos adiante.

Outro exemplo, em prol da afirmação da identidade italiana na região, aconteceu na década de 1980, o Centenário da Colonização de Nova Palma – originário de um núcleo de colonização formado a partir de 1884. Novamente, padre Luiz ocupou a presidência dos festejos. Para o evento, foram organizadas diversas atividades: missas festivas, almoços e jantares típicos, cursos de tradições e costumes italianos, feiras do produtor e o desfile histórico. Os eventos que ocorreram em 1984, no município, valorizaram a figura dos colonizadores, com o intuito de que a comunidade recordasse os antepassados e, assim, se identificassem e assimilassem a cultura dos imigrantes italianos.

Para as comemorações do Centenário da Colonização da Quarta Colônia e de Nova Palma, padre Luiz Sponchiado criou o Centro Pesquisas Genealógicas. A sua inauguração se deu como um ato solene dos festejos, pois a sua composição continha documentos que apresentavam as famílias dos italianos colonizadores. Assim, o propósito do sacerdote era realizar um mapeamento das famílias de imigrantes e

---

<sup>2</sup> Atualmente, cidade de Garibaldi

<sup>3</sup> Atualmente, cidade de Bento Gonçalves.

<sup>4</sup> Atualmente, cidade de Caxias do Sul.

descendentes de italianos – o qual pesquisou em igrejas, cemitérios, arquivos, casas de moradores da região, documentos e informações capazes de constituir a história das famílias da Quarta Colônia. Dessa forma, podemos dizer que este acervo é de fundamental importância para os estudos sobre memória da região.

Outra forma de valorização da figura do imigrante italiano, estimulada por padre Luiz, foram as festas de família, os encontros que reúnem indivíduos com o mesmo sobrenome de origem italiana. Na região da Quarta Colônia, padre Luiz Sponchiado era convidado para rezar as missas nessas festas, pois ele se tornou uma referência em relação ao histórico dessas famílias – conhecido como guardião<sup>5</sup> da história local. A exaltação do imigrante, do seu trabalho e de sua religiosidade eram (e ainda são) elementos marcantes nesse tipo de festividade.

Dessa forma, a partir das ações de cunho político-religioso e cultural, essa dissertação tem como tema central a trajetória de padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia. Nesse local, o sacerdote nasceu e conviveu de forma muito próxima aos avôs que vieram da Itália – ouvindo as conversas a respeito de como haviam sido os processos de emigração, imigração e colonização dos familiares. Viveu o processo de migração interna, quando a família decidiu buscar novas terras para o seu sustento em outra região do Rio Grande do Sul. Quando se tornou padre, foi designado para ser pároco de Nova Palma, retornando a Quarta Colônia e ao local da sua matriz familiar.

Nesse cenário, padre Luiz Sponchiado contribuiu na transformação do espaço através de sua atuação entre os grupos sociais e com suas estratégias (de liderança religiosa e de pesquisador). Envolveu-se nos processos de emancipação das sete cidades da Quarta Colônia, presidiu as comemorações do Centenário da Imigração e Colonização da região e do município, construindo o Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG), um importante acervo sobre imigração italiana. Dessa forma, esse trabalho tem como interesse principal o de compreender como o sacerdote atuou e articulou suas ações nos campos político e cultural em prol da afirmação de uma “identidade italiana na Quarta Colônia”.

A pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado em História) da Universidade Federal de Santa Maria, financiada com bolsa CAPES/DS, se justifica no estudo de uma trajetória de vida, que possibilita esclarecer o

---

<sup>5</sup> Na perspectiva de Michael Pollak (1989), tratou da memória, o esquecimento e o silêncio, existem atores profissionalizados que trabalham no enquadramento da memória. Este trabalho tem seus limites e não é construído arbitrariamente, dessa forma, não se segue regras e nem normas. Nesse sentido, percebemos a atuação de Padre Luiz Sponchiado, na sua tentativa de construção de uma memória na Quarta Colônia, através de um elo do local com o seu passado, relacionado com a imigração italiana.

contexto histórico de determinado tempo e espaço, no qual o indivíduo agiu, estabeleceu relações e estratégias para transformar o meio. Dessa forma, tal estudo inseriu-se na Linha de Pesquisa “Cultura, Migrações e Trabalho”, por reconstituir e analisar a trajetória de padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia de Imigração Italiana, permitindo vislumbrar e compreender os aspectos da dinâmica sociocultural dessa região, assim o modo como os indivíduos podem atuar e intervir nessa sociedade. É um modo de abordar as ações de um indivíduo, bem como as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais de uma localidade específica.

A curiosidade que originou a dissertação surgiu no Trabalho Final de Graduação (TFG) <sup>6</sup>, quando explorei a trajetória de um casal de imigrantes italianos na Quarta Colônia. O padre Luiz reconstituiu a história desse casal a partir de interesses próprios – o de homenagear os desafios que os primeiros colonos tiveram que passar na região colonial – e construiu um monumento dedicado a eles, com missa campal, estabelecendo certo culto a essas figuras. Ao investigar o caso, identifiquei no trabalho de Padre Luiz Sponchiado o discurso propagado que valorizava o imigrante diante a sociedade local.

Além disso, a ânsia de padre Luiz Sponchiado pelo registro e pela história da imigração italiana na Quarta Colônia despertou minha atenção a respeito desse sacerdote que não se limitou aos trabalhos de cunho religioso daquela sociedade. A criação e a organização que o pároco deu ao CPG tornam-se um meio de investigar a forma como o ele conduziu a construção da história da Quarta Colônia, bem como a afirmação de uma identidade de matriz italiana na região. Percebeu-se, então, através das ações e da afinidade de padre Luiz com a comunidade de Nova Palma e Quarta Colônia, a necessidade de aprofundar as investigações sobre esse sacerdote e demonstrar suas relações, seu modo de interagir com as comunidades de origem italiana, bem como nas suas formas de reforçar um sentimento de pertencimento na comunidade, voltada aos antepassados colonizadores italianos.

Nessa pesquisa, buscou-se problematizar a trajetória de padre Luiz Sponchiado, na medida em que as suas ações político-religiosas e culturais contribuíram para a construção da história das famílias da Quarta Colônia e em que forma resultou no reforço de uma identidade italiana. Para encontrar tais respostas, procurou-se analisar as seguintes fontes: os manuscritos de padre Luiz Sponchiado, jornais, folders,

---

<sup>6</sup>MANFIO, Juliana Maria. **De crimes e de narrativas: imigração e construção da memória (Nova Palma, final do século XIX)**. 2013. 58f. Monografia. (trabalho final de graduação em História). Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2013



correspondências, processos-crimes, entre outros materiais. Tais documentos foram encontrados no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma, no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e no Arquivo Público do Rio Grande do Sul. No entanto, deu-se preferência aos manuscritos<sup>7</sup> do sacerdote, por acreditar ser um meio de entender a forma e a expressão de como o pároco conduzia à escrita e a história de sua família, de sua vida, bem como a dos moradores da Quarta Colônia<sup>8</sup>.

Com o fichamento das fontes, as informações foram analisadas, questionadas e cruzadas com as reflexões das referências bibliográficas que dão o suporte teórico a essa pesquisa. Primeiramente preocupou-se em como trabalhar com a trajetória de um indivíduo que, é originário do local, que se identifica pertencente àquela estrutura sociocultural, que auxiliou na transformação do espaço, tanto no meio político, econômico, social e cultural.

O propósito de estudar uma vida é o de compreender o cenário construído por esse indivíduo. As trajetórias individuais tornam-se importantes meios para compreender o contexto histórico de determinado tempo e espaço. Dessa forma, ao investigar a trajetória de padre Luiz Sponchiado é possível entender como se configurou a região da Quarta Colônia. Nessa perspectiva, buscou-se o aporte teórico em Giovanni Levi (1996, p.169), que indica a biografia, bem como a trajetória, como interessantes meios de reconstituição de um contexto histórico, no qual o indivíduo age e modifica o espaço. Porém, o autor aponta os problemas que ainda os historiadores têm ao trabalhar com biografias/trajetórias:

Em muitos casos, as distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores, imaginamos que os autores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.

---

<sup>7</sup> Inspirou-se nas reflexões de Ângela de Castro Gomes (2004, p.14), quando elegemos os manuscritos de Padre Luiz Sponchiado como a principal fonte dessa pesquisa: “[...] o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento

<sup>8</sup> O uso de uma diversidade de fontes requer certo cuidado, pois cada documento merece um tipo de análise. Contudo, priorizaram-se os manuscritos de Padre Luiz Sponchiado, por acreditar que a partir da estrutura narrativa do sacerdote fosse possível compreender o cenário que ele ajudou a transformar. Além disso, tal documento é importante no sentido de compreender o que ele produziu sobre si, sua família, bem como sobre as famílias da Quarta Colônia. Sobre o uso desse tipo de material, Gomes (2004) organizou a obra “Escrita de Si, Escrita da História”, no qual relatou que recentemente esse tipo de fonte foi considerado privilegiado para análise, bem como para objeto de pesquisa.

A reconstituição do contexto também é indispensável para Pierre Bourdieu (1996), ao escrever uma vida. Para o autor, é necessário montar a “superfície social” em que atua o sujeito, na sua pluralidade de campos. Atribuiu como *ilusão biográfica*, a produção de relatos biográficos, pois o conjunto de acontecimentos da vida do biografado é colocado em ordem cronológica, com começo e fim, como se sua trajetória se tivesse realizado de modo linear. Reforça Bourdieu (1996, p. 185):

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significação e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum a existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.

Levi (1996) e Bourdieu (1996) justificam a escolha da proposta desta pesquisa, bem como apontam como deve ser pensada a trajetória de indivíduos, e foi dessa maneira que enfoquei a figura de padre Luiz Sponchiado. Primeiramente, a trajetória do sacerdote está sendo refletida sem uma ordem cronológica de começo e fim: iniciará com o processo de emigração seus avôs, como forma de compreender o processo migratório, bem como o estabelecimento de imigrantes italianos na região da Quarta Colônia. E o fim não se dará com sua morte e, sim, com o legado deixado pelo sacerdote, indicando a continuidade do trabalho do pároco.

Além disso, enfoca-se a figura de padre Luiz Sponchiado como um indivíduo que agiu, articulou e modificou o espaço que vivenciou – e essas ações se dão conforme as circunstâncias e não porque estariam predestinadas a acontecer. Ser padre naquelas circunstâncias era uma tentativa dos filhos de descendentes de imigrantes de sair do campo, bem como de poder dar continuidade aos estudos. Voltar a Quarta Colônia parece não ter sido um projeto urdido por padre Luiz. As tentativas de emancipação da ex-colônia Silveira Martins já haviam ocorrido antes da chegada do sacerdote à região. O modo de encarar a imigração e colonização dos italianos no Rio Grande do Sul já estava indicado por abordagens anteriores – desde as comemorações do Cinquentenário da Imigração Italiana no Estado<sup>9</sup>, em 1925 –, padre Luiz apenas reconfigurou e reforçou

---

<sup>9</sup> Segundo Constantino (2011, p.4-5), o álbum comemorativo ao Cinquentenário foi patrocinado pelo Governo italiano que “encontrava-se bem à vontade na campanha de valorização do imigrante que se desenvolvia na Itália, assim como na apropriação por Mussolini da figura de Garibaldi, já há algum tempo reverenciada no Rio Grande do Sul. Assim, o Álbum publicado em 1925 apresenta, pela primeira vez, uma narrativa histórica sobre a imigração centrada nos vultos proeminentes, a começar por Garibaldi. Além de Garibaldi e dos seus companheiros italianos de revolução, as principais lideranças da “colônia” são contempladas com textos sobre suas trajetórias individuais, em estilo épico”.

algo que já estava iniciado por intelectuais, autoridades políticas e descendentes de italianos.

Outros autores também contribuem para refinar o modo como vem sendo escrita as biografias e trajetórias em geral. Para Dosse (2009, p.11), “a biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias”. Com base no historiador francês, visamos compreender como padre Luiz Sponchiado atuou e articulou suas ações nos campos político e cultural em prol da afirmação de uma “identidade italiana” na Quarta Colônia. Também aceitamos o desafio de escrever algo próximo a uma biografia, mas não nos restringimos a isso. Apropriando-se das ideias de Dosse (2009), enfocamos a trajetória de padre Luiz Sponchiado como o percurso de um homem que se torna uma referência na sua comunidade para entender os processos culturais vivenciados na Quarta Colônia.

Dois biografias de padre Luiz Sponchiado que foram produzidas também auxiliam na produção científica. Breno Sponchiado (1996) traça em sua obra, *Imigração e 4ª Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho*, a formação da Quarta Colônia, o surgimento do município de Nova Palma e a biografia de padre Luiz Sponchiado como um conjunto único. O autor apresenta ao longo do livro importantes registros, depoimentos, fotografias, mapas e documentos guardados pelo sacerdote no Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG). A obra torna-se uma referência relevante no que tange a história de vida de Padre Sponchiado, bem como uma fonte para a pesquisa, devido aos registros, documentos e fotografias que nele contém. A professora de História, Jucemara Rossato (1996) publicou uma monografia que procurou mostrar “a ação empreendedora do Padre Luiz Sponchiado em Nova Palma, [...], e também sua preocupação com a preservação da memória histórica dos imigrantes” (p. vi). A autora apresentou os campos de atuação do sacerdote, dando ênfase no município de Nova Palma. Ambas as obras são importantes, pois apresentam informações e dados da vida de padre Luiz Sponchiado, bem como as atividades que desempenhou durante sua trajetória na Quarta Colônia.

Para compreender a Quarta Colônia, como o espaço percorrido por padre Luiz Sponchiado, buscou-se aporte teórico na historiografia da imigração e colonização italiana no Rio Grande do Sul. Com o avanço nas leituras a respeito do tema, percebeu-se a existência de duas vertentes historiográficas que discutem a temática: a tradicional, centrada na “saga da imigração”, e a historiografia mais recente, que revê e reconfigura o fenômeno da imigração.

Assim, a historiografia tradicional encara o processo de imigração como uma saga heroica de um grupo de italianos que chegou ao Brasil e foram abandonados pelo governo brasileiro. Porém, mesmo “largados” pelo governo, conseguiram – através do esforço diário e da fé católica – vencer as adversidades. É a categoria do épico que orienta esse discurso do fenômeno da imigração e colonização. É o épico que constrói a narrativa da saga – bravos colonos que foram abandonados pelo governo brasileiro e que, mesmo assim, souberam erguer prósperos campos e cidades. Com esse discurso de epopéia encontramos diversos autores como Manfroi (1975), Costa (1974) De Boni (1996), Santin (1999) e Breno Sponchiado (1996).

Tais escritores construíram essa historiografia, entendendo os grupos de italianos vindos ao Rio Grande do Sul, como *perdidos* na mata, abandonados pelo poder público<sup>10</sup>. Sem recursos para fazer a viagem de retorno à terra natal, “restava-lhes apenas a opção entre o trabalho árduo para sobreviver e o desânimo” (DE BONI, 1996, p.235). Além disso, abordaram com certa exaltação as implicações econômicas, políticas e culturais da imigração e colonização italiana no Rio Grande do Sul. Atribuíram o “sucesso da obra colonizadora realizada pelos imigrantes italianos e seus descendentes em terras gaúchas” ao “trabalho<sup>11</sup> de sol a sol de toda a família” (MANFROI, 1975, p.15; 121). E mais, retrataram que, somente com o trabalho incansável do imigrante, os colonos obtiveram sucesso perante todas as adversidades que a colonização oferecia: o abandono do governo, o isolamento nos lotes pela falta de estradas e transportes.

A história da imigração, por eles construída, a partir de depoimentos orais, revela uma das mais relevantes características dessa historiografia: relatar o que é comum entre um grupo: “ouvir tudo e relatar somente o que representa a concordância com a maioria. Situações e fatos que não evidenciam unanimidade foram abolidos” (COSTA, 1974, p.8).

Os autores como Santin (1999) e Sponchiado (1996), abordaram a Quarta Colônia na historiografia da imigração italiana. Santin (1999) nos coloca o desenvolvimento da Quarta Colônia em relação às colônias da Serra Gaúcha. A colônia Silveira Martins teve certo crescimento econômico, pois após a década de 30, teria passado por um período de estagnação que a levaria à decadência. O autor ainda

---

<sup>10</sup> O trabalho de Vendrame (2007) evidenciou que os imigrantes italianos eram assistidos na Colônia Silveira Martins. Além disso, as correspondências da Comissão de Terras, encontradas no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, também indicam que os imigrantes recebiam assistência do governo.

<sup>11</sup> Ao longo do texto, será abordado que, nem todos os imigrantes italianos tinham apego ao trabalho agrícola.

menciona as comemorações do centenário da imigração italiana na região, que teria acontecido dois anos após a data maior do processo imigratório no Rio Grande do Sul. Assim, Santin (1999, p.20) acrescenta sobre as festividades dos 100 anos da colonização na Quarta Colônia: “tanto aqui, como lá, foram lembrados os atos de heroísmo, de bravura e de fé dos indomáveis e obstinados agricultores em busca de uma vida melhor”. Por fim, Sponchiado (1996) evidenciou a imigração espontânea que ocorreu na região da Quarta Colônia, exaltando o trabalho do agrimensor Dr. José Manuel de Siqueira Couto na procura de novas terras para o estabelecimento de imigrantes que não cessavam em chegar. Relata o Sponchiado (1996, p. 162):

Em cada relatório, fosse para Província, fosse para a Corte, tornava a bater na tecla da conveniência de adquirir as terras da Fazenda da Palma, que estenderia a colonização até a estrada de ferro pelo sul; e de comprar as terras da baixada do Soturno, onde caberiam mais de seiscentos coloniais, disposto a pagar bem mais essas terras planas de várzeas.

Com isso, teve ordens para explorar a região de Jaguari e Toropi em 1887. Logo depois, conseguiu autorização para fazer mediações em terras próximas da Colônia Silveira Martins – novos núcleos que atualmente são os sete municípios da Quarta Colônia.

Tendo o conhecimento dessa historiografia épica, a ideia não é negá-la, e sim compreender o contexto em que foi escrita, por quem foi escrita e as necessidades dessa escrita. Com esses elementos será possível entender o trabalho de padre Luiz Sponchiado com a imigração italiana e a sua tentativa de afirmação de uma identidade italiana entre a comunidade. E, assim, compreender a reinvenção da Quarta Colônia.

A historiografia recente, por sua vez, abandona a narrativa épica do fenômeno imigração e colonização e, procura investigar as peculiaridades desse processo, apresentando o indivíduo e a sociedade de forma complexa. Essa escrita questiona o discurso que exalta o imigrante, bem como mostrar o que foi ocultado – os fatos corriqueiros que aconteciam na zona colonial, porém sob vistas grossas de uma vida regrada e com moral na fé católica. Com essa literatura, encontramos vários autores: Merlotti (1979), Silva (2001), Zanini (2006), Saquet (2003), Constantino (2011), Favaro (1996) e (2006), Vendrame (2011) e (2013).

As autoras Melotti (1979) e Silva (2001), trabalharam com o universo sagrado dos padres, apresentando a construção de uma vocação religiosa dentro de uma família de imigrantes e descendentes. Além disso, mostraram como a figura do sacerdote se

transforma em mito, perante a comunidade, sendo “o padre sempre visto pelos imigrantes e descendentes como uma pessoa central do sistema sócio-religioso e econômico-cultural” (MERLOTTI, 1979, p.11). Tais obras foram essenciais para compreender a inserção de padre Luiz Sponchiado no mundo religioso, bem como para entender suas formas de atuação como sacerdote.

Levando em conta a Colônia Silveira Martins, o geógrafo Marco Aurélio Saquet (2003) em sua tese de doutorado, a partir da geografia crítica, trabalhou com o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins. Realizou um levantamento minucioso com os dados históricos, questionando-se a respeito da colonização nessa região. Dessa forma, esboçou os fatores pelos quais a Quarta Colônia não teria se desenvolvido como as colônias da Serra Gaúcha e traçou fatores como a emancipação política tardia, a divisão do território em três municípios, as dificuldades com as estradas da ex-colônia, pois dificultava a escoamento e circulação das mercadorias. Esses elementos teriam provocado a estagnação do desenvolvimento e, posteriormente, a decadência econômica.

A antropóloga Maria Catarina Zanini (2006) buscou compreender, através de uma pesquisa de campo, a partir de depoimentos orais, fontes documentais e análises de referencial teórico, como se deu a construção de uma italianidade entre os descendentes de imigrantes italianos na Quarta Colônia. Seu trabalho torna-se relevante no sentido de mostrar os caminhos dessa construção, no qual são percebidas as continuidades e as rupturas de uma cultura advinda da Itália e daquela construída aqui, passada de geração em geração.

A historiadora Núncia Constantino (2011) fez um importante esboço sobre a história da historiografia da imigração italiana, relacionando-a com a História do Rio Grande do Sul. A autora atribuiu que a escrita da imigração foi inserida tardiamente, como a narrativa tardia do passado do Estado. A primeira obra escrita sobre imigração foi o álbum comemorativo aos 50 anos da colonização em 1925. Coloca-nos Constantino (2011, p.5):

Foram sucedidos por outros estudos que fizeram apologia aos imigrantes e aos descendentes, apresentando-os de forma homogênea e idealizada, como heróis que venceram sozinhos todas as adversidades graças às qualidades naturais da sua etnia, longe do apoio das autoridades.

Porém, a autora contrapõe-se ao discurso dessa historiografia, afirmando que “o imigrante usufruiu de um projeto de colonização” (p.7). O governo propiciou condições

a esse migrante como a alimentação, as passagens, o acesso a terra e a moradia; havendo enormes investimentos do poder público. Por fim, apresenta historiadores renomados que atualmente estudam o processo imigratório sob a ótica da historiografia recente.

A historiadora Cleci Eulália Favaro (1996, p.286) faz uma crítica à historiografia tradicional quando analisou a família do imigrante, atribuindo como suporte para a construção de uma identidade italiana entre os grupos, no qual se criou um discurso envolto em um quadro de afetividade, amor, dedicação e solidariedade. Ela constatou que no discurso há a valorização do grupo familiar envolto a aspectos positivos, que alcançam o êxito final. E acrescenta: “é preciso resgatar a história da imigração por inteiro, para que não se perpetue apenas uma ‘verdade’, evidentemente, parcial e fragmentada”.

Em sua dissertação de mestrado, Maíra Inês Vendrame (2007) analisa a etapa inicial do estabelecimento dos imigrantes na região da Quarta Colônia e apresenta os conflitos que existiam nas colônias de imigração e de que formas esses imigrantes resolviam suas diferenças. Dessa maneira, enfatizando atos de protesto dos colonos, a autora coloca em xeque o ideal de harmonia que tanto a historiografia tradicional exaltou. Na sua tese de doutorado, Vendrame (2013) escreve sobre as práticas de justiça, honra e as redes familiares na região da Quarta Colônia. A autora parte da trajetória de Padre Sório na região e traça elementos importantes do cotidiano do local: ações e atuações do padre e suas redes sociais, as práticas de justiça e honra entre os imigrantes, esmiuçando o atentado que resultou posteriormente a morte do padre. O estudo usou como fontes os processos-criminais que, no decorrer da pesquisa, foram cruzadas com outras fontes oficiais e não-oficiais. Segundo Vendrame (2013),

Na presente tese, optou-se por uma perspectiva de análise que encontra nas fontes judiciais informações sobre episódios e protagonistas locais, e que informa sobre práticas sociais frequentes e ações coletivas que correspondem a determinado sistema de valores e costumes. Os documentos criminais são definidos como os traços concretos de uma cultura, pois apresentam sinais que permitem a reconstrução de uma realidade histórico-cultural (p.23).

Padre Luiz Sponchiado era um sacerdote que tinha noção do seu papel perante a sociedade no qual vivia. Os autores citados acima, nos darão subsídios para investigar, narrar e analisar a respeito das formas que ele agiu na região da Quarta Colônia, tendo a Igreja Católica como guia e proteção. Dessa forma, o sacerdote construiu e articulou

meios de evitar o processo de degradação da cultura italiana na região da Quarta Colônia. Inicialmente, com os processos de emancipação, na tentativa da criação de uma unidade. Como o projeto não deu certo, estabeleceu outras formas para constituir um sentimento de pertencimento. Assim, através das comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, do Centenário da Colonização de Nova Palma, da construção do CPG e da promoção de festas de família, o pároco trabalhou no processo de rememoração da imigração e colonização entre a comunidade local, reforçando a identidade italiana, reinventando a Quarta Colônia.

Para uma melhor compreensão, a dissertação foi dividida em três capítulos: *1) A decisão de emigrar: o processo migratório no RS a partir da família Sponchiado*; que abordará o processo emigratório para o sul do Brasil, as estratégias de partida e sobrevivência nos lotes de terras na colônia Silveira Martins, bem como a circulação de imigrantes e descendentes de italianos nas regiões coloniais, a partir da família Sponchiado. No capítulo 2, intitulado *Da instrução escolar ao sacerdócio: meios e possibilidades da vocação religiosa*, irá tratar do interesse da família Sponchiado em enviar os filhos – no caso, o menino Luiz Sponchiado – à escola e, na sequência, ao seminário, bem como entender o papel desempenhados pelos padres em pequenas comunidades. O último capítulo, *A (re)invenção da Quarta Colônia*, irá trabalhar com as forma e os meios encontrados por padre Luiz Sponchiado para construir a história das famílias de imigrantes e descendentes de italianos na Quarta Colônia, criando uma memória local voltada aos antepassados e reconfigurando e consolidando uma identidade de matriz italiana.



## 1. A DECISÃO DE EMIGRAR: O PROCESSO IMIGRATÓRIO NO RS A PARTIR DA FAMÍLIA SPONCHIADO

*Eu sinto saudade dos meus velhos avôs – que me contaram as velhas histórias da colonização*<sup>12</sup>.

No final do século XIX, inúmeros imigrantes italianos chegaram ao sul do Brasil. Alguns fugiram da miséria que assolava os campos e as cidades em virtude da expansão do capitalismo e das novas formas de produção adotadas pela recém-unificada Itália<sup>13</sup>. Outros procuraram melhores chances de trabalho no cenário urbano. E sem esquecer que havia aqueles que buscavam na aquisição de lotes de terras a oportunidade da ascensão econômica<sup>14</sup>. Os diferentes motivos da decisão de emigrar denunciaram a heterogeneidade do complexo processo migratório vivido entre a Itália e o Brasil<sup>15</sup>.

O Brasil adotou uma política imigratória para receber estrangeiros com o intuito de substituição da mão de obra escrava pela assalariada nas lavouras de café em São Paulo<sup>16</sup>. No Rio Grande do Sul havia um projeto de colonização que “visava proteger fronteiras e dinamizar mercado regionais” (ZANINI, 2006, p.52). Dessa forma, os imigrantes italianos que chegavam ao Rio Grande do Sul, recebiam um lote de terras, casa provisória, ferramentas, sementes, assistência médica e educacional e trabalho pago até o lote produzir, na abertura de estradas, trabalho equivalente há 15 dias ao mês (MAESTRI, 2005)<sup>17</sup>.

Contudo, diante de tantos indivíduos e grupos que optaram por migrar, escolhemos uma família como meio de observação para compreender o processo imigratório no

<sup>12</sup> Entrevista realizada com Padre Luiz Sponchiado. In: **Jornal Integração**, Restinga Seca-RS, de 24 de março a 1º de abril de 2005.

<sup>13</sup> A Itália foi unificada em 1863.

<sup>14</sup> O Governo Imperial adotou a política de favorecimento à imigração europeia com o propósito de substituir os escravos das fazendas paulistas e também criar um grupo social de pequenos proprietários rurais (nesse último caso, especialmente no sul do país). Ao privilegiar os brancos europeus, o Governo Imperial também tinha o propósito de branquear a população brasileira através da miscigenação. A possibilidade de tornarem-se proprietários de terra fez com que muitos italianos se instalassem no RS e promovessem a vinda espontânea de familiares e amigos (ZANINI, 2006).

<sup>15</sup> Vale ressaltar que, no século XIX, estrangeiros de outros países europeus também migraram para o Brasil, como os alemães, os polacos, os espanhóis e os portugueses.

<sup>16</sup> Os donos de fábricas consideravam a mão-de-obra europeia como melhor capacitada do que a nacional, e principalmente melhor do que a ex-escrava. Vale pontuar que muitos proprietários destas fábricas eram imigrantes ou descendentes, o que os motivavam a contratar pessoas de sua etnia, seja por simpatia quanto por solidariedade (ZANINI, 2006).

<sup>17</sup> Mario Maestri (2005) aborda a imigração italiana desde o processo da partida da Itália até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Ele demonstra como foi construído o mito do imigrante e como aconteceu a criação de uma visão de sucesso colonial, resultado de uma vocação étnica.

Brasil, no final do século XIX: a família Sponchiado, que chegou ao Rio Grande do Sul em 1886. Foram encaminhados para a ex-colônia Silveira Martins<sup>18</sup>, onde adquiriram os lotes de terra no núcleo Novo Treviso.

Dessa forma, ao utilizar essa família como meio de análise, pretende-se entender algumas características do processo imigratório no sul do Brasil, algumas estratégias de sobrevivência e as relações mantidas entre o indivíduo e o grupo social, diante de escolhas e decisões tomadas por indivíduos que possuem certa consciência e racionalidade. Pensando nisso, a historiadora Simona Cerutti (1998), através de uma análise processual, busca reconstituir os grupos sociais através das relações que os indivíduos desses grupos mantinham entre si. E a historiadora italiana ainda compartilha que,

O indivíduo pode ser visto como um ser racional e social que persegue objetivos; as regras e os limites impostos às suas próprias capacidades de escolhas estão essencialmente inscritos nas relações sociais que mantém. Eles se situam na rede de obrigações, de expectativas, de reciprocidade que caracteriza a vida social (CERUTTI, 1998, p.189).

A relação que padre Luiz Sponchiado manteve com seu núcleo familiar será um importante elemento para compreender como ele iniciou seu projeto de vida profissional, enquanto sacerdote e pesquisador das famílias dos demais descendentes de italianos que vivenciaram o processo de imigração e colonização na região da Quarta Colônia – e, a partir daí, entender como ele colaborou e fortaleceu a “identidade italiana” da região.

O sacerdote recebeu influência da historiografia tradicional da imigração italiana, aquela que aborda o processo em forma de saga. Seus autores, na maioria são religiosos e descendentes de imigrantes, registraram a imigração italiana no Rio Grande do Sul como um extraordinário feito realizado por homens e mulheres corajosos e determinados. Esses relatos passaram a ser registrados com mais frequência a partir do Centenário da Imigração Italiana no Estado (evento que o padre Luiz também participou e organizou na Quarta Colônia). Destacamos alguns autores que fazem parte dessa historiografia: Manfroi (1975) e Costa (1974). Segundo Manfroi (1975, p.56), “a história dessa epopeia foi marcada por lutas e sofrimento, mas o sucesso final suscita em todos os que a conhecem, uma profunda admiração”. Além disso, esses autores

---

<sup>18</sup>E ex-colônia Silveira Martins foi emancipada em 1886 e dividida territorialmente entre três municípios: Santa Maria, Júlio de Castilhos e Cachoeira do Sul. É o quarto núcleo de colonização no Rio Grande do Sul, sendo criado em 1877.

utilizavam como fontes de pesquisa os depoimentos orais de descendentes de italianos e seguiam determinada metodologia de utilização das fontes: “ouvir tudo e relatar somente o que representa a concordância da maioria. Situações e fatos que não evidenciaram unanimidade foram abolidos” (COSTA, 1974, p.8). Constata-se que, dessa forma, a historiografia épica ocultou inúmeras situações do cotidiano e vivência dos imigrantes italianos na colônia.

Para investigar a trajetória desse grupo familiar de imigrantes italianos, foram analisados e questionados grande quantidade de manuscritos produzidos pelo padre Luiz Sponchiado, com o intuito de entender como o pároco compreendia a história da própria família<sup>19</sup>. Esses manuscritos são encontrados em *caixas de família*<sup>20</sup> no Centro de Pesquisas Genealógicas e, foram produzidos, primeiramente, a partir da memória que o sacerdote tinha das conversas com os avôs imigrantes. Posteriormente, foram acrescentadas de informações obtidas em documentos de importantes acervos, como o Arquivo do Rio de Janeiro, Hospedaria da Ilha das Flores, Arquivo Público do RS e Arquivo Histórico do RS, sendo pesquisas realizadas pelo próprio padre.

Entre alguns membros dessa família estão os avós paternos do sacerdote – Luigi Sponchiado e Elisabetha Boscheratto, italianos que saíram de Carbonera e se estabeleceram em Novo Treviso –, com quem conviveu na infância. Foi de seus antepassados que o padre escutou pela primeira vez as histórias da colonização e imigração, que “levou a pesquisar a genealogia dos mesmos, procurando documentar o que ouvira dos avôs, que muito e tantas vezes falavam dos fatos e feitos da Aventura Imigratória”<sup>21</sup>. Porém, o que cabe salientar é que a busca pela história dos imigrantes e descendentes de italianos na Quarta Colônia teve seu primeiro impulso quando o sacerdote pesquisou a história de sua própria família. Contudo houve outros acontecimentos que – como serão trabalhados nos próximos capítulos –, conduziram o padre Luiz Sponchiado a estudar a história de origem italiana da região.

Vale mencionar que a trajetória aqui estudada não afirma que as trajetórias das famílias de imigrantes de italianos foram iguais. O que será demonstrado aqui são as

---

<sup>19</sup> Sobre a análise crítica documental realizada nos manuscritos de Padre Luiz Sponchiado, buscou-se inspiração nas reflexões de Ângela de Castro Gomes (2004, p.15), quando retrata que “o trabalho de crítica exigido por essa documentação não é maior ou menor do que o necessário como qualquer outra, mas precisa levar em conta suas propriedades, para que o exercício da análise seja efetivamente produtivo”.

<sup>20</sup>São caixas (de camisa) que são identificadas com os sobrenomes de famílias italianas e, dentro delas contém a maior diversidade de documentos a respeito dessa família.

<sup>21</sup>**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

peculiaridades de uma entre tantas outras famílias e indivíduos que optaram pela decisão de emigrar da Itália para o Brasil. E ainda, dentro da família Sponchiado, percebeu-se que os indivíduos possuem características próprias – com as ações, os limites, as decisões e as estratégias diferentes.

Cabe salientar que os manuscritos que serão analisados e questionados nessa pesquisa abordam os processos de imigração e colonização de forma laudatória, exaltando<sup>22</sup> a figura do imigrante, com sua família, através da luta diária com o trabalho na terra e da religiosidade católica. Porém, esses documentos são de extrema relevância, pois o sacerdote revelou os acontecimentos da família – situações essas que não foram negadas, mas consistem na versão que o sacerdote dava aos fatos<sup>23</sup>. Cercada dos limites e das possibilidades da fonte, os manuscritos tornam-se essenciais para compreender como a família Sponchiado se inseriu no processo imigratório e assim, reconstituir as estratégias de sobrevivência utilizadas por esse núcleo familiar, bem como a imagem que padre Luiz Sponchiado criou de sua família e que ele quis passar e deixar para a comunidade.

Enfim, para compreendermos melhor a situação da família Sponchiado, nos conduziremos para o ano de 1885, na comuna de Carbonera, na Província de Treviso, na recém unificada Itália. Nesse local, segundo os manuscritos do padre, a família vivia e mantinha um açougue. Os rumores da emigração para o sul do Brasil despertaram na família a possibilidade de emigrar. Contudo, entre a decisão de emigrar ou não, esse núcleo familiar optou por estabelecer algumas estratégias que os assegurariam de garantias quando estabelecidos no Brasil.

### **1.1 A decisão de emigrar:**

A comuna de Carbonera está localizada a 5 km da cidade provincial de Treviso, na região do Vêneto, como mostra o mapa abaixo. O nome da comuna seria proveniente de uma fortificação que armazenava carvão para a fabricação de objetos e armas de ferro,

---

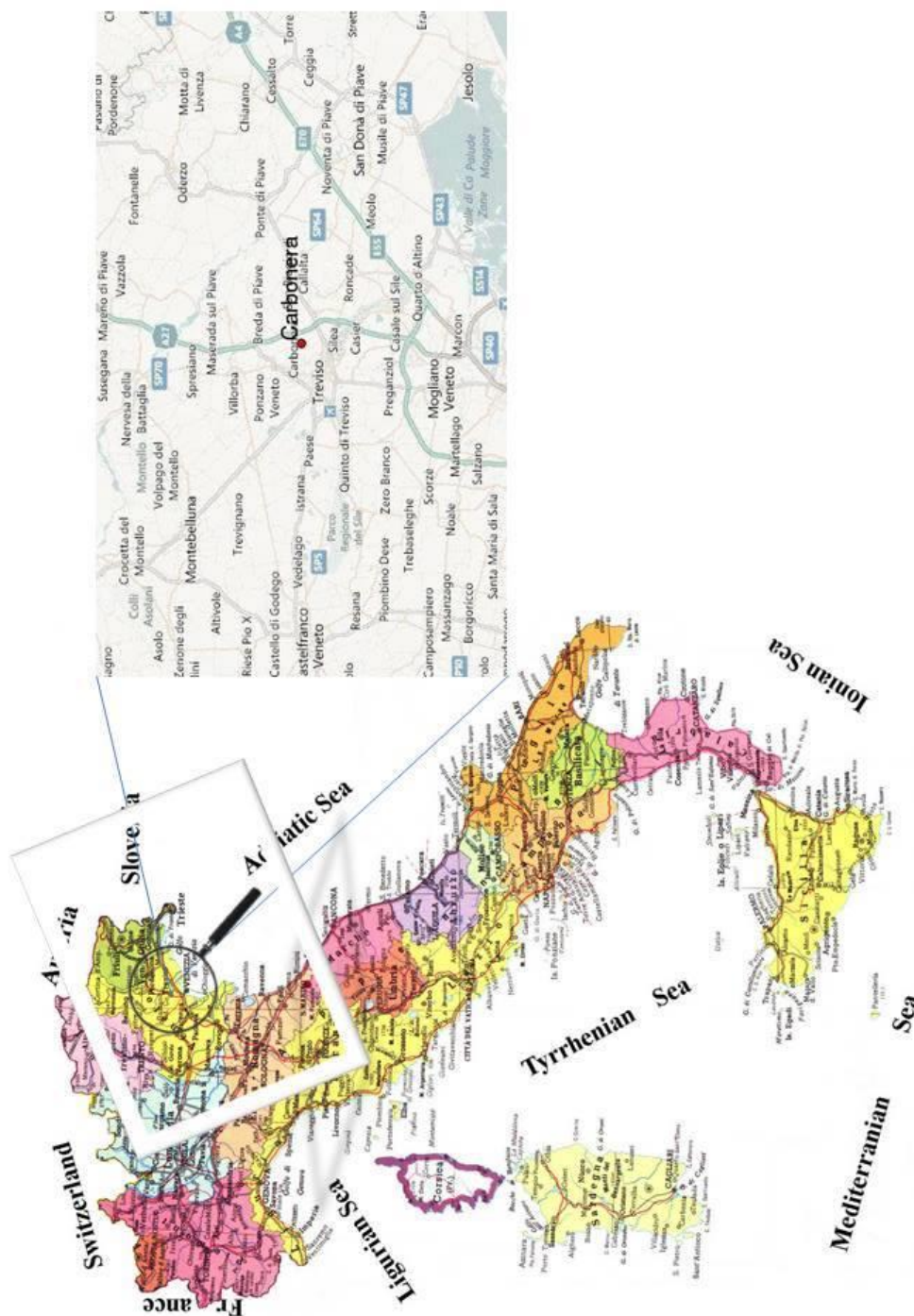
<sup>22</sup>Manfroi (1975, p.121) aborda o trabalho diário da família imigrante, descrevendo o colono como um “trabalhador incansável, rude e persistente”. “Essas, então, são as qualidades reconhecidas dos imigrantes italianos que chegaram ao RS. Costa (1974, p.10) relatou que “o aspecto religioso revelou uma riqueza extraordinária”, evidenciando que a população imigrante era extremamente religiosa”. Elementos que atualmente são rediscutidos pela historiografia da imigração italiana, através de outras abordagens teóricas e metodologias.

<sup>23</sup> Cabe aqui reforçar a dificuldade com o trato desse tipo de fonte, por tal documentação ter sido escrita pelo sacerdote. Ao utilizar a história oral e a memória dos outros, o pároco equivocou-se em informações se comparadas com outros documentos oficiais.

ou da queima da lenha para fabricar carvão. No final do século XIX, a população de Carbonera era formada, em sua maioria por camponeses, proprietários ou arrendatários de terra. Contudo, existiam também outros profissionais como os artesões, fabricantes de papel, carpinteiros, lavadeiras, costureiras, sapateiros, ferreiros e pescadores<sup>24</sup> (SPONCHIADO, 1996).

---

<sup>24</sup> Isso reforça a ideia de que nem todos os italianos que chegaram ao Brasil eram camponeses. Muitos exerciam outras atividades profissionalismo do país de origem.



**Figura 1:** Localização de Carbonera - adaptação  
**Fonte:** <http://www.comune.carbonera.tv.it/web/carbonera>

Entretanto, após a unificação da Itália em 1863, o país viveu transformações de cunho político, econômico e social, em decorrência da inserção do país num projeto capitalista e liberal<sup>25</sup>. Começou-se a desenvolver um mercado nacional, modificaram-se

<sup>25</sup> No sentido de um favorecimento à importação de produtos agrícolas (uma medida de caráter liberal) teve um impacto muito grande no meio rural italiano e dificultou ainda mais a situação da classe trabalhadora.

as relações de produção, com a mecanização do campo e o crescimento industrial urbano<sup>26</sup>. A historiadora Luiza Horn Iotti (2001) analisou pela perspectiva do poder a imigração italiana para o Rio Grande do Sul, a partir de relatórios consulares italianos e brasileiros. Utilizou-se do olhar “dos de cima”, para produzir a história dos imigrantes vindos “de baixo”. Sobre esse processo, a autora acrescenta:

foi realizado às custas das camadas populares, excluídas do processo produtivo nacional em decorrência da expansão do capital e da concentração dos meios produtivos. Os camponeses foram expulsos da terra. O pequeno artesanato destruído. A indústria mostrou-se incapaz de absorver a mão-de-obra disponível. Sem terra e sem trabalho, os trabalhadores pobres formaram um excedente populacional que representava uma ameaça ao equilíbrio da sociedade italiana (p.39).

Em outra reflexão sobre essa ideia, Vendrame (2013) propõe a superação do “modelo expulsivo” para explicar o movimento migratório, dando destaque para o papel do indivíduo e suas escolhas. Atribuiu relevância à circulação entre comunidades no meio camponês, a partir de migrações de curta e/ou longa distância. Essa circularidade estaria ligada às condições particulares de cada local. Os rumores provocados pela emigração eram um fato na Itália, contudo, em cada local eles eram ampliados por motivos particulares: parentes que já haviam migrado, padres que incentivavam, leis que asseguravam, condições de pobreza e a oportunidade tornar-se proprietário de terra. E a autora complementa:

[...] a explicação “rígida” apresentada pelo “modelo expulsivo”, que condicionava os movimentos migratórios a variáveis econômicas, políticas e à consequência direta dos processos de liberação da força de trabalho para a indústria, começou a mostrar sinais de fraqueza diante da incapacidade de aprender os aspectos fundamentais do “fenômeno multiforme”, como o das migrações (VENDRAME, 2013, p.140).

É nesse cenário em transformação que encontramos Domenico Sponchiado. O patriarca era casado com Mariana Barbon Martin, com quem teve sete filhos: Luigi, Antônio, Giuseppe, Giuseppina, Vincenzo, Luigi Constante e Ângelo. Seu filho primogênito Luigi faleceu logo após nascer. O restante dos filhos auxiliava o pai no

---

<sup>26</sup> Sobre as transformações vividas pela recém-unificada Itália, os autores Maestri (2005) e Favaro (2006) também contribuíram para apresentar o cenário italiano anterior e durante a imigração. Quando se deu a unificação da Itália, o país vivia de uma agricultura atrasada, com uma população de 26 milhões de habitantes, que viviam com escassos recursos naturais e poucas terras agricultáveis (MAESTRI, 2005). Além disso, a situação se agravava devido às manifestações e greves dos italianos pelo descontentamento em relação às más condições de trabalho, isso quando havia, e pelo desemprego. Através do descontentamento dos trabalhadores, o operariado urbano passou a organizar sindicatos e cooperativas (FAVARO, 2006).

negócio da família: um açougue. Domenico era dono de um açougue que abastecia de carne suína o posto policial de Treviso (SPONCHIADO, 1996). Todavia, um dos filhos de Domenico, Luigi Constante, além de “ajudar o pai no açougue”<sup>27</sup>, desempenhava outras atividades esporádicas, como cuidar “de velórios noturnos na Igreja”<sup>28</sup> e “arrancavam ‘giara’(espécie de arreião) para o leito da estrada”<sup>29</sup>. É provável que a renda do açougue não fosse suficiente para sustentar uma família ampla, como a dos Sponchiado. Dessa maneira, era necessário buscar outros meios para o sustento familiar. Pensando nisso, não seria estranho que o filho de Domenico tivesse uma segunda forma de ganhar dinheiro: empregava-se na retirada de materiais como areia e pedras para a construção de estradas. Além disso, cuidava de velórios noturnos. O açougue era o único bem da família e era à base do sustento econômico<sup>30</sup>. Contudo, havia a necessidade de ter outras fontes de renda, que auxiliassem na subsistência da família.

As informações indicam que o único bem da família Sponchiado era o açougue. Viviam economicamente através desse estabelecimento que abatia e vendia carne e ainda necessitavam da renda extra de trabalhos esporádicos que eram praticados por alguns membros do núcleo familiar. Ao refletir sobre a pluralidade de profissões dos imigrantes, a autora Vânia Herédia (2010) abordou a inserção dos imigrantes italianos na formação econômica da região colonial do Rio Grande do Sul. E identificou que muitos dos imigrantes se designavam agricultores devido à política de colonização, mas, ao investigar a trajetória econômica e o perfil dos colonos, percebeu que traziam uma diversidade de profissões. E complementa a autora:

[...] construiu-se uma hipótese de trabalho que pressupõe que nem todos os italianos eram camponeses; que um número considerável trazia experiências anteriores, baseada no trabalho artesanal, oriundas de tradições mantidas por gerações, que se tornaram ofícios nas áreas de imigração (HERÉDIA, 2010, p.129).

Além disso, o sistema tributário que havia sido inserido na Itália recém-unificada foi outro elemento que interferiu no agravamento das condições de vida dos camponeses e pequenos comerciantes. Os altos impostos cobrados pela aduana de Treviso pela carne

<sup>27</sup> **Manuscritos de padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>28</sup> Id., Caixas referentes ao padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>29</sup> Id., Caixas referentes ao padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>30</sup> Não há indícios, nos manuscritos do padre Luiz Sponchiado que sua família possuía propriedade de terras e/ou que trabalhassem nelas. Contudo, o sacerdote indicou que antecedentes dos Sponchiado poderiam ter possuído terras.



suína faziam os Sponchiado criassem estratégias para burlar a fiscalização, através de “truques usados para sonegar a aduana da cidade murada de Treviso”<sup>31</sup>, os quais “consistia [m] em levar os manufaturados suínos amarrados em baixo da saia da mana Luigia (Bia), que se prestava, pois era robusta!”<sup>32</sup> Segundo Iotti (2001, p.36), “os impostos aumentaram excessivamente, pois era preciso cobrir os gastos com a montagem do Estado e recuperar o atraso histórico em que o país se encontrava...”. Dessa forma, com o excessivo aumento dos impostos, os filhos de Domenico encontraram estratégias para trapacear e burlar a fiscalização. É possível que esse fato fosse algo corriqueiro, que outros indivíduos também burlassem os altos impostos cobrados na Itália. O fato de apresentar o caso dos Sponchiado não significava que esse núcleo familiar fosse o único que burlava os impostos.

Até determinado momento, que não se conseguiu precisar devido à falta de fontes, os filhos de Domenico auxiliaram o pai no açougue. Entretanto, anterior à decisão de emigrar, Luigi Constante e Ângelo teriam prestado o serviço militar e a filha Giuseppina teria casado, deixando o lar da família. Isso implicava na diminuição da força de trabalho no açougue. Posteriormente, outros filhos também optaram pelo matrimônio: Giuseppe casou-se com Mariana Rosso, com quem teve sete filhas, e Vincenzo casou-se com Elisabetha. A família, que perdera força de trabalho com os filhos que saíram de casa, ganhava novos elementos (crianças pequenas, filhas dos novos casamentos) para sustentar.

É curioso que a “grande” família Sponchiado que vivia dos lucros do açougue, da inadimplência de impostos sobre a carne e ainda, dos trabalhos esporádicos, tenha tomado a decisão de emigrar<sup>33</sup>. Precisava de terras para instalar a família que crescia. Portanto, constata-se aqui a decisão de emigrar como uma escolha tomada em família. De acordo com Vendrame (2013, p.139-140), “o papel dos indivíduos e as suas escolhas frente às transformações mais amplas assumiram posição crucial para estudiosos dos fluxos migratórios”.

Em um significativo número de manuscritos analisados, encontrou-se mais de uma versão sobre o mesmo fato narrado pelo padre. Isso pode evidenciar erros do sacerdote

---

<sup>31</sup>**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>32</sup> SPONCHIADO, Breno Antônio. **Imigração & 4º Colônia: Nova Palma & Pe. Luizinho.** Santa Maria: Editora UFSM, 1996. P.111

<sup>33</sup>A população do norte da Itália tinha necessidade de buscar emprego e, por isso, o hábito de realizar migrações temporárias. Há indicações de que os filhos de Domenico teriam nascido em locais diferentes, sendo possível a possibilidade de uma movimentação interna da família. Segundo Iotti (2001, p.39), “[...] a emigração era pequena e apresentava caráter temporário antes da unificação”.

no momento de interpretação e leitura de documentos, bem como uma confusão de memória<sup>34</sup>. Isso deve ser ressaltado porque foram encontrados dois manuscritos do padre Luiz Sponchiado que indicam duas possibilidades de como surgiu a ideia e a iniciativa de emigração por parte desse núcleo familiar. A primeira teria sido através de Luigi Constante, quando participou do “estágio militar, que tornou Luigi um defensor da ideia e da iniciativa de emigrarem, assunto trazido e discutido por companheiros. Ao dar baixa, levou a proposta a Carbonera, onde se tornou o primeiro a partir com o contraparente jovem Antônio Rosso para a aventura”<sup>35</sup>. Nisso percebemos como as informações circulavam entre os indivíduos e o alcance que atingiam.

A outra possibilidade teria vindo através de correspondências enviadas por compatriotas já estabelecidos no Brasil. Dessa forma, a família teria recebido “dos Dottos, já imigrados em Vêneto<sup>36</sup>, uma carta com informações de que havia trabalho e bem remunerado na estrada de ferro PA<sup>37</sup>-Santa Maria...”<sup>38</sup>. Afinal, a troca de correspondências entre os que haviam partido da Itália e os que permaneciam no país tornou-se outro meio que possibilitou e incentivou a emigração, pois elas traziam informações sobre o que encontrariam no Brasil.

Vendrame (2013), em sua tese de doutorado, identificou através da análise de cartas a conexão entre a Itália e o Brasil. Através dessa circulação de correspondências foi possível perceber as estratégias colocadas em prática pelos imigrantes italianos, bem como mostrar como as partidas foram organizadas. A autora entendeu que a troca de cartas proporcionou a passagem de grupos familiares para o outro lado do Atlântico, além de compreender o papel ativo desses imigrantes italianos. Acrescenta ainda Vendrame (2013, p. 439):

Tanto na península itálica quanto no sul do Brasil, percebeu-se a utilização das cartas por partes dos camponeses como recurso valioso de circulação de notícias. Desse modo, é possível perceber o quanto as ligações entre os imigrantes e aqueles que haviam permanecido nos lugares de origem influíram na adesão da emigração definitiva. Os vínculos sociais forjados na terra natal possibilitaram a constituição de redes de apoio e transferências que tinham uma forte base comunitária.

---

<sup>34</sup> Segundo Gomes (2004, p.10), “não são muito freqüente pesquisas históricas que se concentrem na exploração desse tipo de fonte”. No entanto, esse tipo de fonte requer cuidado na utilização, na análise e no procedimento de crítica no que envolve a mentira e/ou o erro no documento.

<sup>35</sup> **Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado**. Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>36</sup> Refere-se ao núcleo Vale Vêneto – atualmente localidade do município de São João do Polêsine-Rs.

<sup>37</sup> Refere-se à cidade de Porto Alegre.

<sup>38</sup> Id. Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

Decididos a emigrar e devido às incertezas do que poderiam encontrar no Brasil, a família Sponchiado resolveu enviar apenas um membro da família – Luigi Sponchiado, solteiro, de 27 anos – para se certificar das garantias e oportunidades no outro lado do Atlântico. O rapaz, ao emigrar para do Brasil, poderia obter informações sobre a instalação dos conterrâneos, contando sobre as vantagens e desvantagens do estabelecimento em solo brasileiro e repassar aos parentes que permaneciam na Itália.

Para obter dados e datas precisas sobre a vinda de seus familiares, padre Luiz Sponchiado realizou uma pesquisa de campo no Rio de Janeiro, percorrendo o Arquivo Nacional e a Hospedaria da Ilha das Flores. Dessa viagem, trouxe a relação de vapores – data de embarque e desembarque, número de pessoas, origem – de centenas de imigrantes que chegaram ao Brasil. Por fim, “em abril de 1885, embarcou<sup>39</sup>” Luigi, rumo ao outro lado do Atlântico. Nesse sentido, Vendrame (2013, p.439) afirma que a decisão de emigrantes “não se assentavam apenas sob iniciativas individuais, pelo contrário, eram traçadas a partir de projetos coletivos que incluíam a família extensa e a parentela”. Constata-se, assim, a estratégia usada pela família para migrar com certa segurança, ao enviar primeiramente um membro da família para lhes informar posteriormente às garantias e possibilidades que poderiam encontrar no novo território.

Em oito de agosto de 1885, Luigi e mais um grupo de italianos aportava no Rio de Janeiro e, logo foram alojados na Hospedaria da Ilha das Flores<sup>40</sup>. Nesse local, Luigi Sponchiado foi identificado no item “profissão” como “trabalhador” (Sponchiado, 1996). Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes eram alojados gratuitamente por oito dias nas hospedarias e, depois, eram dirigidos para suas zonas de destino. De acordo com Trento<sup>41</sup> (1988 p.45-46):

[...] se decidiam arriscar a carta de colonização, o governo providenciava a viagem deles até os núcleos coloniais, geralmente no sul do país; se optavam pela fazenda (e, no caso de São Paulo, era difícil escapar dela), esperavam nas hospedarias os fazendeiros, que, através de intérpretes quase nunca dignos de confiança, ilustravam condições e salários, com base nos quais o colono fazia a sua escolha, estipulando um contrato verbal e, pois, de

<sup>39</sup>**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>40</sup> A Hospedaria da Ilha das Flores foi a primeira hospedaria fundada no Brasil, em 1879.

<sup>41</sup> Ângelo Trento analisou o processo migratório italiano, do final do século XIX até 1960, através das relações dos imigrantes com a sociedade brasileira. Caracterizou a vida dos imigrantes no Brasil a partir da fundação de instituições e escolas por parte dos italianos, o envolvimento dos imigrantes italianos no movimento operário brasileiro (a população migrante que se destinou ao meio urbano empregou-se, em sua maioria, nas fabricas e indústrias dos grandes centros). O período pós-guerra também ganhou destaque na obra do autor, no qual o fluxo migratório se reduziu e os imigrantes sofreram o processo de assimilação.

improvável execução, sem poder ter nenhuma garantia quanto à seriedade e à solvência do proprietário.

Nesse caso, Luigi e um grupo de imigrantes decidiram encaminhar-se para os núcleos coloniais no Rio Grande do Sul, partindo no mesmo mês para Porto Alegre. Da capital até a Sede da Ex-colônia<sup>42</sup> Silveira Martins, utilizaram o transporte fluvial e ferroviário. O sacerdote também indicou que, quando Luigi chegou à região colonial, encontrou emprego na estrada de ferro, trecho entre Arroio do Só e a Estação Colônia<sup>43</sup>, pois muitos imigrantes italianos acabaram empregando-se na estrada de ferro. Contudo, nos manuscritos não foi encontrado nenhum indício de onde Luigi teria se estabelecido, foi apenas indicado o emprego do avô.

Nos dias em que tinha folga, o rapaz recebia abrigo de grupos de famílias<sup>44</sup> de imigrantes italianos que estavam estabelecidos no núcleo Vale Vêneto. É provável que nas rodas de conversas com essas famílias tenha ficado sabendo que seus compatriotas estavam adquirindo lotes de terra, financiados pelo Governo Provincial. Segundo a autora Vânia Herédia (2010), as terras foram cedidas para o estabelecimento de imigrantes, através de uma política imperial que almejava a ocupação territorial. Contudo, os imigrantes italianos encontraram no sul do Brasil “a possibilidade de transformarem-se em pequenos proprietários e serem os formadores dos núcleos coloniais [...] uma condição inexistente no país de origem” (Herédia, 2010, p.128).

Luigi Sponchiado, ao saber da possibilidade de adquirir lotes de terras e tornar-se proprietário, “apressou-se em escrever aos seus [familiares], que viessem”<sup>45</sup>. Essa informação implica em dizer que essa família tinha alguma noção de escrita e leitura, portanto, poderiam ser alfabetizados. Entretanto a troca de correspondência<sup>46</sup> evidenciava a relação efetiva que os imigrantes no Brasil mantinham com quem estava no outro lado do Atlântico. E, além disso, com a possibilidade de tornarem-se pequenos proprietários, pois muitas vezes o correspondente “solicitava aos familiares para que viessem logo, pois se tornariam ‘afortunados’ ao trabalharem nas novas terras e nos serviços temporários nas estradas coloniais” (VENDRAME, 2013, p.156).

---

<sup>42</sup> A colônia Silveira Martins foi criada em 1877, quando chegaram os primeiros imigrantes. Em 1882, a colônia foi emancipada e seu território foi dividido entre três municípios: Santa Maria, Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos.

<sup>43</sup> Atualmente é Camobi, bairro da cidade de Santa Maria.

<sup>44</sup> Seriam as famílias de Paulo Bortoluzzi e dos Dotto.

<sup>45</sup> **Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>46</sup> Segundo Saquet (2003), muitos italianos emigraram motivados pelos convites de parentes e amigos que já haviam emigrado e se faziam residentes no Brasil.

Assim, como outras famílias e indivíduos que experimentaram o processo de emigração para o outro lado do Atlântico, a família Sponchiado, ao receber a correspondência de Luigi, resolveu emigrar para o sul do Brasil, “movidos pela vontade, pelo desejo da propriedade e de viver melhor” (SAQUET, 2003, p.67). Segundo o mesmo autor, a probabilidade de se tornarem proprietários de terras e/ou de terem um emprego impulsionou aqueles italianos a migrarem para o outro lado do Atlântico, ainda mais quando tinham o conhecimento do que podiam encontrar no Brasil.

Com isso, a família Sponchiado providenciou os passaportes e as passagens marítimas com a venda de alguns utensílios. O açougue, negócio que pertencia à família, ficou como herança para Antônio, um dos filhos que não migrou. A única filha mulher da família casou-se e também não emigrou. Nesse ponto, vale ressaltar sobre os dois aspectos: a permanência de membros da família na Itália à frente do estabelecimento comercial. Desta forma, apesar da situação em que viviam, percebe-se que nem todos os integrantes do núcleo familiar decidiam emigrar, conotando assim que as pessoas pensavam e agiam de formas diferentes seguindo seus próprios interesses, e ainda sem esquecer que a permanência de um parente com um negócio próprio poderia ser uma garantia de vínculos e conservação da possibilidade de retornar caso não desse certo da vida do outro lado do Atlântico.

Desta maneira, no último dia do ano de 1885, os Sponchiado embarcaram no vapor. Faziam-se presentes: Domenico e a esposa Mariana, os filhos Ângelo (solteiro), Vincenzo (casado com Elizabetha) e Giuseppe (casado com Mariana Rosso e acompanhado de sete filhas). Os mesmos aparecessem comprando lotes próximos no núcleo de Novo Treviso, na ex-colônia Silveira Martins (SPONCHIADO, 1996).

As condições em que viviam os imigrantes durante a travessia eram precárias. Os passageiros eram mal alimentados, quando não comiam alimentos deteriorados. Muitos encontravam amontoados, dormindo no chão ou em beliches. O local era propício para a proliferação de epidemias, muitas vezes levando os passageiros a morte (TRENTO, 1988). Contudo, a família Sponchiado encontrou uma maneira de amenizar as péssimas condições da viagem: “os sofrimentos do mar, foram em parte, aliviados porque ‘Êto<sup>47</sup>’ entrou no serviço de distribuição de alimentos aos 1800 navegantes amontoados no navio”<sup>48</sup>. É provável que não fossem os únicos que encontraram meios de melhorar as condições dos navios. Contudo, os Sponchiado, mesmo nas condições

---

<sup>47</sup> Era o apelido de Ângelo Sponchiado.

<sup>48</sup> **Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

adversas que se apresentavam na travessia, a família encontrou alternativas para amenizar as péssimas condições, através do trabalho de um dos membros familiares na distribuição de alimentos.

Por meio do estudo da família Sponchiado é plausível alargar as possibilidades de interpretação do objeto de estudo, intensificando os possíveis cruzamentos entre os indivíduos e grupos, buscando as relações sociais e estratégias individuais ou coletivas no meio no qual vivem. Constatou-se que os italianos articulavam estratégias através de uma rede de informações estabelecida através de cartas e, é provável que tenha sido dessa maneira que a família Sponchiado decidiu emigrar para o sul do Brasil. Com a correspondência trocada entre os que haviam partido e aqueles que ainda permaneciam na Itália era possível obter os dados sobre o estabelecimento de imigrantes em outro país. As cartas possibilitavam a circulação de informações, alargando a probabilidade de recursos na nova terra. Além disso, percebeu-se que, apesar de Luigi Sponchiado ter partido sozinho, o projeto de emigração era coletivo e incluía a maioria dos membros de sua família.

Verificou-se ainda que houvesse a probabilidade da família Sponchiado não possuir propriedade de terra na Itália. A família vivia da renda do açougue que possuía e ainda de trabalhos informais que alguns familiares arrumavam para arranjar dinheiro extra. Constatou-se que houve momentos em que a família perdeu a mão de obra familiar, devido à participação dos filhos no serviço militar e viu a família crescer com os casamentos e nascimentos de crianças. Esses são fatores que provavelmente levaram à família Sponchiado a decisão de emigrar

Contudo, percebeu-se ainda que nem todos os membros da família decidiram emigrar. Houve membros desse grupo familiar que não emigraram, sugerindo que os italianos do norte não visualizavam a emigração de forma uniforme, na tentativa de buscar melhores condições de vida. Além disso, vemos na permanência do negócio familiar uma possibilidade de retornarem à Itália, caso a vida do outro lado do Atlântico não desse certo.

Verificaram-se as estratégias de sobrevivência dessa família através, inclusive, de práticas que burlavam impostos e de inserção vantajosa na distribuição de alimentos no navio em que viajavam para o Brasil. Isto sem falar no envio de Luigi ao Brasil e, dos trabalhos esporádicos para auxiliar no sustento familiar. Assim, a família viu na emigração para o sul do Brasil, a possibilidade de ascensão econômica através da propriedade de terra.

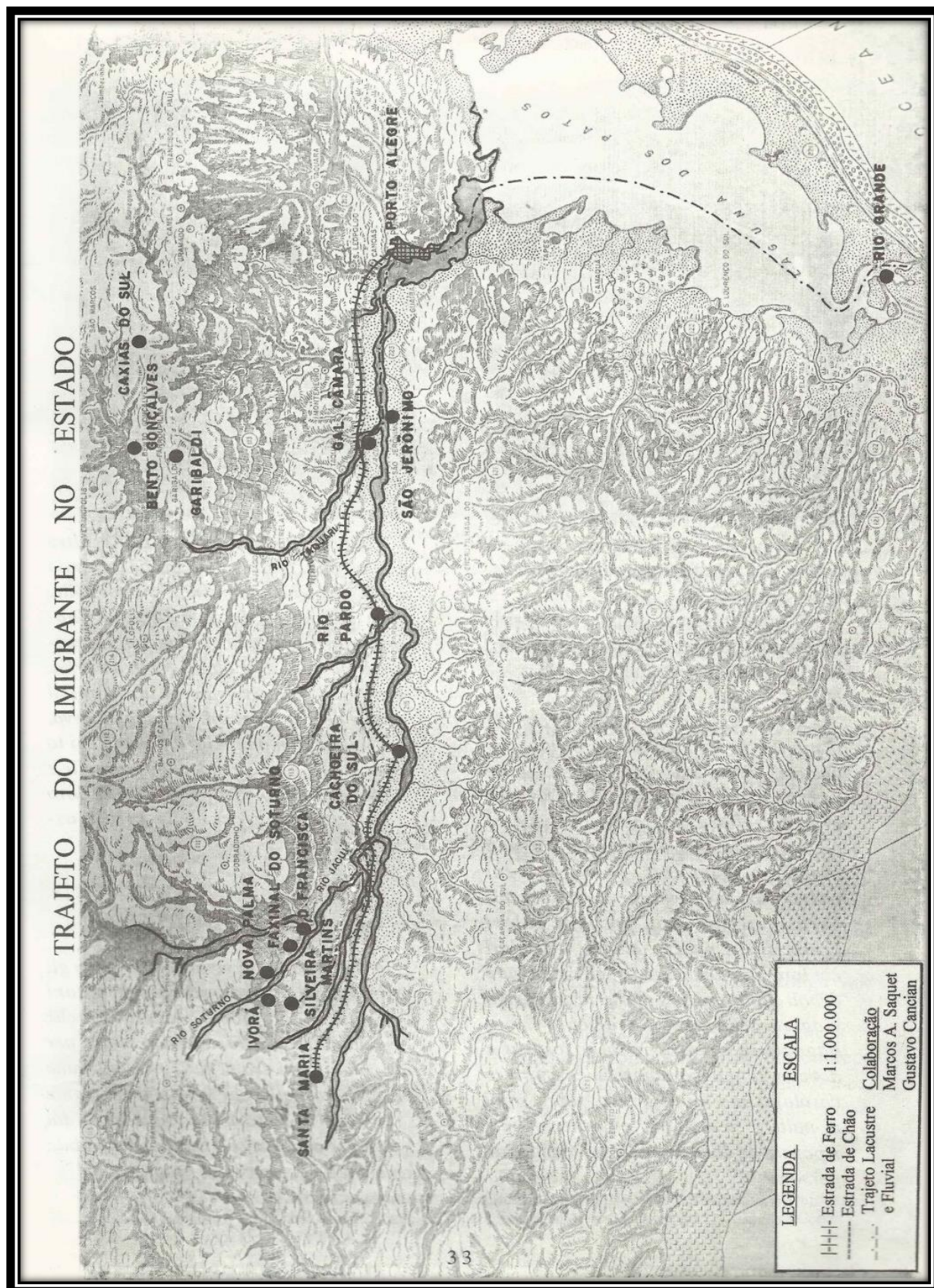
No subcapítulo, o qual será realizado o diálogo sobre o estabelecimento da família Sponchiado no sul do Brasil, na ex-colônia Silveira Martins; a aquisição de lotes de terra no núcleo de Novo Treviso e as estratégias de sobrevivência utilizadas pela família no núcleo colonial.

## **1.2 O estabelecimento no sul do Brasil**

A família Sponchiado desembarcou no Rio de Janeiro no final do mês de janeiro de 1886. Por não apresentarem doenças contagiosas e epidêmicas, ficaram apenas quatro dias na Hospedaria do Imigrante na Ilha das Flores. Em virtude de possíveis doenças, muitos imigrantes que chegavam ao Brasil foram obrigados a permanecer por cerca de 40 dias na hospedaria – a chamada quarentena. Entre as principais doenças estava a varíola, adquirida durante a travessia de navio (TRENTO, 1988). Isso se dava pelos riscos de contato e contágio no navio devido às condições insalubres.

Segundo os dados encontrados nos manuscritos de padre Luiz Sponchiado, a família Sponchiado deslocou-se de navio da cidade do Rio de Janeiro para Porto Alegre, no sul do país. De Porto Alegre prosseguiram a viagem de trem até a Estação Colônia, na região central do Estado, evidenciando já certo conforto dos imigrantes italianos que chegavam à Colônia Silveira Martins. Anteriormente, o trajeto era realizado de barca (até Rio Pardo ou Dona Francisca). Depois os imigrantes seguiam de carretas e/ou a pé até a colônia (SPONCHIADO, 1996). Quando a família Sponchiado chegou à estação, teriam encontrado Luigi trabalhando na sinalização da estrada de ferro.

Em 1885, havia sido inaugurada a estrada de ferro que ligava a capital de Porto Alegre ao município de Santa Maria. Dessa forma, as famílias de imigrantes italianos que chegavam a Colônia Silveira Martins passaram a realizar o trajeto ferroviário (ZANINI, 2006). Através do mapa abaixo é possível perceber a trajetória ferroviária realizada pela família Sponchiado, de Porto Alegre até a Estação Colônia – próxima da Colônia Silveira Martins.



**Figura 2:** Trajeto ferroviário realizado pela família Sponchiado.

**Fonte:** SPONCHIADO, Breno Antônio. **Imigração & 4ª Colônia: Nova Palma & Pe Luizinho.** Santa Maria: Editora UFSM, 1996, p.33.



Vale salientar que, Luigi veio atrás de emprego e da remuneração que ofertavam aqui. Entretanto, no momento em que soube que havia conterrâneos que tinham adquiridos lotes de terras, passou a escrever cartas para a família, pois a correspondência permitia “mudanças menos incertas para a América” (VENDRAME, 2013, p.28).

Então, a família Sponchiado foi encaminhada a ex-colônia Silveira Martins, na região central do Rio Grande do Sul, criada em 1877<sup>49</sup>. Com um projeto inicial de colonização<sup>50</sup>, o governo viabilizou a vinda de imigrantes para tornarem-se proprietários de terra. Houve financiamento de passagens, hospedagem, alimentação, ferramentas, semente, casa e lote de terra. Os colonos deveriam pagar em prestações, com o rendimento da produção agrícola do lote. Primeiramente, estiveram na colônia os imigrantes russo-alemães (1877), contudo a falta de um abrigo e as difíceis condições climáticas do período fez que esse grupo deixasse o local e não efetivasse o projeto inicial de colonização (SPONCHIADO, 1996).

Os imigrantes italianos foram introduzidos na região da Quarta Colônia logo após a saída dos russo-alemães<sup>51</sup>, a partir de 1878. Isso acabou por reforçar a ideia de uma imigração fracassada dos primeiros imigrantes e uma imigração de sucesso aos italianos, pois eles estabeleceram-se no local, enfrentaram dificuldades e, mesmo assim, obtiveram êxito com a colonização (MANFIO, 2013).

Analisando alguns dos manuscritos, questionou-se a respeito do período em que a família Sponchiado chegou à colônia, da acolhida por conterrâneos até que adquirissem lotes de terras, se receberam ou não auxílio dos conterrâneos enquanto aguardavam à espera do lote. É provável que alguns imigrantes italianos estabelecessem redes de solidariedade como uma maneira de se proteger do desconhecido. Vendrame (2013, p.

---

<sup>49</sup> Um dos maiores incentivadores da criação das colônias provinciais no Rio Grande do Sul foi o Senador Gaspar Silveira Martins. Defendia a vinda de imigrantes ao país, pois tinha a “visão de construir um país moderno liberal”. Nesse sentido, estimulou a criação da Colônia Silveira Martins (colônia que recebeu seu nome), localizada aos arredores do município de Santa Maria, na região central do Rio Grande do Sul (PADOIN; ROSSATO, 2013, p.238).

<sup>50</sup>Emílio Franzina (2010) também enfoca o projeto inicial de colonização realizada pelo governo, caracterizando-o como uma política de povoamento e colonização agrícola com base na imigração de estrangeiros e na formação de colônias. Tal política viabilizou a criação de três núcleos coloniais pioneiros no Rio Grande do Sul em 1875, localizadas na região da Serra Gaúcha: Conde d’Eu, Dona Isabel, Campos dos Bugres, que atualmente são os municípios de Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias do Sul. Posteriormente foi criada a Colônia Silveira Martins, em 1877, que atualmente abrange sete municípios: Silveira Martins (antiga sede), Ivorá, São João do Polêsine, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, Nova Palma e Pinhal Grande.

<sup>51</sup>Zanini (2006) ainda acrescenta que a construção do herói italiano dá-se através a sua chegada à colônia Silveira Martins, depois de uma longa e penosa viagem, em terras que havia sido rejeitada pelos russos-alemães.

75) abordou em seu trabalho a questão da importância das redes de reciprocidade e solidariedade entre os imigrantes da região da Quarta Colônia e constatou que “as experiências compartilhadas entre as famílias, durante o processo de transferência e no momento de estabelecimento nos lotes coloniais, criaram condições para que laços de solidariedade fossem firmados entre os imigrantes”. Os membros da família Sponchiado foram acolhidos por uma rede de solidariedade no núcleo de Vale Vêneto, enquanto providenciavam “que lhes fosse[m] destinada[s] as terras (colônias) a que tinham direito”.<sup>52</sup>

Outra estratégia percebida entre as famílias de imigrantes italianos instalados na ex-colônia Silveira Martins era o aluguel das casas para o abrigo de imigrantes que aguardavam a distribuição dos lotes. O aluguel significava a aquisição de uma renda extra. Dessa forma, ao analisar dois recibos emitidos pela Comissão de mediação de lotes na Ex-Colônia Silveira Martins, percebeu-se que os italianos já estabelecidos, alugavam suas residências para abrigar os imigrantes que chegavam. O pagamento aos locadores dos imóveis era realizado pela Comissão e, os valores a serem pagos dependiam do tempo que o imóvel ficou locado. Os recibos descritos abaixo são datados de 10 de julho de 1887, da sede da ex-colônia Silveira Martins:

Dalamea Giovanni tem a receber a quantia de quarenta e cinco mil reis por três meses de aluguel de sua casa nesta sede, para agasalho de imigrantes, no trimestre findo<sup>53</sup>.

Emma Tognotti tem a receber a quantia de setenta mil reis, por dois meses de aluguel de sua casa nesta sede, para o agasalho de imigrantes no trimestre findo<sup>54</sup>.

O aluguel de casas de imigrantes estabelecidos para imigrantes chegados poderia constituir, primeiramente, a maneira encontrada pela comissão de terras para alojar os imigrantes que ainda chegavam à grande número na colônia. Além disso, tornava-se um meio de renda extra aos italianos já estabelecidos nos primeiros tempos, onde a propriedade demoraria um pouco para produzir.

No ano de 1886, os integrantes da família Sponchiado foram designados para quatro lotes<sup>55</sup> de terra na linha Geringonça que, mais tarde, seria denominada de Novo Treviso,

---

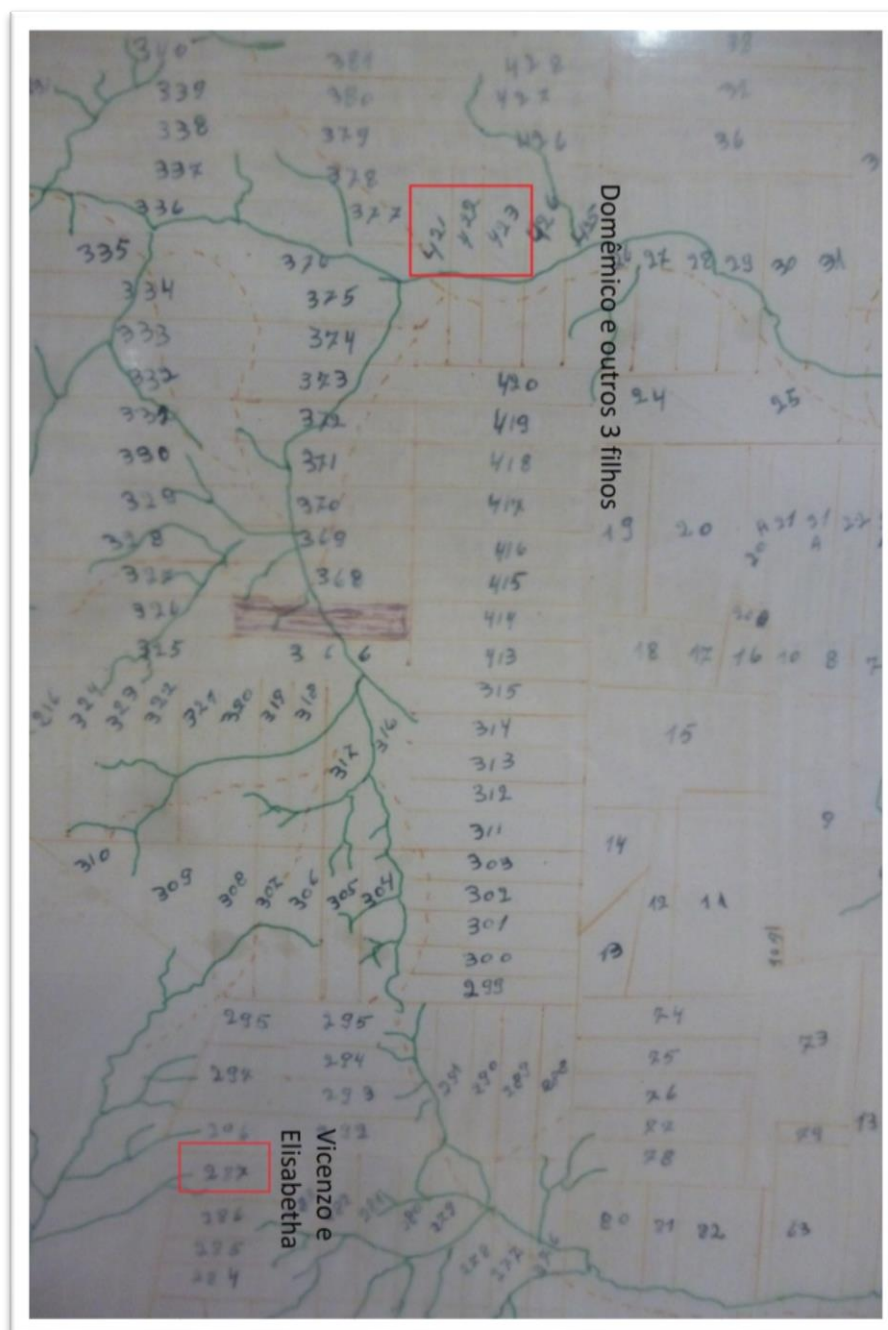
<sup>52</sup>**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>53</sup> **Recibo destinado a Giovanni Dalamea.** In: Comissão de medição de terras – Colônia Silveira Martins. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

<sup>54</sup>**Recibo destinado a Emma Tognotti.** Op. Cit.

<sup>55</sup> Segundo Saquet (2003), a comissão de medição de terras media em linhas retas, guiado pelo sentido norte-sul, sendo equidistantes de 1000 m, formando assim as linhas, denominadas da seguinte maneira: Linha base, Linha um, Linha duas, e assim por diante.

e que foram assim distribuídos: Giuseppe com o lote 422, Domenico com o lote 423, Vincenzo com o lote 287, e Ângelo com o lote 421. (SPONCHIADO, Pe. Luiz. 1996). A partir do mapa abaixo, pode-se ver a distribuição dos lotes da família Sponchiado em Novo Treviso. Constatamos que, os lotes de terra de Giuseppe, Domenico e Ângelo encontravam próximos, um do lado do outro. Já o lote de Vincenzo e Elisabetha localizava-se mais distante em relação às propriedades dos outros familiares. Segundo os manuscritos do padre Luiz Sponchiado, os primeiros Sponchiado que receberam os lotes de terras foram o casal Vincenzo e Elisabetha. Isso pode explicar a distância na localização do lote de Vincenzo com os lotes dos demais familiares.



**Figura 3:** Mapa da localização dos lotes da família Sponchiado

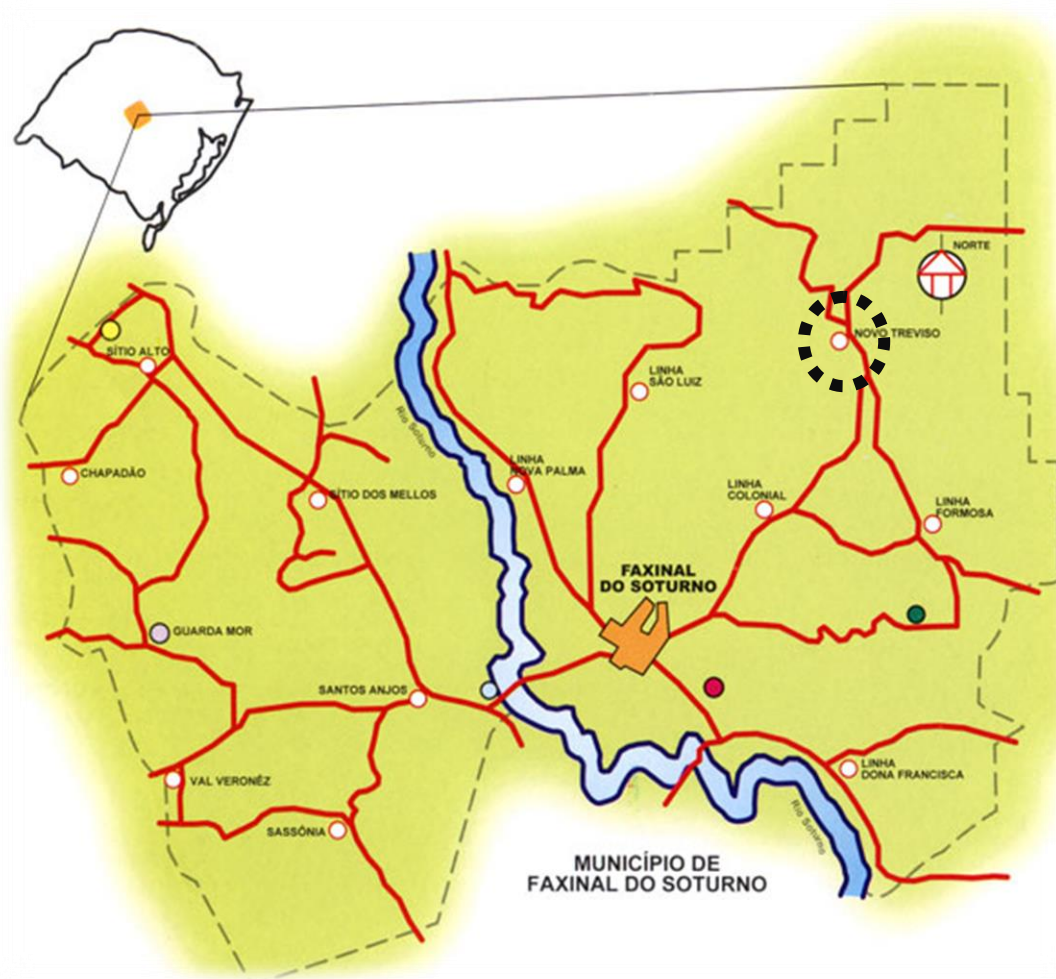
**Fonte:** Centro de Pesquisas Genealógicas

O núcleo “inicialmente denominada Geringonça, logo mudou seu nome para Novo Treviso, fazendo alusão à origem da maior parte de seus moradores. Começou a ser formada em 1885, a partir da chegada das primeiras famílias de imigrantes italianos”. No novo núcleo, foi aberto um pequeno estabelecimento comercial de Paulo Bortoluzzi<sup>56</sup>, comerciante de Vale Vêneto, que expandiu o seu negócio. O

<sup>56</sup> Ver mais em: VENDRAME, Maíra Inês. **Ares de vingança:** redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910). Tese de doutorado. Porto Alegre, 2013.

estabelecimento comercial que vendia gêneros alimentícios, remédios, tecidos, ferramentas, entre outros objetos, servia como ponto de encontro da população (VENDRAME, 2007, p.74).

Abaixo, mapa atualizado no município de Faxinal do Soturno, com a localidade de Novo Treviso, local onde na família Sponchiado estabeleceu-se e viveu por determinado tempo na Quarta Colônia.



**Figura 4:** Mapa de Faxinal do Soturno  
**Fonte:** site da Prefeitura Municipal

A antropóloga Maria Catarina Zanini (2006, p.118), em seu estudo sobre a identidade étnica entre os descendentes de italianos na região da Quarta Colônia, ao buscar elementos no processo imigratório italiano no local, a autora evidencia os problemas dos primeiros tempos do estabelecimento dos italianos nos lotes com relação à produção agrícola da terra. Contudo, através do trabalho na terra, adquiriam suas primeiras safras, com as quais era possível pagar as dívidas e adquirir animais domésticos. E acrescenta: “com o passar do tempo e a produtividade, o colono sentia-se

um pequeno proprietário, livre e independente e se esquecia dos sofrimentos e dificuldades do passado depois da saída da Itália”.

A esposa de Vincenzo, que havia se unido em matrimônio há pouco tempo, não compartilhava com a ideia da emigração para o sul do Brasil. A exemplo de encontra-se dentro de uma família, um integrante que não decidiu emigrar. Segundo Sponchiado (1996), os pais da moça também não ficaram satisfeitos com a partida da filha para o outro lado do Atlântico. Dessa forma, havia certa resistência à emigração por parte de alguns italianos, nem todos compartilhavam do mesmo desejo de saírem de seu país de origem.

O autor Breno Sponchiado (1996) comenta que alguns grupos sociais seriam contrários à saída da Itália. Um dos grupos seriam os proprietários de terra e empresários, que, vendo os italianos partirem, percebiam também a mão de obra que faria falta; outros eram padres<sup>57</sup> que constataavam na migração uma perda considerável de fieis; outros ainda, parlamentares, que buscavam uma legislação que restringisse o êxodo; bem como aqueles que tinham receio do que poderiam encontrar do outro lado do Atlântico. Dessa maneira, podemos compreender que havia resistência ao movimento imigratório no Brasil e, a família de Elisabetha fazia parte desse grupo.

Ao seguir na análise dos manuscritos de Padre Luiz Sponchiado, deparamo-nos em um momento conturbado e de estratégias familiares vividos por essa família. No ano seguinte, já residentes na colônia de Novo Treviso, Vincenzo sofreu uma queda do cavalo<sup>58</sup>, no qual deixou sequelas, que acabaram acarretando o seu falecimento em dezembro de 1887, aos 31 anos de idade. Vincenzo era uma importante força de trabalho no lote de terra e, conseqüentemente, na produção de alimentos para a subsistência da família, bem como para a venda da produção. Com sua morte, reduzia-se uma importante mão de obra no trabalho da terra.

Vincenzo deixava o lote de terras com sua jovem esposa, agora viúva e esperando um bebê. Elisabetha não se sentia em condições de sozinha produzir e desenvolver o lote, devido à gravidez. Assim, ao saber da notícia, seus pais resolveram enviar-lhe dinheiro para que ela pudesse retornar a Itália. Dessa forma, o lote poderia ser colocado à venda e, por fim, a jovem poderia partir para a Itália com o seu filho.

---

<sup>57</sup> Enquanto isso existia outros sacerdotes que incentivavam a emigração como uma forma de expandir o catolicismo em outras partes do mundo, bem como também viam a migração como uma forma de ascensão social das famílias e indivíduos que migravam.

<sup>58</sup> A posse de um cavalo pode ser um indicativo de que os Sponchiado já tivessem adquirido certo capital.

Entretanto, a sogra Mariana Sponchiado, com receio que a nora vendesse o lote e voltasse para a Itália, a aconselhou a não fazer a viagem sozinha, com o argumento de que a viagem era longa e desconfortável para uma mulher que se encontrava grávida. Com isso, sugeriu que a viúva se casasse com outro dos seus filhos. Segundo os manuscritos do sacerdote, a decisão parece ter sido acatada sem nenhuma objeção por parte da nora e de Luigi Sponchiado, filho de Mariana, o escolhido para o futuro matrimônio

O pedido da sogra, assim como o aceite de permanência de Elisabetha através do casamento, demonstrou que as estratégias familiares podem nos indicar algumas suposições. Dentre elas, a de que a estratégia do matrimônio era a de manter o lote de terra com a família Sponchiado, anulando a possibilidade de a viúva vender ou abandoná-lo, ou ainda de casar com outra pessoa. Em outra esfera, mais emocional, pode-se expor que implicava num cuidado com o filho e torná-lo mais próximo ao projeto da parentela paterna. Dessa forma, Mariana, a sogra de Elisabetha, era a pessoa mais indicada para realizar o acordo, pois estavam em jogo assuntos relacionadas ao universo feminino e familiar de ambas as partes.

Assim, é possível perceber que a mulher imigrante teve seu papel ampliado para além dos cuidados da casa e dos filhos. As mulheres tornaram-se protagonistas das estratégias sociais e familiares em prol ao grupo familiar (VENDRAME, 2013). Percebemos, a atuação de Mariana como um meio de estabelecer formas de sobrevivência e de coesão do grupo familiar, bem como a manutenção do patrimônio material.

O historiador italiano Giovanni Levi (2000, p.98), ao estudar a cidadezinha de Santena no Piemonte italiano, percebeu as estratégias pessoais e familiares daquela sociedade camponesa durante as profundas transformações do Antigo Regime. Ao utilizar o conceito de família, refere-se aos “grupos não-co-residentes, mas interligados por vínculos de parentela consanguínea ou por alianças e relações fictícias [...]”.

Pensando nas estratégias familiares, de grupos não-co-residentes, mas ligados por vínculos de parentes consanguíneos, a família Sponchiado vivia em residências diferentes, pois adquiriram mais de um lote de terra quando chegaram à Colônia Silveira Martins, no núcleo Novo Treviso. Contudo, esse grupo familiar elaborou estratégias para permanecerem unidos após a morte de Vincenzo. A união matrimonial foi uma

estratégia utilizada pela família Sponchiado diante dos acontecimentos<sup>59</sup>. Com a morte de Vicenzo, novas questões foram colocadas em jogo: o lote de terra de Vicenzo e o filho que Elisabetha estava esperando. Inspirando-se nas reflexões de Levi (2000) sobre a racionalidade, embora limitada, de suas ações, o grupo, bem como os indivíduos, que buscavam na articulação de estratégias um meio de autoafirmação frente às incertezas do mundo social.

O filho de Vicenzo com Elisabetha nasceu, porém sobreviveu apenas alguns meses. Esta morte pode criar a especulação de que as precárias condições de assistência médica acarretavam um alto índice de mortalidade infantil. O bebê que Elisabetha esperava só aparece nos manuscritos do sacerdote como meio de justificar a permanência da jovem no Brasil. Por isso, acredito que não haja mais referências a esse filho de Elisabetha com Vicenzo ao longo dos manuscritos do sacerdote.

O novo casal que se constituía entre Luigi e Elisabetha uniu-se em matrimônio em 26 de abril de 1888, no núcleo de Novo Treviso, onde “habitaram [o] velho rancho do finado Vicenzo”<sup>60</sup>. Dessa união nasceram 10 filhos: Carlos, Domingos, José Cassiano, João Antônio, Silvio, Augusto Ângelo, Amábile Maria, Amélia Maria, Ida Maria e Antônio (SPONCHIADO, 1996). Abaixo se encontra a fotografia do casal Luigi e Elisabetha.

---

<sup>59</sup>Vendrame (2013, p.291) avalia que “entre as populações rurais, o casamento aparece como estratégia para preservar os espaços conquistados, obter reconhecimento e garantir o estilo de vida ligado às atividades agrícolas”.

<sup>60</sup>**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.





**Figura 5:** Casal Elisabetha e Luigi Sponchiado  
**Fonte:** CPG- Nova Palma

Dois anos depois do casamento de Luigi e Elisabetha, faleceu Domenico Sponchiado, em 02 de janeiro de 1890. E cinco anos depois, faleceu Mariana, sua esposa, em 22 de abril de 1895. Em Novo Treviso, a propriedade do núcleo familiar Sponchiado passou para Luigi<sup>61</sup> e, para a família que estava se constituindo.

Entretanto, ao pesquisar no Centro de Pesquisas Genealógicas, e analisar os manuscritos deixados pelo padre Luiz Sponchiado, percebeu-se que muitos documentos faziam menção ao Luigi Sponchiado. Do avô – que tem lugar de destaque nos manuscritos do sacerdote – foram relatadas suas experiências de trabalho, sua trajetória da Itália ao Brasil e encontradas pequenas biografias. Acredita-se que esse elevado número de manuscritos deve-se ao fato do padre Luiz Sponchiado ter convivido com

---

<sup>61</sup> A propriedade e o cuidado dos pais idosos não ficaram com o filho mais velho. Por fim, com a morte do patriarca da família, os bens também não ficaram com o filho mais velho.

seu avô Luigi, por ele ser um imigrante de origem italiana, por ter vivido o processo de imigração e colonização como o precursor da família e por ele ter ouvido as histórias. Além disso, o sacerdote não escondeu que Luigi – o precursor da família a emigrar para o Brasil –, era “pouco dado aos trabalhos agrícolas e estáveis, gostava de andar muito [,] conversando e [era] contador de histórias”<sup>62</sup>. Contudo, padre Luiz deu sua versão sobre o avô, justificou o não apego aos trabalhos agrícolas<sup>63</sup> por não ter tido um trabalho fixo, desde a Itália, onde trabalhava em empregos temporários e esporádicos. Dessa forma, percebeu-se que o sacerdote não omitiu os fatos relacionados à sua família, contudo procurou justificar os fatos que pudessem depor contra a imagem de sua família.

Constata-se uma ampliação na rede de solidariedade entre os imigrantes italianos estabelecidos na Colônia Silveira Martins, que está relacionada à moral e imagem do imigrante trabalhador. Acredita-se que, a família Sponchiado possa ter sido auxiliada por outras famílias já instaladas na colônia – enquanto aguardavam o recebimento do lote de terra. Apesar disso, percebeu-se que alguns imigrantes estabelecidos na colônia, alugavam suas casas para abrigar outros que aguardavam a distribuição das terras, como uma forma de aumentar a renda familiar. O pagamento do aluguel era realizado pela Comissão de Medição de Terras, que visava estabelecer os imigrantes enquanto aguardavam a distribuição dos lotes. Além disso, perceberam-se as estratégias de sobrevivência no estabelecimento das famílias nos lotes – o casamento era um importante meio de manutenção do núcleo familiar, bem como da pequena propriedade.

Por isso, entende-se que Elisabetha, ao casar com Vincenzo, passou a pertencer à família do esposo. Com a morte do marido, restou a viúva o lote de terra. Além disso, estava esperando o primeiro filho. Dessa forma, Elisabetha foi orientada pela sogra<sup>64</sup> a casar com outro membro da família Sponchiado. Assim, a viúva e o filho que já pertenciam à família não ficariam desamparados e continuariam vinculados ao núcleo familiar. Dessa maneira, percebeu-se outra estratégia do grupo de imigrantes: a união em matrimônio com o cunhado, quando um deles perdeu o esposo ou esposa, para que a

---

<sup>62</sup>**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>63</sup> A historiografia épica da imigração italiana no Rio Grande do Sul sempre colocou o imigrante como um indivíduo que venceu as adversidades do tempo e do espaço através de seu trabalho árduo na terra e de sua religiosidade. Esse discurso foi naturalizado. Contudo, apesar do Padre Luiz Sponchiado endossar esse discurso e ajustar a história da sua família a esse modo de ver, fica claro em seus manuscritos que o seu avô Luigi não sabia lidar nem gostava do trabalho na terra – como, provavelmente, outros colonos. A micro-história, dessa forma, possibilita ver as peculiaridades da imigração italiana e assim torná-la um processo heterogêneo e sem generalizações.

<sup>64</sup> “As famílias eram hierárquicas, mas as estratégias do grupo levavam em conta a participação de todos os membros” (VENDRAME, 2013, p.202). Dessa forma, constata-se a atuação da mulher imigrante em estabelecer estratégias em prol o grupo familiar.

viúva e o filho (que estava para nascer) continuassem no convívio da família e mantivesse a herança na colônia. Uma estratégia<sup>65</sup> – realizada entre mulheres – para a manutenção de um núcleo familiar extenso, capaz de dar conta dos tantos serviços necessários para a sustentação da pequena propriedade rural.

Enfim, os manuscritos de padre Luiz abordam que não teria havido resistência e nem oposição de Elisabetha e Luigi diante da proposta de casamento imposta por Mariana Sponchiado. E é dessa forma que, o padre Luiz Sponchiado apresentou a união de seus avôs. Além disso, os documentos do sacerdote revelaram que Luigi Sponchiado não tinha apego ao trabalho na terra, contudo essa assertiva foi justificada através do passado de Luigi, que vivia de empregos eram temporários e esporádicos<sup>66</sup>. Dessa forma, percebe-se que ao estudar a família Sponchiado é possível perceber a forma com que o pároco Luiz Sponchiado construiu a história de sua família e, conseqüentemente encontrar outros elementos que ajudam a caracterizar o movimento imigratório<sup>67</sup> no sul do Brasil.

O último subcapítulo abordará o nascimento de padre Luiz Sponchiado – o objeto desse estudo. Além disso, investigará as motivações, pelas quais a família Sponchiado decidiu migrar novamente, deslocando-se para outra região, evidenciando as migrações internas.

### **1.3 Uma nova decisão: migrar à procura de novas terras**

Na casa de alvenaria, erguida em 1909 (figura abaixo), em Novo Treviso, vivia a família Sponchiado. Segundo relatos do Padre Luiz, era comum a família reunir-se ao redor da mesa para rezar o longo terço após o jantar, conduzido por Luigi Sponchiado<sup>68</sup>. Segundo Zanini (2006, p.139-140), “a prática religiosa coletiva era acompanhada, igualmente, de uma vivência religiosa no cotidiano familiar, com hábitos de orar antes das refeições, quando possível, e de rezar o terço à noite, em família”. São poucos os momentos que padre Luiz Sponchiado revela a prática religiosa da família. Contudo,

---

<sup>65</sup> A estratégia dessa família está relacionada a cada indivíduo que a ela pertence. Cada sujeito persegue seus objetivos, por ser um ser racional e social, tendo suas regras, seus limites e as suas escolhas (CERUTTI, 1998).

<sup>66</sup> O fato de Luigi não ter apego ao trabalho agrícola releva como o mito do imigrante foi construído entre os descendentes, excluindo as exceções e dando voz apenas às regularidades.

<sup>67</sup> Vale salientar que o movimento imigratório não é homogêneo. Cada grupo e indivíduo tiveram suas próprias motivações para estabelecer-se do outro lado do Atlântico.

<sup>68</sup> **Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

quando a menciona, atribuiu a Luigi, o papel principal – no caso, a reza do terço. Isso implica em apresentar o avô como um imigrante italiano que era religioso, que conduzia a família no caminho da Igreja Católica, e dessa maneira suavizar a imagem do avô que não gostava do trabalho na terra.

Nas noites, após a refeição, acontecia a prática religiosa através de orações, e se encontravam presentes, além de Luigi, sua esposa Elisabetha, seu filho Silvio e a esposa Corona de Marco.



**Figura 6:** Casa dos Sponchiado em Novo Treviso (ruínas em 1946).

**Fonte:** CPG- Nova Palma

Contudo, além da reza, é provável<sup>69</sup> que a família discutisse sobre a situação difícil que vinha enfrentando com o trabalho na terra. O lote de terra de 22 hectares adquirido tornou-se insuficiente para a manutenção do grupo familiar. Silvio era um trabalhador da terra ativo, seu pai Luigi, já contava com idade avançada e não tinha apego ao trabalho agrícola, enquanto as mulheres cuidavam dos afazeres domésticos e do cuidado aos filhos<sup>70</sup>. É provável que cultivassem na pequena propriedade produtos como o arroz,

---

<sup>69</sup>Inspirou-se nas contribuições de Davis (1987), que preencheu as lacunas existentes no caso de Martin Guerre, a partir do contexto em que viviam no século XVI e em aldeias próximas.

<sup>70</sup>Loraine Slomp Giron (1996) observou que o imigrante, ao receber o lote de terra, adquiria uma dívida colonial que deveria ser quitada com o Governo Provincial. Dessa forma, as primeiras safras estavam comprometidas com a manutenção da propriedade, no pagamento de dívidas e impostos. E para a manutenção da família cabia uma produção de subsistência plantada em hortas. Pensando na observação da autora, é provável que as dívidas, os impostos e a não manutenção da produção para venda e

milho, o feijão, trigo e a batata, entre outros gêneros, além da criação de animais. Silvio era o responsável pela propriedade da família e dos pais idosos. Entretanto, estava preocupado com seu pai Luigi,

“porque o velhote acomodado, não ajudava em nada, ou muito pouco a ‘nona’ que, pequenina e magricela [...], se comprometia com a cozinha fumacenta, com o trato dos animais domésticos, lavagem das roupas, cuidado das crianças e mil outras misturas da casa e da família”<sup>71</sup>.

Nos manuscritos, padre Luiz Sponchiado não escondeu a angustia que seu pai vivia com a situação de seu avô. A agonia de Sílvio com o pai Luigi vinha do fato dele não gostar de trabalhar na pequena propriedade que lhes pertencia. Além de não ter apego ao trabalho na terra<sup>72</sup> – aquela de onde vinha o sustento familiar – não ajudava nos afazeres domésticos. Numa sociedade camponesa, no qual as regras tornavam-se importantes na condução do cotidiano, o homem que não trabalhava para o sustento da família era mal visto. Afinal, as regras que governavam os costumes nas colônias eram muito precisas, segundo Fonseca (2009, p.517): “a norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento familiar trabalhando no espaço da rua”. Dessa forma, percebe-se um suposto mal estar na família Sponchiado com relação a Luigi, que não trabalhava no lote de terra para sustentar a família.

Contudo, dentro dessa norma oficial exposta por Fonseca (2009), constata-se a presença feminina no núcleo colonial e as suas diversas atividades desempenhadas no trato das tarefas domésticas e também da propriedade da terra. A mulher cuidava dos afazeres da casa, dos filhos, do trato dos animais domésticos, entre outras atividades que necessitassem da presença feminina<sup>73</sup>. Acrescenta Vendrame (2013, p.157), que “as

---

subsistência tenham implicado na estrutura da família e esse tenha isso um dos fatores que levaram os Sponchiado a migrarem.

<sup>71</sup>**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família.

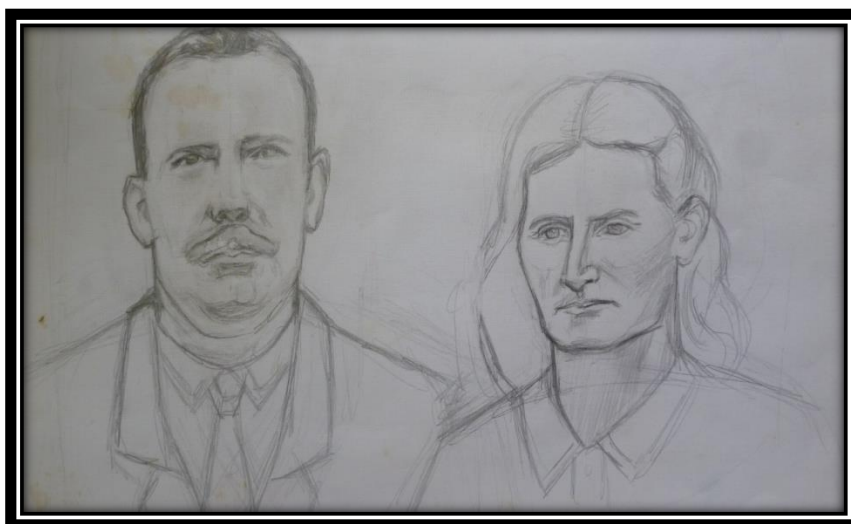
Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>72</sup>O não apego ao trabalho, por parte do homem italiano, quebra alguns paradigmas, tanto no que se refere ao modo consagrado de pensar o “imigrante italiano” quanto à historiografia tradicional da imigração, que reforça a ideia do “imigrante trabalhador”. Segundo Núncia Constantino (2011, p.6), “tal historiografia foi responsabilidade de pesquisadores inseridos na sociedade colonial, especialmente padres católicos. Reelaborados e divulgados, seus escritos reforçam o mito do trabalho, da religiosidade, da solidariedade e harmonia entre os colonos, da visão alegre de mundo, da solidez da ordem familiar, entre outros atributos”.

<sup>73</sup>Giron (1996), ao analisar o papel das mulheres imigrantes na família e na produção da pequena propriedade percebeu que a mulher realizava as atividades domésticas do lar, cuidando na casa, dos filhos e dos animais. Contudo, constatou a presença feminina como a proprietária do lote de terra e também de chefe da família – em muitos casos, devido à morte do marido, ou por serem abandonadas pelos cônjuges e/ou pela incapacidade do homem, elas acabavam assumindo a propriedade, suprimindo as necessidades da família e gerenciando os negócios de produção e venda.

mulheres assumiram papel fundamental nas atividades ligadas à auto-reprodução da unidade familiar”.

Entretanto, esse lar ganhava mais uma mulher: Corona de Marco, que casou em 20 de junho de 1921 com Silvio Sponchiado<sup>74</sup>. A moça antes do matrimônio morava com os pais na comunidade de Trombudo, próximo a Novo Treviso. Estudou no Colégio das Irmãs do Coração de Maria, em Novo Treviso, pois as instituições religiosas tornavam-se um meio dos filhos dos colonos poderem estudar. Naquele período, segundo a autora Silva (2001, p.197), “os seminários ou instituições religiosas ofereciam garantias de que os filhos ou filhas receberiam ‘boa educação’, no sentido de ela se coadunar com os rígidos princípios morais e religiosos desejados para eles”. Enfim, moravam todos na mesma casa e viviam da produção agrícola da propriedade de terra. A imagem abaixo foi desenhada por Altamir Moreira<sup>75</sup> a pedido de Padre Luiz Sponchiado, para compor o livro lançado por Breno Sponchiado em 1996.



**Figura 7:** Casal Silvio e Corina Sponchiado, pais de Padre Luiz Sponchiado  
**Fonte:** CPG-Nova Palma

Entretanto, ironia do destino ou não, depois de oito meses de casamento, em 22 de fevereiro de 1922, Corona deu a luz ao primeiro filho do casal, que se chamaria Luiz Sponchiado, nascido de sete meses. O recente matrimônio, seguido da gravidez,

<sup>74</sup> Do casamento de Corona e Silvio nasceram Luiz, Maximino, Olinto, Dileta, Elisabeth, Vercedino, Leonel, Adelaide e Selvino.

<sup>75</sup> Atualmente é professor adjunto do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. Possui doutorado (2006) e mestrado (2002) em artes visuais, com ênfases em história, teoria e crítica da arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e bacharelado em Desenho e Plástica (1997) pela Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisa temas relacionados à iconografia da pintura mural religiosa

causaram rumores na pequena comunidade de que Corona havia casado grávida<sup>76</sup>. Padre Luiz Sponchiado referiu-se ao episódio em manuscrito da seguinte maneira: “o que sugeria às comadres da pequena comunidade, ter casado a mãe grávida. Isso custou lágrimas para o casal – contou-me a mãe – visto que tiveram namoro<sup>77</sup>, noivado e casamento honesto”<sup>78</sup>. Nesse ponto, o sacerdote sugeriu que, seus pais só teriam tido relações sexuais pós-núpcias, como mandavam as regras de conduta e moral católica.

A possibilidade de Corona ter casado grávida<sup>79</sup> feria um código de conduta e honra entre os camponeses do local, que seguiam uma moral sexual rígida. Contudo, segundo Vendrame (2013), a união matrimonial era a forma de salvar a reputação da mulher, bem como a honra da família. Entretanto, não foi encontrado nenhum registro de padre Luiz Sponchiado sobre a reação da família de Corona, acerca dos comentários da suposta gravidez pré-nupcial. A realização do casamento poderia diminuir os comentários maldosos em torno da moça, bem como de sua família.

Com isso, após o nascimento de Luiz Sponchiado<sup>80</sup>, em agosto de 1922, Silvio<sup>81</sup> teria partido juntamente com os três irmãos Carlos, José e João para a região de Palmeiras das Missões, em busca de terras, “que naturalmente quiseram que ficassem vizinhas juntas, na grande mataria”. Abaixo o mapa de localização da região de Palmeira das Missões.

---

<sup>76</sup>A autora Cleci Eulália Favaro (1996, p.284) abordou as famílias de imigrantes e descendentes que buscavam garantir os valores e a moral entre os seus filhos, com propósito de assegurar um bom casamento inclusive. Por isso, “a virgindade da mulher era essencial. Se a moça caísse no ‘erro’, a família ficaria desonrada, declarando-se publicamente culpada pelo relaxamento do controle de seu comportamento”.

<sup>77</sup> Segundo Favaro (1996, p.282), “para atingir esse estágio do relacionamento, os futuros cônjuges devem superar etapas anteriores, o que nas culturas ocidentais se denomina de namoro e noivado” – que posteriormente culminariam no casamento e na formação de uma nova família.

<sup>78</sup>**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>79</sup> A antropóloga Cláudia Fonseca (2009) analisa as mulheres que buscam espaço na sociedade, seja em trabalhos fora de casa – em fábricas e indústrias – seja no trabalho doméstico. Sobre as normas oficiais de condução moral que a mulher deveria ter, acrescenta: “Ironicamente, a própria rigidez do modelo tornava-o de uso restrito, pois qualquer deslize jogava a mulher para o campo dos “sem moral”, num espaço onde se forjava, nas práticas do dia-a-dia, uma moralidade alternativa” (p.531).

<sup>80</sup> Especula-se ainda que, com a possibilidade de Corona ter casado grávida, havia a probabilidade de Padre Luiz Sponchiado ter ingressado na vida sacerdotal como o intuito de amenizar as fofocas em torno de seu nascimento.

<sup>81</sup> Silvio adquiriu dois lotes de terra, um para sua família e um para seus pais.



**Figura 8:** Mapa de localização de Palmeiras das Missões – adaptado  
**Fonte:** site Infoescola.

No entanto, é possível que um conjunto de fatores tenha feito com que Silvio resolvesse migrar com a família. O nascimento do filho prematuro motivou comentários que geraram mal estar na família e a possibilidade de residir em outro lugar, deixando a família longe de rumores maldosos. O aumento da família alargava a demanda de produção agrícola e a migração em busca de terras férteis tornava-se uma necessidade. Dessa forma, segundo Vendrame (2013, p.216), a “mudança pode ser um indício de insatisfação pessoal, rejeição local ou ainda a possibilidade de concretizar um antigo projeto, como se fixar em um centro maior”.

Na região, cada um dos irmãos de Silvio adquiriu um lote de terra e retornaram ao núcleo Novo Treviso para buscarem seus parentes. Percebemos outra estratégia desse grupo familiar: o envio de alguns integrantes da família para conhecer o local e acercar-se das possibilidades e garantias. Mais uma vez, a família Sponchiado traçava um projeto coletivo de migração, que incluía a família extensa. Além disso, constata-se que, se o grupo visava morar em lotes diferentes, desejava também permanecer próximo. Dessa maneira, a família Sponchiado dividiu-se, mas apesar de não residirem na mesma casa, continuaram agindo e tomando decisões de forma conjunta<sup>82</sup>.

<sup>82</sup>A argumentação inspirou-se no conceito de família exposto por Giovanni Levi (2000), no qual os membros de um grupo familiar não precisam morar na mesma casa para estabelecer estratégias em prol as



Dessa forma, em 1925, Silvio retornou a Novo Treviso para buscar a família, para migrarem para a região de Palmeira das Missões, onde adquiriram lotes de terra na “secção de Fortaleza, no Baixo-Taquaruçu”<sup>83</sup>. O momento de partida é relatado nos manuscritos do Padre Luiz Sponchiado, que parece recordar-se do dia da mudança.

Antes de partirem para a nova morada, venderam a pequena propriedade de terras que possuíam na comunidade de Novo Treviso. De acordo com Vendrame (2013), os indivíduos movimentavam-se frequentemente de núcleos coloniais para outros a partir de suas necessidades, como, por exemplo, a aquisição de lotes de terra para o sustento familiar. A decisão da família Sponchiado em migrar tornou-se um exemplo dessa movimentação de imigrantes em núcleos coloniais e regiões<sup>84</sup>.

Após a venda do lote em Novo Treviso, a família organizou a mudança para Taquaruçu. O transporte da família foi realizado primeiramente por três (03) carroças com mulas até a Estação Colônia. Na estação ferroviária, embarcaram no trem até a Estação Belizário<sup>85</sup>. Da estação seguiram em caminhão até a pequena propriedade. Segue o mapa abaixo demonstrando o trajeto da família Sponchiado realizado de trem.

---

necessidades do cotidiano e as incertezas do mundo. Mesmo morando em residências diferentes, esses indivíduos podem agir de forma conjunta.

<sup>83</sup>**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

<sup>84</sup>Saquet (1999, p.72) estudou alguns aspectos da formação econômica da colônia Silveira Martins. O autor alegou que as migrações internas tornaram-se um dos fatores que provocaram o declínio econômico – além dos fatores ligados a falta de dirigentes competentes, a divisão do território da colônia em três partes, sendo assim administrada por três municípios diferentes, momentos turbulentos com relação a religiosidade local, a situação geográfica desfavorável, e os tardios movimentos de emancipação político-administrativos – dessa região colonial em relação às colônias da Serra Gaúcha. O autor ainda atribuiu às migrações internas “transferência de valor para outros lugares [...] valores humanos e materiais, concomitantemente. Valor criado pela força de trabalho dos colonizadores e descendentes e transferido a outros setores e lugares, provavelmente, tanto através da comercialização do resultado da produção agrícola e artesanal, quanto através da reimplantação daqueles produtores com o trabalho familiar acumulado”.

<sup>85</sup> No município de Marcelino Ramos-RS.



**Figura 9:** Mapa do trajeto realizado de trem  
**Fonte:** Site das estações ferroviárias do Brasil

Segundo manuscrito de Padre Luiz Sponchiado, apenas a viagem “de carroça e caminhão” é abordada, em especial as dificuldades: quando “encontravam água, paravam para lavar as roupas e a [buscar] comida além do que levavam (salame, farinha,...), faziam carreteiro”<sup>86</sup>. Além disso, como as estradas eram precárias, a viagem, seja de carroça ou de caminhão, tornava-se um verdadeiro suplício devido ao balanço do transporte, fazendo com que as pessoas conduzidas passassem mal e as crianças ficassem mais agitadas, gritando e chorando. O religioso menciona o “caos” da viagem, entretanto, não faz menção alguma ao percurso feito de trem, que provavelmente teria sido mais confortável. Dessa forma, percebe-se que o sacerdote quis atribuir ao movimento da partida e viagem um aspecto dramático, de sofrimento para a família, associando à travessia do Atlântico realizada pelos imigrantes pioneiros.

Ao adquirir o lote na “secção de Fortaleza, no Baixo-Taquaruçu”, a família instalou-se no local. Entretanto, até a construção da nova casa no lote, a família ficou estabelecida em uma hospedaria. Nos manuscritos de padre Luiz Sponchiado, constatamos suas memórias com relação à instalação da família em Taquaruçu: [eu] “tinha 4 anos – quando vislumbro, que tio João, com os manos, cortando mato, em nossa terra (colônia), feriu-se com ramo de madeira que despencou dum árvore

<sup>86</sup> Nesse instante percebeu-se a adaptação alimentar e o tipo de alimentação em viagens.

derrubada. Lembro do sangue na frente e os cuidados caseiros para remediar o ferimento”<sup>87</sup>. O sacerdote quer mostrar as dificuldades dos que migram nos primeiros tempos de estabelecimento, que os migrantes transformaram o espaço (a mata) com suor e sangue, fazendo novamente uma associação com os pioneiros italianos que chegaram à região da Quarta Colônia.

\*\*

Neste capítulo procurou-se focar a forma como Padre Luiz Sponchiado abordou os acontecimentos a partir de seu nascimento e, como ele conduziu a história de sua família – diante do trabalho na terra, da religiosidade, da moral e dos bons costumes. Além disso, os manuscritos nos revelam a maneira como os imigrantes italianos chegaram aos núcleos coloniais, circularam e migraram para outras regiões do Rio Grande do Sul em busca de novas terras. Temos assim, o exemplo da família Sponchiado que, instalada no núcleo Novo Treviso, da ex-colônia Silveira Martins, decidiu migrar para a região norte do Estado. Os fatores que provocaram essa decisão não estão apenas ligados ao crescimento da família e a pouca produtividade para o sustento familiar. É provável que esses imigrantes estivessem insatisfeitos com o local onde residiam e optaram por migrar como uma estratégia de distanciar-se dos desgostos provocados na comunidade local.

A viagem realizada com três tipos de meio de transporte e a adaptação ao novo local de morada trouxe outro universo que foi vivenciado por esses imigrantes e descendentes de italianos. Esse universo foi criado com a imagem do suor e do sangue dos parentes de padre Luiz, os desbravadores da mata e da nova terra. E, assim, o pároco conseguiu fazer uma associação desse processo de migração com aquele vivido por seu avô pioneiro.

Foi no interior de Taquaruçu do Sul que padre Luiz Sponchiado cresceu, teve seus primeiros estudos e foi despertado para a vocação religiosa – assunto para o próximo capítulo.

\*\*\*

Os manuscritos do padre Luiz Sponchiado revelam uma versão pessoal e ao mesmo tempo sintonizada com a memorialística e a historiografia tradicional da imigração e

---

<sup>87</sup>**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

colonização italianas. O padre pretendia apresentar os fatos vividos pela sua família como exemplares, comuns, a maioria dos imigrantes. Ao narrar a trajetória da sua família, o sacerdote apresentou importantes elementos sobre o processo de imigração e colonização italiana no Rio Grande do Sul: as escolhas e as decisões dos indivíduos, bem como as estratégias de sobrevivência do grupo familiar. Dessa forma, é relevante compreender a forma como ele conduziu a escrita da história de sua família, para que possamos entender como ele reforçou a matriz identitária italiana entre os descendentes da Quarta Colônia. Um trabalho alicerçado na trajetória de sua família e na experiência de vida de padre.

Além disso, constatam-se com a análise dos manuscritos do sacerdote – através de fatos que não foram omitidos, mas que o sacerdote deu sua versão –, as estratégias de imigrantes italianos que chegaram aos núcleos coloniais – desde sua partida até o estabelecimento nos lotes de terra. A circulação e migração desses indivíduos para outras regiões do Rio Grande do Sul em busca de novas terras. Os fatores que provocaram essa decisão não estão apenas ligados ao crescimento da produção agrícola e da família, mas também por insatisfação com vizinhos da comunidade, no que tange falatórios e comentários maldosos.

Por fim, os processos emigratórios ocorridos da Itália ao Brasil, bem como as migrações internas ocorridas no interior do Rio Grande do Sul, mostraram que existiam fatores de cunho econômico, político, social e cultural que possibilitavam a circulação desses migrantes. Com a decisão de emigrar acertada, o desejo de melhorar as condições de vida, de possuir uma propriedade de terra e um emprego foram fatores essenciais para que os italianos e, principalmente os Sponchiado elaborassem estratégias para alcançar seus objetivos.

É dessa forma que o padre Luiz Sponchiado conduziu a história de sua família, datilografando em papel simples e, em muitas vezes, reutilizados. Associando a partida de seus familiares, sempre com o sofrimento, com dificuldade, com a luta diária e a fé do imigrante. Sem omitir fatos, relatou minuciosamente o que ouviu de familiares e disso, resultaram os manuscritos que se encontram no Centro de Pesquisas Genealógicas.

## **2. DA INSTRUÇÃO ESCOLAR AO SACERDÓCIO: MEIOS E POSSIBILIDADES DA VOCAÇÃO RELIGIOSA**

Padre Luiz Sponchiado teve mais de 60 anos de sacerdócio, os quais foram marcados pelas diversas atividades de cunho religioso, político, econômico, social e cultural, nos diferentes lugares onde trabalhou. Entretanto, sua trajetória religiosa iniciou-se em Taquaruçu, na comunidade em que a família se estabeleceu em 1925. O novo local de residência abriu a possibilidade de Luiz Sponchiado e seus irmãos estudarem e, alguns, ainda decidirem pela vocação religiosa.

Esse capítulo pretende abordar como as vocações religiosas foram despertadas dentro da família Sponchiado. E tem como interesse entender o papel e a importância de um sacerdote dentro do núcleo familiar. A partir disso, compreender a imagem criada e deixada pelo próprio padre Luiz Sponchiado, o como ele relatou a sua trajetória religiosa<sup>88</sup>. Para isso, foram utilizadas as entrevistas deixadas pelo sacerdote, seus manuscritos, bem como recortes de jornais que ele guardou.

A análise das fontes será debatida com a bibliografia que tematiza o lugar da Igreja Católica na região colonial italiana. Dessa maneira, o capítulo terá como aporte teórico, os seguintes autores: Merlotti (1979), que aponta para uma construção mítica a respeito da figura do padre na região de colonização italiana, o modo como se atribuem os valores religiosos centralizados na figura do padre; Possamai (2005), que abordou a construção da identidade coletiva entre imigrantes italianos e descendentes, criticando o catolicismo como o principal fundamento dessa identidade; Silva (2001), que analisou o processo de construção de vocações religiosas entre a população de origem italiana no Vale do Itajaí, em Santa Catarina; Beneduzzi (2008), que investigou as relações entre as correntes imigratórias e o fortalecimento da Igreja Católica no RS.

Dessa forma, o capítulo será dividido da seguinte forma: o primeiro subcapítulo é denominado “Dos primeiros estudos ao Seminário: os meios e as possibilidades”, no qual se aborda a primeira etapa escolar vivida pelo padre Luiz Sponchiado, o interesse da família em enviar o filho à escola, o desejo despertado pelo sacerdócio no seminário. O segundo subcapítulo intitulado de “O sacerdócio: o papel dos padres em pequenas

---

<sup>88</sup> Inspirado nas reflexões de Gomes (2004, p.15), quando o historiador utiliza a documentação produzida pelo próprio biografado, importando “exatamente a ótica assumida pelo registro e como se expressa. Isto é, o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento”.

comunidades” , enfatiza a liderança política de padres em pequenas comunidade e a influência de Padre Batistella na formação sacerdotal de Luiz Sponchiado. O terceiro subcapítulo é “A atuação dos padres no período da colonização italiana na Quarta Colônia”, que aborda o papel dos padres nas comunidades de imigrantes italianos, sendo realizado um breve histórico da presença de sacerdotes nessas comunidades colonias, bem como as ações de padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia.

### **2.1. Dos primeiros estudos ao Seminário: os meios e as possibilidades**

Abrir a mata, aguardar em uma hospedagem a construção da nova casa, plantar a primeira safra de alimentos– eis as primeiras etapas vividas pelos imigrantes pioneiros. Além disso, “para poder suportar as dificuldades do dia-a-dia e a luta para manter a união da família”, manter “forte [o] espírito religioso [e] a crença em Deus”<sup>89</sup>. Assim foram os primeiros tempos dos Sponchiado em Taquaruçu, segundo o registro acima construído pelo padre Luiz Sponchiado em relação à sua família e aos demais imigrantes – que migravam em busca de melhores condições de vida.

A partir do avô Luigi, padre Luiz Sponchiado passou a apresentar a sua família com traços marcados por forte religiosidade. No capítulo anterior, vimos como o sacerdote caracterizava seu avô: não tinha apego ao trabalho agrícola estável, mas era bastante religioso, pois era ele quem conduzia a reza do terço diário. Nas bibliografias<sup>90</sup> produzidas sobre o Padre Luiz, feitas a partir dos depoimentos do pároco, a sua família é comumente apresentada como altamente religiosa. Silvio, o pai de Padre Luiz, é quem o ensinou as orações e o hábito da leitura da *Bíblia* (ROSSATTO, 1996). Desta maneira, o pároco atribuiu a sua vivência religiosa familiar como o primeiro elemento que irá despertar a sua vocação para o sacerdócio.

Além disso, provavelmente no ano de 1929, o sacerdote tenha iniciado seus estudos em uma pequena escola, localizada em Taquaruçu do Sul. “Em março de 1929<sup>91</sup>, meu pai me apresentou a matrícula da Escola Professor João Fontana<sup>92</sup>, na primeira

---

<sup>89</sup> Entrevista de padre Luiz Sponchiado concedida a Jucemara Rossatto, em Janeiro de 1996. In: ROSSATTO, Jucemara. Padre Luiz Sponchiado: um empreendedor em Nova Palma. 1996. 92f. Monografia (Graduação e, História). Faculdades Franciscanas, Santa Maria, 1996 (p.17).

<sup>90</sup> Ver mais em: Rossatto (1996) e Sponchiado (1996).

<sup>91</sup> Encontramos outros documentos que sugerem que padre Luiz teria iniciado seus estudos em 1930 – isso indica a confusão de dados e informações que os manuscritos do sacerdote apresentam.

<sup>92</sup> A escola que padre Luiz e seus irmãos freqüentaram estava em espaço religioso, entretanto o professor era leigo, sendo ele quem dava o nome a escola.

igrejinha, bem estragada de S. Roque, onde freqüentei até 1933, chegando a então [a] seleta, que significa hoje a 5<sup>o</sup> série”<sup>93</sup>.

Vale destacar a importância que a família de padre Luiz Sponchiado deu a instrução escolar dos filhos<sup>94</sup>, mesmo sendo um grupo familiar que vivia da produção agrícola, os quais, geralmente, pouco prezavam a educação formal. Silvio poderia estar vislumbrando o futuro dos filhos longe do trabalho na terra, ao iniciá-los nos estudos. A família era numerosa e, provavelmente, não haveria terra para todos. O pai, ao encaminhar os filhos à instrução escolar, estaria preparando os filhos para exercerem outras atividades profissionais, abrindo-lhe outras oportunidades.

O desejo da vida religiosa, entretanto, foi sentido pela primeira vez por padre Luiz através das “Santas Missões”. Através de missionários católicos que percorriam as comunidades com o intuito de fortalecer a fé e a religiosidade, apresentando uma nova forma de evangelização. Segundo Possamai (2005, p.197), “as Santas Missões [...] visitavam as colônias, causando um forte efeito entre os colonos, já que enfatizavam em seus sermões a necessidade de salvação individual da alma”. Em seus manuscritos, padre Luiz deixou o seguinte relato:

Lembro o ano de 1932, quando em fevereiro Missionários Capuchinhos, pregaram fervorosa Missão duma semana e, na praça, no domingo final, chantaram a cruz de madeira. A figura do religioso sobre uma mesinha pregando, despertou-me pela primeira vez a IDEIA DE SER PADRE CAPUCHINHO. Muito apoiado pela catequista e sacristão nono Munaro, pais e avós.<sup>95</sup>

A Igreja Católica tinha interesse em aumentar o quadro de religiosos (sacerdotes, irmãos e freiras) e, por isso organizava as missões com o propósito de recrutar meninos e meninas para ingressarem na vida dos seminários e conventos (POSSAMAI, 2005). O contato com os missionários em Taquaruçu despertou em padre Luiz Sponchiado, o desejo de tornar-se pároco, ganhando destaque em seu manuscrito ao escrever em letras garrafais. Além disso, não eram somente os religiosos que incentivavam a entrada na vida religiosa, como prontamente o padre Luiz deixou o registro. As catequistas também contribuíram para preparar os jovens a iniciação da vocação religiosa, como aconteceu com Luiz. (POSSAMAI, 2005); (SILVA, 2003). Havia nas colônias um

---

<sup>93</sup> Manuscrito de padre Luiz Sponchiado, de fevereiro de 1995. In: Caixas de Padre Luiz Sponchiado. Centro de Pesquisas Genealógicas, Nova Palma.

<sup>94</sup> Outros irmãos do sacerdote também ingressaram na escola.

<sup>95</sup> **Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado.** Caixa Vocações religiosas. Centro de Pesquisas Genealógicas.

ambiente propício ao fortalecimento e engrandecimento da Igreja. Os valores católicos impregnavam a vida cotidiana e as pregações das missões encontravam forte acolhida.

A família Sponchiado contribuiu para a formação de vocações sacerdotais em seu meio familiar. Pois ingressar no seminário representava a possibilidade do menino estudar, mesmo que não se tornasse religioso. Além disso, segundo Silva (2003, p.199),

Para a maioria dos colonos que trabalhava com a terra, a possibilidade de acesso à educação para os filhos e filhas, via seminário e instituições religiosas, representou uma das estratégias a que se recorreria como forma de preparar aquela parcela de membros da família que seria expulsa da propriedade paterna, uma vez que a reprodução de todos os seus membros inviabilizaria a manutenção da propriedade.

Entretanto, o fator decisivo para o menino Luiz Sponchiado ingressar na vida religiosa aconteceu em fevereiro de 1934, quando seu pai, Silvio, foi chamado para conversar com Padre Vitor Batistella<sup>96</sup>. O pároco<sup>97</sup> estava recrutando meninos para o seminário, “atendendo às repetidas circulares da Cúria Diocesana, encarecendo a obra dos seminários”, e colaborando na chamada Obra das Vocações Sacerdotais. Os meninos eram observados e colocados à prova em relação aos indícios da vocação religiosa e a qualidade de seu desempenho – e o menino Luiz chamou a atenção do pároco (SPONCHIADO, 2003, p. 283).

Com o processo de Romanização<sup>98</sup>, o catolicismo introduziu novas devoções e valorizou os sacramentos como forma central para alcançar a salvação. Além disso, reforçou o aparelho eclesiástico e incentivou o clero a manter sob controle a comunidade (SILVA, 2001). Para isso, necessitava aumentar o número de religiosos e, nesse mesmo processo, incrementava a demanda espiritual por religiosos. A ausência de padres nas comunidades era continuamente lembrada, assim como a necessidade das mesmas comunidades fornecerem seus filhos para ocuparem esses cargos<sup>99</sup>.

---

<sup>96</sup> Novo vigário de Barril.

<sup>97</sup> SILVA (2003, p. 195), ao abordar as vocações religiosas no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, percebeu que as ordens religiosas foram fundamentais na criação de novas vocações. Segundo a autora, as ordens religiosas são as “responsáveis por tantas vocações, pois freqüentemente passavam nas localidades da região para visitar as famílias, facilitando e incentivando as vocações”.

<sup>98</sup> Segundo Beneduzzi (2008, p. 31), o Rio Grande do Sul viveu o processo de romanização, no qual alvoreceu “uma nova percepção religiosa, fundada em uma expressiva participação popular, em uma forte piedade, em uma profunda vivência sacramental e, sobretudo, em um grande atrelamento à Igreja Romana”.

<sup>99</sup> Um exemplo disso, era a existência de dois padres no período inicial da Colônia Silveira Martins. Padres Antônio Sório e Vitorre Arnoffi atendiam todos os núcleos da ex-colônia e, isso demandava tempo, devido a distancia, bem como as condições climáticas e das estradas (VENDRAME, 2007, 2013); (VÉSCIO, 2001).



A Igreja Católica valorizava a figura do padre e passou a promover campanhas vocacionais, nas quais recrutava jovens para a vida religiosa: “uma grande graça, a maior de todas reservada a poucos, muito inteligentes” (TOMELIN apud SILVA, 2001, p.101). Então, através da catequese, das missões e de visitas sacerdotais, passou-se a incentivar meninas e meninos que demonstrassem inclinação à vida religiosa a entrarem em seminários e conventos.

Um exemplo de campanhas de recrutamento de jovens para a vida religiosa está no jornal *A Palavra*<sup>100</sup>, de 20 de abril de 1991. Padre Erasmo Dall’Asta informou a sua paróquia para que realizassem mais orações, pedindo por padres e religiosos. Alegou que a falta de sacerdotes e religiosos na comunidade são um sinal de que as famílias estão passando por uma crise de fé e de amor e, confrontou a religiosidade de seus paroquianos. Em suas palavras,

Muitas famílias não tem vida religiosa, outras não querem que um filho seu siga o sacrifício ou a vida religiosa e outras mais, até combatem o sacerdote. Um bom padre e um bom religioso são úteis e necessários não só a Igreja, mas a própria sociedade. [...]

A missão do sacerdote é bela, é importante, é necessária e interessante a todos. O padre, que deve ser bom, pastor, evangeliza o rebanho de Cristo, o santifica pelos sacramentos e também o orienta para que o povo se sinta comunidade e viva o evangelho anunciado<sup>101</sup>.

Pode-se perceber que tal sacerdote critica as famílias pela falta de vocações sacerdotais e religiosas. A família, ao não querer que seus filhos ingressassem nos quadros profissionais da Igreja Católica, passava a descumprir os mandamentos que regem a vida católica e a este comportamento a Igreja católica atribuída à conotação de família não religiosa. Em seu texto, ainda fica clara a intenção do pároco em valorar a figura do padre e seu incentivo as novas vocações, através do pedido à comunidade para que rezassem para que mais meninos e meninas se inclinassem para a vida religiosa.

Em missões anteriores, o pároco de Barril havia recrutado o primo de padre Luiz Sponchiado, Abílio Sponchiado – que foi outro de seus incentivadores para que seguisse a vida sacerdotal. Abílio teria sido quem havia apresentado Luiz Sponchiado ao padre Vitor Batistella. Em manuscrito, padre Luiz narrou como foi seu ingresso ao mundo religioso: “neste mesmo ano partiram para o seminário de S. Maria e de Marcelino

<sup>100</sup> Não sabemos de onde é tal jornal, pois somente existe o recorte da notícia. Esse é um dos problemas do acervo de padre Luiz Sponchiado, quando ele compôs e organizou o CPG.

<sup>101</sup> A paróquia informa. In: *Jornal A Palavra*, de 20 de abril de 1991, p.4.

Ramos uma porção de meninos, entre eles, o Primo Abílio, que em 1934, me apresentou ao Batistella para ir no lugar de Genuíno Fontana e Ant<sup>102</sup>. Zanatta que desistiram<sup>103</sup>”.

Constata-se, dessa forma, que no ambiente onde circulava o menino Luiz havia um forte apelo ao religioso. O pai era chamado pelo pároco para falar a respeito do filho que tinha vocação religiosa. A vida religiosa não era estranha a esse universo familiar. As vocações religiosas tinham lugar, valor e eram incentivadas. Aquele que tomava a dianteira quanto à opção pela vida religiosa – no caso, o primo Abílio tornava-se um exemplo para o menino Luiz – que deveria ser seguido pelos demais familiares<sup>104</sup>. Posteriormente, a vocação sacerdotal de padre Luiz Sponchiado influenciou duas de suas irmãs, Elisabeth e Adelaide, a se tornarem religiosas.

Porém, a situação econômica da família era um empecilho para o ingresso de padre Luiz Sponchiado no seminário. Havia a necessidade da aquisição de um enxoval seminarístico<sup>105</sup> e o grupo familiar não tinha dinheiro para tanto. Em depoimento, padre Luiz Sponchiado narrou como foi adquirido o material para a confecção de seu enxoval:

De manhã, engarupado na mula, acompanhei o pai, até Taquaruçu, para adquirir o enxoval seminarístico. Timidamente o pai, expôs a situação ao negociante da família Caetano Zanchet, que para decidir se venderia fiado ou não, mandou chamar dos fundos do casarão de madeira a mãe Dona Catarina, viúva. [...] O pai ameaçou então, que iria ao negociante fronteiro, Antônio Siliprandi, ‘pois o filho não deixaria de ir ao seminário’. Diante da justificativa e da concorrência que havia, aceitaram... (SPONCHIADO, 1996, p.130).

Com esse depoimento, constatamos o esforço feito por Silvio para que seu filho Luiz pudesse adquirir o enxoval e, dessa forma, ingressar no seminário. Entretanto, podemos perceber a forma como padre Luiz Sponchiado elaborou o início de sua trajetória sacerdotal: a partir de uma forte religiosidade familiar, superando dificuldades econômicas, e conquistando o êxito ao final da empreitada. A decisão e a entrada no seminário, o florescimento de mais uma vocação sacerdotal, foram construídos, dessa forma, como uma espécie de saga. Padre Luiz Sponchiado aproximou sua trajetória sacerdotal ao gênero epopéia – que também remete a trajetória dos imigrantes e suas

---

<sup>102</sup> Significa Antônio.

<sup>103</sup> Manuscrito de padre Luiz Sponchiado, de fevereiro de 1995. In: Caixas de Padre Luiz Sponchiado. Centro de Pesquisas Genealógicas, Nova Palma.

<sup>104</sup> Silva (2003, p.103) constatou em sua pesquisa que “a formação das vocações dentro da própria família, ganhava-se mais um aliado, com um poder maior de influência: afinal, tratava-se de um dos seus membros”. Dessa forma, quando havia um membro da família que seguia a vida religiosa, poderia influenciar os demais para a mesma trajetória.

<sup>105</sup> Para Silva (2001), o pagamento dos estudos e do enxoval para o convento ou seminário passou a ser equivalente às respectivas partes da herança.

famílias. O caminho é sempre marcado por sofrimentos e desafios, mas o sucesso final é sempre alcançado.

O esforço que Silvio e sua família fizeram para enviar e manter padre Luiz Sponchiado no seminário pode ser justificado pelo lugar simbólico que a figura do sacerdote representava nas comunidades de descendentes de imigrantes: uma figura divinizada, um representante de Deus. E isso era motivo de prestígio e status para o grupo familiar perante a sua comunidade. Além disso, tornava-se “uma estratégia possível de reprodução do campesinato”, pois diminuía o número de herdeiros entre os quais seria dividida a pequena propriedade rural (SILVA, 2003, p.103).

A entrada no seminário e em conventos representava a possibilidade da continuação dos estudos para meninos e meninas. Uma parcela de pais agricultores almejava para seus filhos o estudo, que significava um bem cultural, que só seria possível com a ida ao seminário ou convento – mesmo que o indivíduo não viesse a tornar-se um religioso. Dessa forma, segundo Possamai (2005, p.198)

Não é, pois, de admirar que o sonho de muitos filhos de colonos fosse o de pertencer ao clero, não só em razão dos poderes sobrenaturais que julgavam poder alcançar através do sacerdócio, como também da ascensão social que isso representava, visto que essa era a única forma de ingresso na vida intelectual, representada pelo acesso aos conventos e seminários.

Ao ingressar no Seminário Menor Diocesano São José, em Santa Maria, a 26 de fevereiro de 1934, padre Luiz Sponchiado pode dar continuação aos seus estudos – cursar o ginásio e o colegial – e ter a orientação da Companhia de Jesus<sup>106</sup>. A continuidade com o aprendizado e a formação foram as possibilidades que atraíram jovens como Luiz Sponchiado, a entrar no seminário. Pois, é provável que muitos “não dispunham no seu cotidiano de muita pobreza e trabalho árduo, muitos jovens ingressavam em seminários, seduzidos, por essas opções” (SILVA, 2001, p. 214).

---

<sup>106</sup> Segundo Sponchiado (2003, p.49), “a formação do clero secular e regular se constitui em uma das metas da Companhia de Jesus, desde a sua fundação, em 1534, por Inácio de Loyola”.



**Figura 10:** Seminário Menor Diocesano São José  
**Fonte:** Centro de Pesquisas Genealógicas

A fotografia acima se refere ao seminário em que o sacerdote estudou e, junto, encontrou-se uma descrição feita por ele sobre a viagem e sua chegada até Santa Maria:

- Assim eu vi o edifício, no entardecer das 18hs. [...] Fui levado ao dormitório do meio, na cama, com plaqueta num.144 (que me acompanhou em todo tirocínio seminarístico de 12 anos completos. – A viagem [de] caminhão de carga, de trem, de carrocinha ao chegar na cidade, me desorientaram. Ao chegar a hora da janta, com o barulhão do encontro dos “veteranos”, foram me procurar “perdido nos labirintos dos grandes corredores e escadas e andares nunca visto<sup>107</sup>.

Sobre este depoimento do sacerdote podemos constatar como aconteceu a viagem até o seminário. Se retornarmos ao mapa da figura 9, no primeiro capítulo, pode-se verificar que os meninos teriam ido até Marcelino Ramos de caminhão. Nesse local embarcaram em um trem para Santa Maria. E para chegar ao seminário, utilizaram uma carrocinha. Além disso, padre Luiz Sponchiado narrou seus primeiros momentos no seminário.

Em 1940<sup>108</sup>, padre Luiz Sponchiado ingressou no Seminário Central de São Leopoldo, onde cursaria o trienal de Filosofia entre 1940 a 1942 e, o quadrienal de Teologia entre 1943 a 1946, dando continuidade aos estudos e a sua formação

<sup>107</sup> Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado. In: Caixa Padre Luiz Sponchiado – vocações. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>108</sup> Em 1939, iniciaram no seminário diocesano os exercícios militares de Tiro de Guerra. Com a intensificação da 2ª Guerra Mundial, os meninos do seminário passaram a serem recrutados. Padre Luiz Sponchiado foi incorporado ao grupo de reservistas de 2ª Categoria. E foi mobilizado para São Leopoldo, onde passaram a residir, estabelecendo-se no seminário.

sacerdotal<sup>109</sup>. Contando os anos que permaneceu no Seminário de Santa Maria e em São Leopoldo, padre Luiz Sponchiado esteve os 13 anos sob a orientação da Companhia de Jesus. É provável que, a escolha da formação jesuítica seja em virtude da influência que padre Vitor Battistella<sup>110</sup> exerceu, pois o mesmo teve sua formação sacerdotal nos seminários menor e maior de São Leopoldo, por padres Jesuítas.

No seminário Maior de São Leopoldo, padre Luiz Sponchiado aprendeu datilografia. A técnica de digitar através da máquina de escrever foi instrumento importante na sua formação sacerdotal e a exerceu até os últimos dias de vida. Foi através da datilografia que o pároco construiu a maioria de seus documentos – que chamamos de manuscritos – que foram utilizados nessa pesquisa. Essa é uma prática que padre Luiz Sponchiado trouxe do seminário e que incorporou na sua dinâmica de trabalho enquanto pesquisador da imigração italiana e da genealogia.

Entretanto, padre Luiz Sponchiado parece ter vivido um processo de crise vocacional durante um período da sua formação. No Seminário de São Leopoldo, recebeu a notícia sobre o falecimento do pai e o episódio o abalou. Em 30 de setembro de 1941, Silvio faleceu em virtude da queima de uma roça, que o mesmo ateou o fogo. Em manuscrito, padre Luiz Sponchiado deixou o relato sobre a morte de seu pai:

Pelas três horas da tarde daquele dia foi queimar uma roça, longe de casa, aproximadamente uns 800 metros. Junto ao pai foram na roça três filhos: Maximilio, Adelaide e Vercidiano, respectivamente com 14, 12, e 10 anos.

- Chegados ao local deu ordem aos pequenos que atessem fogo, só quando ele mandaria e foi atear o incêndio nas costas do mato.
- Logo que [o] desventurado progenitor ateou o fogo, os filhos aguardavam ansiosos, o sinal do pai para também fazê-lo na beirada.
- Em poucos momentos a roça toda foi presa pelas chamas...
- Acabadas as chamas os filhos foram em busca do pai, indo em direção onde começara a queima.

Os pequenos ficaram horrorizados quando repararam com o corpo do pai completamente carbonizado. Logo correram a chamar vizinhos e parentes. [...]<sup>111</sup>

Os detalhes sobre a morte do pai, o jovem Luiz Sponchiado só soube dias depois, quando retornou a Taquaruçu para visitar a família. A morte repentina do pai, a

---

<sup>109</sup> Certificado de estudos de filosofia e teologia. In: Caixa Padre Luiz Sponchiado – vocações. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>110</sup> Ver mais sobre Padre Vitor Battistella em: SPONCHIADO, Breno Antônio. **Monsenhor Vitor Battistella: Padre e Caudilho**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre. 2003.

<sup>111</sup>Manuscrito do Padre Luiz Sponchiado. In: Caixa da família Sponchiado. Centro de Pesquisas Genealógicas.

situação econômica e emocional da família levou o rapaz enfrentar uma possível crise vocacional, permanecendo de outubro a março na casa da família.

Em Taquaruçu, com quase dois meses que me encontrava em casa. Estava inteirado de toda a situação em que ficara a família. A mãe piorava dia-a-dia, com seus nervos e velhos incômodos, a Elisa levava uns ataques e estava inconsolável. A pequena Dileta se arrastava por aí pequenina e desolada ...<sup>112</sup>

Devido à situação em que se encontrava a família, padre Luiz Sponchiado “tomou a resolução de abandonar os estudos e ficar ajudando a necessitada família, como irmão mais velho” (SPONCHIADO, 1995, p.140). Entretanto, a insistência de seu grupo familiar, bem como de padre Vitor Batistella fizeram com que padre Luiz retornasse ao seminário em março de 1942. Para sua família, sua permanência no seminário significava status e prestígio diante da comunidade, no momento em que fosse ordenado padre<sup>113</sup>. Para padre Batistella, expressava a continuação da formação de um jovem na carreira eclesiástica.

É compreensível que o choque com a morte brutal de seu pai, tenha levado o jovem seminarista a um provável processo de crise vocacional. Entretanto, entende-se que o sacerdote utilizou-se dessa tensão para enaltecer a sua caminhada religiosa, isto é, apesar das dificuldades enfrentadas com a morte do pai e a sua possível desistência do seminário, o pároco insistiu na vida sacerdotal e conseguiu ordenar-se padre. Padre Luiz Sponchiado construiu essa imagem diante da religiosidade de sua família e das adversidades enfrentada, que resultaram no êxito final durante sua formação para explicar a sua trajetória na vocação sacerdotal.

Enfim, em 15 de dezembro de 1946, veio à ordenação sacerdotal de Luiz Sponchiado, em Frederico Westphalen, motivo de orgulho para sua família. Dessa forma, a trajetória da vocação sacerdotal de padre Luiz Sponchiado serviu para compreendermos a importância que tinha um filho sacerdote nas famílias de imigrantes. Era tanto um motivo de prestígio e status à família e para a comunidade, como significava um meio de oferecer estudo e outras possibilidades profissionais aos jovens filhos de camponeses. E, obviamente, uma questão de vocação além do forte vínculo com líderes religiosos.

---

<sup>112</sup>Diário a 11 de dezembro de 1943 *apud* SPONCHIADO, 1996, p. 140

<sup>113</sup> Silva (2001) explicou que dentro das famílias de pequenos proprietários, alguns deviam sair da propriedade, para que os outros filhos pudessem permanecer. A saída era o seminário e o convento, onde poderiam estudar e seguir a vida religiosa. Pois ter um filho padre ou irmã religiosa significava prestígio e status da família diante da comunidade. Ser padre ou irmã expressava algo divino e ser um representante de Deus.

A família que possuía uma pequena propriedade de terras precisava expulsar alguns de seus membros, pois era inviável o parcelamento da terra entre os nove filhos vivos do casal Silvio e Corina. A estratégia utilizada pela família Sponchiado foi enviar o filho mais velho, Luiz Sponchiado para o seminário – onde poderia continuar seus estudos que havia iniciado em Taquaruçu. É claro, padre Luiz Sponchiado recebeu influência de seu primo Abílio Sponchiado, que havia entrado no seminário – tornando-se um exemplo a ser seguido na família. E também de padre Vitor Batistella, que provavelmente o influenciou até na escolha de seminários orientados por Padres Jesuítas, como aconteceu com a sua formação.

Entretanto, apesar das dificuldades enfrentadas por padre Luiz Sponchiado em sua formação sacerdotal, em relação à economia da família e a morte do pai, o jovem seminarista conseguiu torna-se padre – o que serviu, mais tarde, para a construção de uma imagem de trajetória com êxito final.

A seguir serão abordadas as primeiras atuações de padre Luiz Sponchiado após a ordenação.

## **2.2. O sacerdócio: o papel dos padres em pequenas comunidades**

Os padres em pequenas comunidades constituem-se em importantes lideranças políticas, capazes de assumir as mais diferentes demandas de uma comunidade. Além de prestar assistência religiosa, o padre também trabalhava para dinamizar a comunidade e aumentar o seu status. A organização da vida paroquial ampliava e consolidava os recursos disponíveis da comunidade, e isso, muitas vezes, era feito através da autoridade e liderança do padre (MERLOTTI, 1979).

Nesse contexto de comunidades marcadas por forte religiosidade e extrema valorização da instituição católica, as experiências religiosas vividas por padre Luiz Sponchiado após a ordenação sacerdotal possibilitaram que ele se exercitasse como liderança. Os serviços religiosos prestados foram essenciais e o impulsionaram para as ações posteriores frente à paróquia de Nova Palma e a comunidade da Quarta Colônia. Suas atuações exemplificam o papel dos padres em localidades de pequeno porte, onde a figura do sacerdote torna-se a figura central.

A primeira atuação de padre Luiz Sponchiado como sacerdote se deu em Irai, em 1947, onde permaneceu por menos de um ano. Desempenhou a função de Coadjutor, que significava a prestação de assistência ao padre responsável pela paróquia

– no caso, padre José Borget, pároco alemão, que completou seus estudos também em São Leopoldo. Em Iraí, padre Luiz ministrou sacramentos e trabalhou na criação de diversas comunidades de Congregação de Doutrina Cristã – incentivando o aprendizado da doutrina católica<sup>114</sup>. Inicialmente, então se percebeu que padre Sponchiado trabalhava basicamente no campo religioso: a manutenção e o desenvolvimento da fé e religiosidade cristãs dessa comunidade.

Porém, suas experiências como capelão do Hospital de Caridade em Santa Maria e de Coadjutor de Barril vão além da atividade exclusivamente religiosa e, pois sua atuação marcou o desenvolvimento da Quarta Colônia. As ações que desempenhou nesses dois trabalhos apresentaram a pluralidade possível de um sacerdote – no sentido de novas experiências e percepções acerca da função e da imagem sacerdotal.

Após a saída de padre Luiz Sponchiado de Iraí, o recém ordenado padre foi encaminhado para Santa Maria, onde trabalharia como capelão do Hospital de Caridade Astrogildo de Azevedo (HCAA), onde permaneceu de 1948 a 1950. A função de capelão significava o serviço religioso desempenhado na capela de uma instituição de saúde que era também um espaço de atuação de religiosas franciscanas como enfermeiras do hospital. Seu trabalho remetia a assistência religiosa a funcionários, doentes e familiares dos enfermos, através da realização de missas, visitas diárias aos enfermos, grupos de orações e retiros (SPONCHIADO, 1996). Contudo, padre Luiz Sponchiado não utilizou apenas a religiosidade para confortar os doentes e os seus familiares que os acompanhavam.

Pensando no ambiente hostil de um hospital e no papel de um padre na busca pelo bem-estar da comunidade hospitalar, padre Luiz Sponchiado “pensa na iniciativa de dotar o seu hospital [com] uma rede de som que atingisse as enfermarias, quartos e adjacências do prédio”. (SPONCHIADO, 1996, p.153). A proposta inovadora utilizava a música como terapia a doentes, acompanhantes e trabalhadores do órgão de saúde, bem como auxiliava no trabalho do sacerdote na assistência e instrução religiosa.

Com as obras em andamento da construção da rede de som, padre Luiz Sponchiado foi à Argentina para adquirir gravações “a voz de seu dono- selo vermelho” que se encontravam mais em conta que no Brasil. Para a viagem, até o país vizinho, precisou receber a licença da Delegacia de Polícia de Itaqui, na qual adquiriu

---

<sup>114</sup>Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado. In: Caixa Padre Luiz Sponchiado – Iraí. Centro de Pesquisas Genealógicas



documento que autorizava o passeio por cinco dias<sup>115</sup>. Percebe-se o envolvimento do pároco com o bem-estar da comunidade hospitalar, na tentativa de adquirir produtos diferenciados para serem reproduzidos na rádio que estava em formação.

Segundo o jornal *A Razão*, de 5 de agosto de 1950, foi “instalada moderníssima rede de alto falantes no Hospital Astrogildo de Azevedo”, tendo como seu principal idealizador padre Luiz Sponchiado. A rede de som deu origem a rádio Medianeira,

Como batizou padre Luiz, com todo entusiasmo e profundo espírito humanitário, objetivando distrair os enfermos e minorar-lhe[s] o sofrimento, já que lhes proporciona horas de prazer, ouvindo músicas da variadíssima discoteca como também a retransmissão de programas de rádio e, também[,] conforto espiritual proporcionado pela retransmissão das missas<sup>116</sup>.

O rádio acabou se transformando em um meio de dar assistência religiosa, mas também, tornava-se uma maneira de instrução da fé cristã e de propagação da doutrina católica, a partir da transmissão de missas. Abaixo, encontra-se a fotografia do estúdio da rádio Medianeira, no HCAA. Na imagem, consta padre Luiz Sponchiado, no meio de dois homens não identificado.



**Figura 11:** Estúdio da Radio Medianeira no HCAA  
**Fonte:** Centro de Pesquisas Genealógicas

<sup>115</sup> Documento emitido pela Repartição Central de Polícia/ Delegacia de policia de Itaqui (4º Repartição Policial), de 01 de outubro de 1948.

<sup>116</sup> Instalada moderníssima rede de alto-falantes no Hospital Astrogildo de Azevedo. In: Jornal *A Razão*, de 05 de agosto de 1950.p.8.

Com propósito de ampliar o seu conhecimento e atuação no meio social e da saúde, padre Luiz se inscreveu no curso de enfermagem que funcionava no Hospital de Caridade. O curso facilitava o relacionamento dos enfermos com o sacerdote, no sentido de não apenas dar a assistência ao corpo e a saúde dos pacientes, mas também dar a instrução da religiosidade. Para cursar enfermagem, o sacerdote pediu licença ao Bispo Dom Antônio Reis que, diante do Direito Canônico, estaria impedido de realizar, contudo o bispo diz para o capelão participar, desconsiderando as minúcias da legislação eclesiástica<sup>117</sup>.

Percebe-se que, dessa forma, a atuação inicial de padre Luiz Sponchiado como capelão do HCAA, envolveu-o com outras demandas além da exclusivamente religiosa, atuando também quanto às questões dos cuidados de saúde, do bem estar e da sociabilidade dos doentes no hospital. O exercício da enfermagem – no qual estava impedido de exercer diante do Direito Canônico – tornava-se um meio de aproximar-se de enfermos e oferecer-lhes a assistência e a instrução espiritual.

Em 1950, foi transferido para a Paróquia de Santo Antônio, de Barril, onde atuou novamente como coadjutor, auxiliando padre Vitor Batistella até 1956. Sobre esse período, padre Luiz Sponchiado relatou em manuscrito:

Neste tempo terminamos o Hospital Divina Providência e, iniciaram as grandes obras da Catedral. Introduzi a Imagem de Fátima-Pelegrina nas famílias. Lutei muito [pela emancipação de Barril] e, nos lugares mais difíceis do Uruguai e Palmitinho que eram contra a Emancipação, conseguindo vencer o plebiscito, gesto que Barril – devido ao caráter autoritário do Batistella– esqueceu.<sup>118</sup>

Pelo que podemos compreender do manuscrito, padre Luiz Sponchiado faz uma crítica ao povo de Barril. Ao ler Sponchiado (1996), percebeu-se que a Igreja de Barril, sobre a direção de padre Batistella e Sponchiado, exerceram pressão ao povo que era contra a emancipação, na tentativa dessa parcela de população votar a favor do Plebiscito. Dessa forma, a ideia de luta, vem da busca em convencer a população que era contra a emancipação. E assim, a crítica de padre Luiz vem no sentido que o povo teria esquecido as constantes ações promovidas pela Igreja, nas figuras dos padres, para a emancipação de Barril.

---

<sup>117</sup> **Manuscritos de padre Luiz Sponchiado.** In: Caixa Padre Luiz - Hospital de Caridade. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>118</sup> **Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado.** In: Caixa Padre Luiz Sponchiado – vocações. Centro de Pesquisas Genealógicas.

Podemos perceber, a partir desse relato, como se dava a atuação dos padres em pequenas comunidades. Primeiramente, quanto à questão religiosa, enfocando a manutenção e consolidação da fé por meio do ministério dos sacramentos e reforço das devoções. Para isso, os dois padres iniciaram as obras de nova igreja e introduziram a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Para Merlotti (1979, p.60), o padre, como um líder social, “deve ter pelo menos capacidade de elevar a instituição religiosa, guiando seus fiéis à própria instituição apenas pela sua liderança”. Dessa forma, ao envolver-se na elevação da instituição Igreja Católica, o sacerdote também elevava sua própria imagem.

Entretanto, foram com ações de cunho social e político que os padres Batistella e Sponchiado ganharam destaque na comunidade de Barril. Eles desempenharam ações para o bem-estar comunitário no campo da saúde, com a finalização da construção do hospital, como foi relatado no manuscrito. Os padres, nessas pequenas comunidades, trabalhavam em prol às necessidades da comunidade – como na questão da saúde do corpo, buscando o equilíbrio físico espiritual dos indivíduos.

No campo político, padre Vitor Batistella envolveu-se no processo de emancipação de Barril, sendo auxiliado por padre Luiz Sponchiado. Os párocos Batistella e Sponchiado inteiraram-se das leis e do que ela exigia para a conquista da autonomia política e administrativa da comunidade, sua constituição em município. Ao tomar conhecimento da legislação, os padres passaram a transmitir à comunidade como uma forma de levar o progresso à região. Para isso, como padre Luiz relatou no manuscrito acima, o padre Vitor exerceu forte autoridade para convencer a população a votar pelo “sim” no plebiscito de 15 de fevereiro de 1954, para alcançar a emancipação de Barril. Em fevereiro do ano seguinte, foi assinado pelo Governador Ernesto Dorneles a lei que estabelecia a criação do mais novo município do RS.

Assim, a experiência adquirida com o trabalho no Hospital de Caridade, em Santa Maria, mais a atuação na paróquia de Barril na construção do Hospital Divina Providência e no movimento a favor da emancipação de Barril, se tornaram importantes instrumentos para as futuras ações de padre Luiz Sponchiado, frente à paróquia de Nova Palma. Tais ações serão apresentadas no próximo subcapítulo. “Muitas das iniciativas do futuro apostolado do padre são inspiradas dessa meia dúzia de anos” [vividas em Barril] (SPONCHIADO, 1996, p.156).

Por fim, sobre esse período em Barril, é importante ressaltar a figura do pároco Batistella para padre Luiz. Segundo Sponchiado (1996, p. 156), “foram anos de

verdadeiro aprendizado de administração paroquial, sendo mestre o padre Vitor Batistella, consagrado pároco e famoso líder”. Dessa forma, percebeu-se que sua trajetória religiosa foi marcada pela figura de padre Vitor Batistella – sacerdote que além de incentivar sua entrada no seminário, o influenciou em suas formas de atuação, que extrapolaram o campo religioso.

A figura do sacerdote – assumida por padre Vitor Batistella e que influenciou padre Luiz Sponchiado – era, dentro de pequenas comunidades, a de uma pessoa capaz de lidar com a realidade e as necessidades da população. E, para isso, os sacerdotes extrapolaram o campo religioso, para assim poderem desenvolver ações de cunho social, político, econômico e cultural em prol do povo. Por suas ações, o padre tornava-se uma pessoa central, que tinha seu status cada vez mais elevado devido ao poder que tinha e que exercia diante sua comunidade<sup>119</sup>.

Por fim, as experiências adquiridas por padre Luiz Sponchiado em Iraí e Barril na condição de padre assistente, subordinado ao pároco. Já no Hospital de Caridade, prestou serviço religioso em capela pequena, que pertencia a uma instituição de saúde. Somente quando foi designado para Nova Palma é que, pela primeira vez, padre Luiz Sponchiado tornou-se responsável por uma paróquia, realizando a assistência religiosa na Igreja matriz e em capelas que pertenciam à jurisdição da paróquia.

Longe de apenas ocupar o campo espiritual, os padres de pequenas comunidades – como se vê nos exemplos de padre Vitor Batistella e padre Luiz Sponchiado –, tornaram-se importantes lideranças locais. Auxiliaram na organização e desenvolvimento da comunidade, buscando o bem-estar dos moradores e, com isto alcançavam prestígio e poder. Para isso, ultrapassaram o campo religioso, como indica Merlotti (1979, p.58):

O sacerdote era um elemento de união entre Deus e a comunidade italiana, marcando uma cultura que se iniciava com destaque de elementos essenciais: a necessidade de manter acesa a fé cristã e o desenvolvimento das terras em busca do bem-estar, através do trabalho. Esse elemento, fator de integração e reconstrução sócio-cultural, através do prestígio, foi transformando a comunidade em que atuava, dando-lhe assistência sob todos os seus aspectos.

Padre Luiz Sponchiado visualizava a figura do sacerdote como “um chefe – desde o período da colonização italiana”<sup>120</sup>. Atuou como uma forte liderança, não

<sup>119</sup>Merlotti (1979) percebeu a importância do mito do Padre ao estudar o caso da localidade de Otávio Rocha, no RS.

<sup>120</sup> Entrevista de Padre Luiz Sponchiado. In: *Jornal Integração Regional*, 24 de março à 1º de abril de 2005.

apenas em Nova Palma, onde se tornou o pároco, mas também em toda a região. Em sua atuação na Quarta Colônia, extrapolou o campo espiritual, auxiliando a comunidade em seu desenvolvimento econômico, político, social e cultural.

A partir do caso de padre Luiz Sponchiado, será abordado, a seguir, a atuação dos religiosos na Quarta Colônia, no período da colonização italiana na região.

### 2.3 A atuação dos padres no período da colonização italiana na Quarta Colônia

Quando a Colônia Silveira Martins foi criada em 1877, os primeiros imigrantes italianos foram colocados primeiramente em um barracão<sup>121</sup>, onde permaneceram até serem designados aos lotes de terras demarcados. Posteriormente, foram abrigados em residências de imigrantes já estabelecidos – tais casas eram alugadas e o governo provincial fazia o pagamento<sup>122</sup>. Ao receberem os lotes de terra<sup>123</sup>, os italianos tiveram que derrubar a mata e construir suas casas, além de trabalhar na abertura de estradas coloniais e na construção da estrada de ferro. Nessas duas últimas atividades, os colonos recebiam um salário pelo serviço – o que auxiliava no sustento da família, enquanto o lote ainda não produzia (VENDRAME, 2007; CONSTANTINO, 2011).

Por um longo período, os colonos foram assistidos pelas autoridades coloniais, sendo a eles fornecido alimento e salários pelos serviços prestados nas medições dos lotes e nos caminhos coloniais. Quando não assessorados da forma como almejavam, clamavam contra os representantes do governo imperial que se encontravam entre eles, conforme ocorreu em 1878, na Colônia Silveira Martins. A revolta dos imigrantes contra o não pagamento dos salários provocou a fuga do diretor da colônia, conforme analisou Vendrame (2007). Dentro dessa perspectiva, a autora contrariou a ideia de abandono, isolamento e passividade dos imigrantes que chegaram aos núcleos coloniais fundados no Rio Grande do Sul, nas últimas décadas do século XIX. Nesse sentido, o imigrante italiano não ficou desamparado, muito pelo contrário. O projeto de colonização imperial previa uma série de benefícios para os italianos que chegavam ao território brasileiro para ocupar os núcleos coloniais do sul do Brasil.

---

<sup>121</sup> O barracão era uma estalagem precária, onde os imigrantes eram acomodados quando chegavam às colônias.

<sup>122</sup> Tal prática foi constatada a partir de recibos de alugueis: **Recibo destinado a Giovanni Dalamea**. In: Comissão de medição de terras – Colônia Silveira Martins. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs); **Recibo destinado a Emma Tognotti**. In: Comissão de medição de terras – Colônia Silveira Martins. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs).

<sup>123</sup> A terra foi financiada por preço acessível em longo prazo.

Porém, no campo espiritual, partes dos imigrantes sentiam-se desfavorecidos. Por isso, não demoraram muito para enviar a Itália um representante para que procurasse padres que desejassem se transferir para o outro lado do Atlântico, a fim de assistir os conterrâneos nos núcleos coloniais. Nesse sentido, “os imigrantes católicos sofriam a ausência de um sacerdote que viesse dar conforto e ministrar os sacramentos” (VÉSCIO, 2001, p.54-55). Carentes de assistência religiosa e também, com o desejo de possuir um padre residente na comunidade, um grupo de imigrantes da Colônia Silveira Martins (do núcleo Vale Vêneto) financiou o retorno de um imigrante italiano para a península itálica com a missão de contratar um sacerdote.

Assim, em 1881, chegavam à referida região colonial dois padres italianos – Antônio Sório<sup>124</sup> e Vitorre Arnoffi<sup>125</sup> –, ambos com os mesmos sonhos dos imigrantes que se estabeleceram aqui: conseguir lote de terra, com a perspectiva de prosperarem. “Construir um patrimônio material, principalmente por meio da posse da terra, mais do que estar no horizonte de expectativas, era uma das intenções dos padres Arnoffi e Sório que migraram para trabalhar entre os conterrâneos”, segundo afirma Vendrame (2013, p. 61).

Dessa forma, os imigrantes das comunidades de Silveira Martins e Vale Vêneto passaram a estar amparados por dois sacerdotes. Já o restante da Colônia recebia visitas esporádicas dos padres, devido às dificuldades com as condições climáticas e das estradas. Contudo, mesmo com a escassa presença dos párocos, “a religiosidade desempenhou um papel importante na organização e reconstrução grupal da nova pátria” (MARIN, 1999, p.75). É a partir da religiosidade e da inserção dos primeiros padres que as pequenas comunidades de colonização italiana passaram a se organizar. Os padres – com seu prestígio e por serem consideradas criaturas divinas pela população local – passaram a dar assistência espiritual, conforto, incentivo e, muitas vezes, patrocinar a criação de instituições para promover o desenvolvimento local.

Entre os imigrantes e os descendentes, o padre era a autoridade superior e tinha o controle sobre os bens e sobre seus fiéis. Os sacerdotes eram vistos como indivíduos que possuíam poder para abençoar e amaldiçoar, mas nem por isso os imigrantes deixaram de se opor às atitudes de determinados religiosos (MERLOTTI, 1979; BENEDEZZI, 2008).

---

<sup>124</sup> Assumiu os trabalhos religiosos no Núcleo Vale Vêneto e, posteriormente, com a morte de Arnoffi, foi direcionado para a sede da colônia, em Silveira Martins.

<sup>125</sup> Assumiu a Igreja na sede da Colônia, em Silveira Martins.

Em 1886, devido a problemas com os sacerdotes Arnoffi e Sório, os colonos conseguiram a vinda de novos religiosos, os Palotinos – congregação religiosa fundada em 1835, pelo padre Vicente Palotti. Esses religiosos estavam integrados ao projeto da romanização – a orientação política e espiritual assumida pelo Vaticano com o Concílio Vaticano I (1869-70). Segundo Marin (1999, p.75):

Imbuídos do ideal ultramontano, [os Palotinos] desenvolveram um projeto disciplinar intencional que deveria envolver toda a tessitura social, normatizando e regulando as relações individuais, seja na família, na escola, nas associações devocionais, na imprensa, na agricultura, no trabalho, no lazer, na política, nas relações sociais e até na intimidade.

Com o projeto de romanização, os padres aumentaram seu poder de controle sobre a comunidade. E, dessa forma, a população local passou a vigiar-se mais: os comportamentos que feriam a conduta moral – o que aconteciam com certa frequência – eram julgados pelos imigrantes e seus descendentes na própria localidade. Nesse sentido, “[...] todos se conheciam, se observavam e se controlavam até mesmo nos momentos mais íntimos e inesperados do cotidiano” (MARIN, 1999, p.84).

O severo controle religioso e moral, no entanto, não impediu que indivíduos da sociedade local tivessem conduta inadequada, conforme os códigos da comunidade e, ocorressem questões ligadas à honra familiar e a práticas de justiça entre os italianos e descendentes<sup>126</sup>. Até sacerdotes – especialmente seculares, que não participavam do movimento ultramontano – tinham condutas que eram questionadas e condenadas por alguns membros da comunidade e pelos religiosos romanizados.

Dessa maneira, os conflitos existentes entre os sacerdotes e as pessoas da comunidade merecem destaque. O padre exercia liderança política, assim como comerciantes e autoridade municipais, e isso gerava disputa pelo poder local. Vendrame (2013) apresentou os conflitos existentes entre o Padre Sório e lideranças locais e, a partir da análise de inúmeros casos, constatou que nem todos os indivíduos da comunidade estavam em profundo acordo com o que o padre pregava.

Na região da Quarta Colônia, percebe-se a grande atuação dos padres nas pequenas comunidades, através da revisão da bibliografia produzida sobre o local. Os

---

<sup>126</sup> Ver mais em VENDRAME, Maíra Ines. **Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)**. (Tese de Doutorado). PUC-RS, 2013.

sacerdotes eram vistos como figuras divinas, devido a sua posição de intermediários entre os homens e Deus, tanto pela Igreja quanto pelos fiéis. Por essa razão, eram percebidos como pessoas “próximas a Deus”. Desta maneira, além do papel “divino” acrescido do lugar ocupado pelo sacerdote, os religiosos encontraram outros meios de alcançar maior prestígio entre a população. Além do papel religioso e espiritual, os padres exerciam forte liderança política nas regiões coloniais e, articulavam as demandas econômicas e sociais dos colonos – em especial, a defesa do modelo de sociedade camponesa, com ênfase na pequena propriedade rural e na coesão familiar. Isso, porém, não significava que não provocassem rejeições e conflitos internos na comunidade.

A seguir, serão apresentadas algumas ações de padre Luiz Sponchiado<sup>127</sup> na região da Quarta Colônia, mas especificamente no município de Nova Palma.

### 2.3.1 O papel de padre Luiz Sponchiado para a Quarta Colônia

*[O padre] representa muito. O padre sempre foi um chefe – desde a colonização italiana<sup>128</sup>.*

O sacerdote era visto como um elo entre Deus e a comunidade, no sentido de manter a fé, buscando o bem-estar e auxiliando no desenvolvimento local. Além disso, a partir da figura que representa e do seu prestígio, foi transformando os lugares que estavam sob seu governo religioso, através de suas ações e da assistência oferecida à população em todos os aspectos (MERLOTTI, 1979).

Levando em conta a figura de padre Luiz Sponchiado, o papel desempenhado por ele, refletiu-se em ações pelo bem-estar da comunidade, as quais proporcionaram desenvolvimento local. Dessa forma, para participar da vida de seus paroquianos, o padre envolveu-se em ações que procuravam melhorar as condições de vida da comunidade. Entre as ações estão a busca pela emancipação político-administrativa, a criação de uma cooperativa para a comercialização da produção agrícola, a construção de um novo hospital e uma escola, entre outras atividades. Não serão trabalhadas todas as ações que o Padre Luiz Sponchiado teve sua participação, pois demandaria tempo.

---

<sup>127</sup> Acompanhar a trajetória de um indivíduo – entender as articulações, os jogos de relações do indivíduo com o grupo, como as ações de um indivíduo interferem no espaço – permite compreender um contexto histórico (Bourdieu, 1996).

<sup>128</sup> Entrevista de Padre Luiz Sponchiado. In: *Jornal Integração Regional*, 24 de março à 1º de abril de 2005.



Contudo, algumas serão pontuadas para compreender a inserção do sacerdote diante da comunidade, bem como, entender o perfil que o município adquiriu com determinadas ações do pároco.

O desempenho de padre Luiz Sponchiado como sacerdote na região da Quarta Colônia começou no ano de 1956, quando se tornou pároco de Nova Palma<sup>129</sup>. O sacerdote envolveu-se um projeto de emancipação<sup>130</sup> da Quarta Colônia em um único município. Assim, para engajar a população na proposta de emancipação, o sacerdote começou a realizar reuniões e encontros na casa paroquial com lideranças locais<sup>131</sup>. Entre os líderes da comunidade de Nova Palma estavam Ricardo Pigatto, Maury Langone, Benjamim Piovesan, Gentil Grendene, Silvio Rossato, Giácomo Rossato, Alexandre Vendruscolo, Natalino Tomasi, Olinto Tomasi, Eduardo Stefanello, Guido Grotto, José Pigatto, Dr. Paulo de Tarso Oliveira, Napoleão Stella e Benjamim Rossato. Todos eram descendentes de imigrantes italianos, exceto o Dr. Paulo, natural de Pelotas, que era o médico local. A partir disso, estabeleceu-se uma rede de relações para seguir com o plano emancipatório.

Porém, a primeira tentativa do padre Luiz Sponchiado de buscar a emancipação de toda a Quarta Colônia esbarrou na disputa pela sede do novo município. Faxinal do Soturno e Dona Francisca uniram-se para buscar a emancipação local, elevando Faxinal do Soturno à condição de município em 1959, e frustraram esse primeiro movimento do grupo liderado por padre Luiz.

Com a emancipação de Faxinal do Soturno, restava ao padre Luiz Sponchiado a criação de um novo projeto. A segunda tentativa de emancipação da Quarta Colônia de padre Luiz Sponchiado compreenderia aos municípios de Nova Palma, Ivorá e parte de Pinhal Grande<sup>132</sup>. Nesse novo projeto, a oposição veio do pároco de Ivorá, que acreditava ser a proposta de emancipação desvantajosa. Com isso, a segunda tentativa de emancipar a Quarta Colônia também fracassou.

A terceira e última tentativa foi para buscar a emancipação de Nova Palma de forma mais “solitária”. Para não acontecer erros e imprevistos e, para não provocar ações de adversários, o sacerdote foi sozinho à Porto Alegre e encaminhou todo o

---

<sup>129</sup> Ainda não havia sido elevada a condição de município e pertencia ao município de Júlio de Castilhos.

<sup>130</sup> O pároco tinha experiência dos trâmites legais para realizar o processo de emancipação, pois havia participado da emancipação do município de Frederico Westphalen

<sup>131</sup> As lideranças eram católicas, que freqüentavam a Igreja. Uma dessas lideranças será, posteriormente, o primeiro prefeito de Nova Palma, Maury Langone.

<sup>132</sup> Ambas as localidades pertenciam ao município de Júlio de Castilhos.

processo emancipatório na Assembleia Legislativa, acompanhando de perto as tratativas. Em julho de 1960, Nova Palma foi elevada a condição de município.

Em 1960, o ano da emancipação de Nova Palma, padre Luiz Sponchiado despediu-se<sup>133</sup> da comunidade, pois foi nomeado Cura da Catedral Diocesana de Santa Maria – de onde partiu em missão especial para Frederico Westphalen, com o fim de preparar uma nova diocese<sup>134</sup>. Em uma carta<sup>135</sup> deixada pelo padre Luiz Sponchiado para as lideranças de Nova Palma, orientou-os sobre a formação político-administrativa do novo município:

“Lute[m] para que nos quadros da administração e direção do novo município, entrem somente **‘gente nossa’**... Temos elementos, de sobra, são, competentes, íntegros, trabalhadores e capazes...[...] Use[m] de toda a[s]sua[s] influência[s], para que o seu partido organizado, em peso, apresente, como **Candidatos** a Prefeito os Srs. Maury Langone e Eduardo Stefanello, que, todos os modos, são os grandes indicados, para os três primeiros anos iniciais, - seja pela capacidade esclarecida que têm, seja pela vontade férrea de trabalho que os distinguem, - seja pelo merecido conceito de estima que gozam, - seja pelos enormes sacrifícios que desprendem para a emancipação, - seja para unir todos os partidos em **candidaturas únicas**, [...]”.

Constata-se nas orientações acima a figura de padre Luiz Sponchiado como um líder político e autoritário, que instruiu determinado grupo de pessoas e os organizou para alcançar o projeto de emancipação. Vale salientar que, o primeiro prefeito e vice-prefeito faziam parte da Comissão Emancipatório e, foram indicados pelo sacerdote para ocuparem a Prefeitura. Além disso, a administração do novo município deveria ficar entre a rede de relações que foi estabelecida com a Comissão – todos católicos e descendentes de imigrantes italianos (exceto o médico).

Padre Luiz, como se vê, foi uma liderança que atuou em todas as etapas do processo de emancipação. Segundo Merlotti (1979, p.59), “sobre o papel do padre, há uma autoridade eterna que atua sob o domínio tradicional exercido por este chefe na comunidade”. Afinal, essa forte liderança política foi construída por meio de três elementos: o sacerdócio (“função divina”), o conhecimento dos trâmites legais do

---

<sup>133</sup> Especula-se ainda que, Padre Luiz Sponchiado teria sido retirado pelo Bispo, desse cenário de conflitos políticos, em pleno processo de emancipação do município de Nova Palma, no sentido de acalmar ânimos, bem como de poupar a imagem do sacerdote.

<sup>134</sup> Biografia de Padre Luiz Sponchiado, lida em seu velório. In: Caixa de Padre Luiz Sponchiado. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>135</sup> Carta transcrita de Padre Luiz Sponchiado. In: SPONCHIADO, Breno Antônio. **Imigração & 4º Colônia: Nova Palma & Pe. Luizinho**. Santa Maria: Ed. UFSM. 1996. (184-185p.).

processo, e o estabelecimento de relações sociais com lideranças políticas que tinham o interesse e poder na questão da emancipação.

Além disso, percebemos que o sacerdote recém havia chegado ao local e sua aceitação veio de forma rápida. Isso se deve<sup>136</sup>, pelo fato dos imigrantes e descendentes de italianos entenderem a figura do sacerdote como central no sistema econômico, social, político, cultural e religioso. Padre Luiz soube inserir-se nessa tradição cultural – ele se identificava com os moradores locais – e soube se colocar no lugar do padre que é líder da sua comunidade, não apenas no campo religioso.

Com a emancipação político-administrativa, o município de Nova Palma contava com a falta de infra-estrutura em serviços e ainda com um pequeno comércio. A produção local enfrentava dificuldades com o escoamento dos excedentes agrícolas, pois havia apenas dois moinhos e poucas casas de comércio para comercializar a produção. Para realizar a venda dos produtos, os colonos dependiam de atravessadores, o que aumentava o valor das mercadorias, reduzindo assim o lucro para o produtor. (MANFIO, 2011).

Ao perceber a necessidade em relação à comercialização dos produtos agrícolas do novo município que, em grande parte, dependia (e ainda depende) da agricultura, padre Luiz Sponchiado incentivou os agricultores de Nova Palma a se organizarem a partir de reuniões que se iniciaram em 1962, para a fundação de uma cooperativa no município. Segundo Manfio (2011, p.72):

O surgimento de uma cooperativa em um município gera dinâmicas que são capazes de criar novos investimentos e novas empresas que orbitam em volta da cooperativa, com o propósito de prestação de serviços ao sistema cooperativista. Além disso, neste espaço, moderniza-se a infra-estrutura, promovendo o desenvolvimento local ou regional, dependendo da escala de abrangência da mesma.

Dessa forma, aos três dias do mês de fevereiro de 1963, os agricultores reuniram-se no salão paroquial para uma Assembléia Geral de Constituição e registraram na primeira ata às seguintes disposições:

[...] que o objetivo da presente reunião era o de constituir uma cooperativa de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade de Nova Palma, sob a denominação de: Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda., e com o objetivo econômico de defender os agricultores ou produtores associados,

---

<sup>136</sup> A autora explica que, os imigrantes e descendentes de imigrantes italianos entendiam a figura do padre como o centro de vários campos de atuação. Porém, isso não significa que, a comunidade esperasse que o padre criasse e construísse instituições e projetos.

mediante a venda, em comum, dos produtos por eles entregues, bem como, fornecendo-lhes tudo aquilo que necessitavam para o seu uso profissional. Bem como, instalar uma secção de consumo, para fornecimento exclusivo a seus associados e às suas famílias, gêneros alimentícios e artigos de uso comum, pessoal e doméstico<sup>137</sup>.

Com a constituição da cooperativa, os trabalhos iniciaram primeiramente em instalações alugadas. A produção agrícola do município passou a ter melhores possibilidades de compra e venda, assegurando aos agricultores a comercialização do excedente e aumentando o lucro. Com o crescimento econômico, a cooperativa adquiriu da paróquia de Nova Palma sete terrenos urbanos<sup>138</sup> para a construção da sede e armazém<sup>139</sup>. Abaixo, a imagem da construção da sede da cooperativa.



**Figura 12:** Construção da Camnpal (década de 70).

**Fonte:** Centro de Pesquisas – Nova Palma –RS.

Com a criação da cooperativa foi possível melhorar as condições de comercialização<sup>140</sup> da produção agrícola da região, fazendo reforçar “as perspectivas de desenvolvimento dos colonos rurais” (MANFIO, 2011, p.74). A Cooperativa

<sup>137</sup> Ata nº1. **Assembleia de Geral de Constituição da CAMNPAL**. Nova Palma, 03 de fevereiro de 1963.

<sup>138</sup> Os terrenos pertenciam a uma chácara da Igreja Matriz.

<sup>139</sup> Manuscritos de padre Luiz Sponchiado In: Caixa da Camnpal. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>140</sup> Vale salientar que a Quarta Colônia ficava distante dos centros de comercialização e, o mais próximo era Santa Maria.

possibilitou ainda a geração de empregos tanto no meio rural quanto urbano e ajudou a promover o crescimento econômico da região. O desenvolvimento da Camnpal gerou a necessidade de sua expansão, para receber as demandas das comunidades e da produção. Para isso, foram criadas unidades no interior e em outros municípios para atender as exigências do aumento das atividades agrícolas. Atualmente, a Cooperativa possui unidades, bem como parcerias em diversas cidades<sup>141</sup> da Quarta Colônia.

A participação de padre Luiz Sponchiado na iniciativa de construção da cooperativa pode ser encarada como uma ação ligada ao bem-estar, no sentido de dar assistência material à comunidade. “O padre pertence à comunidade não apenas à instituição religiosa a que está ligado, mas aos homens a que se dedica, motivo de seu trabalho” (MERLOTTI, 1979, p.59). Constata-se, dessa forma, a capacidade de atuação de Padre Luiz Sponchiado, que está além do serviço espiritual, envolvendo-se no desenvolvimento econômico do município e da região.

Outro aspecto que merece ser destacado é a atuação de padre Luiz Sponchiado no campo da saúde. Padre Luiz envolveu-se “incansavelmente para que a comunidade tivesse um hospital moderno [e] funcional que levasse em consideração aspectos modernos de funcionamento hospitalar”<sup>142</sup>. As ações do padre são na tentativa de garantir o bem-estar na comunidade em questão, como já constatou Merlotti (1979) em seus estudos sobre o mito do padre. Quando chegou a Nova Palma em 1956, o hospital encontrava-se em séria situação financeira, inclusive com perda de verbas estaduais.

O sacerdote que tinha conhecimentos hospitalares adquiridos em seu trabalho no HCAA e no curso de enfermagem acabou tornando-se o presidente do hospital, sob a condição de dar às Irmãs Palotinas do Apostolado Católico à administração. A situação financeira estava crítica e ainda, o hospital contava com uma grande rotatividade de médicos. Segundo Sponchiado (1996, p.232), “pe. Luiz contava com a presença das Irmãs [e] obrigava-se a fazer algumas baixas para soro, injeções, tratamentos fáceis...”. Dessa forma, percebe-se que o pároco colocou em prática os conhecimentos adquiridos do curso de enfermagem, extrapolando o campo de um religioso, conforme estabelecia o direito canônico. Entretanto, ao levar em conta seu papel de sacerdote, seu trabalho era manter o bem-estar social e a ordem local.

---

<sup>141</sup> As unidades da Camnpal, além da sede em Nova Palma, estão em: Dona Francisca, Caemborá (distrito de Nova Palma), São João do Polêsine, Val de Serra, São Cristóvão (Pinhal Grande), Faxinal do Soturno e, duas unidades no interior de Julio de Castilhos.

<sup>142</sup> Manuscrito lido em missa por Dona Vanilda. In: Caixa Padre Luiz Sponchiado. Centro de Pesquisas Genealógicas.

Em 1966, lançou uma campanha para a construção de um novo hospital. A obra contou com o apoio da comunidade que, em mutirão, auxiliou na edificação. De acordo com Sponchiado (1996, p.232), “cada Domingo na Missa eram escalados para 6 dias um grupo, mediante convite impresso e numerado. As famílias acorreram ao chamado. Mais de mil dias foram assim doados”. A forte autoridade que padre Luiz Sponchiado exerceu sobre os paroquianos fez com que a comunidade aceitasse o convite da doação de serviço. Em 1977, o novo hospital foi inaugurado. Entretanto, ao tomar frente às necessidades da comunidade – como de tornar-se o presidente do hospital para encontrar meios de melhorar as condições financeiras – padre Luiz Sponchiado construiu uma imagem de prestígio e de status.

No campo cultural, padre Luiz realizou estudos sobre a imigração, colonização e genealogia na Quarta Colônia que ocuparam parte importante da sua vida. Do nosso ponto de vista, a sua mais significativa realização, conforme veremos no próximo capítulo. Padre Luiz Sponchiado pesquisou e deu origem a um acervo denominado Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG). O sacerdote recolheu uma diversidade de documentos a respeito da trajetória das famílias locais – fotografias, recortes de jornais, atestados de casamento, nascimento e óbito, documentos cíveis, entre outros.

O prestígio e a liderança política de padre Luiz Sponchiado foram construídos a partir da sua posição de sacerdote, elemento de união entre Deus e a comunidade. Entre outras coisas, inseriu-se na vida cotidiana dos paroquianos e influenciou suas vidas. Padre Luiz fazia-se presente tanto no cenário coletivo da comunidade como na vida privada das famílias. Instalado nesse “lugar” importante para uma comunidade religiosa – que tem na Igreja e na religiosidade os elementos centrais de sua dinâmica sócio-cultural – padre Luiz passou a desempenhar atividades em outras áreas. O sacerdote articulou as demandas de emancipação político-administrativa, as preocupações econômicas e, principalmente, o fortalecimento da identidade da população com a matriz imigratória e católica. Consciente do seu lugar numa comunidade de matriz colonial italiana, padre Luiz desdobrou suas atividades para o campo da pesquisa genealógica e histórica e atuou para o reforço da identidade coletiva.

### 3. A (RE) INVENÇÃO DA QUARTA COLÔNIA

*“Povo que não preserva as suas raízes, perde sua identidade e, perdida esta, nada mais tem a perder”.*

Padre Luiz Sponchiado

A Quarta Colônia Imperial de Imigração surgiu da confluência de projetos do Governo Imperial, do Governo da Província do Rio Grande do Sul e da Câmara de Vereadores de Santa Maria, os quais manifestaram interesse em povoar as áreas que se encontravam *desocupadas* na Província do Rio Grande e, em especial, nos arredores da cidade. A solicitação ao Governo Imperial para a demarcação dos lotes para a colonização teve apoio do Senador Gaspar Silveira Martins – político que defendia a vinda de imigrantes, com o intuito de construir um país moderno liberal. A partir disso, o Senador Silveira Martins incentivou a criação de colônias na província do RS, contribuindo para o surgimento da Quarta Colônia Imperial de Imigração, na região central, que levou o nome de “Colônia Silveira Martins” (PADOIN; ROSSATO, 2013).

Em 1882, foi concedida a emancipação<sup>143</sup> do regime colonial do Império, passando o território das ex-colônias a ser responsabilidade da Província do RS. Nesse momento, o quarto núcleo de colonização italiana deixou de chamar-se Colônia Silveira Martins e tornou-se o 5º distrito de Santa Maria. Em 1886, a administração provincial decidiu dividir o distrito entre os três municípios da região: Santa Maria, Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos (BOLZAN, 2011).

Para o padre Luiz Sponchiado, quando perguntado por um jornal local sobre o desenvolvimento da região, a tripartição foi um fator essencial para o lento crescimento econômico, se comparado às colônias da Serra Gaúcha. Para o sacerdote, somente a unidade teria trazido o desenvolvimento da Quarta Colônia.

Em 1886, aconteceu um grande desastre para a Quarta Colônia. Ela era considerada contra o Império. E por isso, ao invés de criarem um só município, picaram-na em três pedaços. Destruíram sua unidade. E destruída sua unidade, não há quem possa reconstruí-la. É só com unidade que as coisas evoluem. Deus do Céu! Se tivessem mantido essa unidade, a Quarta Colônia seria tão desenvolvida – hoje – como Caxias e Bento<sup>144</sup>.

---

<sup>143</sup> “Esta emancipação feita pelo governo geral não significou uma municipalização, mas apenas a outorga de um regime comum de auto-suficiência, dadas ou supostas a certas condições econômicas e sociais” (SPONCHIADO, 1996, p.445).

<sup>144</sup>**Personalidade: Padre Luiz Sponchiado (entrevista).** In: Jornal Integração Regional. Restinga Seca-RS. De 24 de março a 1º de abril de 2005.

A tripartição da colônia mostrou que não havia uma ideia de unidade identificada entre os imigrantes italianos que residiam no local<sup>145</sup>. Parte da comunidade queria o afastamento do controle da sede da colônia. Segundo Vendrame (2007, p.213):

A tripartição veio atender a vontade de parte da população da ex-colônia que desejava se afastar do controle da sede e, conseqüentemente, da interferência administrativa santa-mariense. Para os imigrantes de Vale Vêneto e os povoados circunvizinhos, era a concretização de um ideal, já que acreditavam que seria melhor pertencer a Cachoeira do Sul, pois o término dos vínculos com Silveira Martins e Santa Maria possibilitaria alçar ao tão desejado progresso, tanto econômico quanto religioso.

Com a separação do território não houve favorecimento nem benefícios para a região da ex-colônia Silveira Martins. E, conforme Bolzan (2011, p.39), “a fragmentação retardou os processos emancipacionistas que só se iniciam no final da década de 1950 e se concluem na década de 1990”. Sobre os processos de emancipação da ex-colônia Silveira Martins, o primeiro pedido foi dos moradores de Silveira Martins, que queriam que o distrito fosse elevado à categoria de município. Segundo a historiadora Maíra Vendrame (2007),

Afirmavam ainda que, dentre as comunidades da região colonial, era Silveira Martins a que mais tinha melhores possibilidades de se tornar o centro do novo município, ficando os povoados do Núcleo Norte [Ivorá], Soturno [Nova Palma], Dona Francisca, Geringonça [Novo Treviso], e outros pertencentes a esta sede.

Contudo a solicitação não foi aceita e, no mesmo ano, um novo pedido para a emancipação de Silveira Martins foi entregue pelas lideranças locais ao Governo do Rio Grande do Sul. Mais uma vez as autoridades mostravam-se contrárias as pretensões dos moradores da sede da ex-colônia Silveira Martins, pois acreditavam que não havia pessoas adequadas para assumir cargos importantes. Além disso, as autoridades suspeitavam da capacidade de administração dos imigrantes. Tanto Bolzan (2011) quanto a historiadora Maíra Vendrame (2007) ainda considera como hipótese que, o Distrito de Silveira Martins era uma grande fonte de renda ao município de Santa Maria e, as negativas aos pedidos de emancipação do distrito seriam em virtude das autoridades do município não quererem perder a renda que a ex-colônia oferecia.

---

<sup>145</sup> Ver mais sobre os conflitos políticos e religiosos na colônia Silveira Martins em: VENDRAME, Maíra Inês. “**Lá éramos servos, aqui somos senhores**”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: EDITORA UFSM. 2007.



Entretanto, somente a partir da década de 1950, os moradores da ex-colônia voltaram a enviar seus pedidos de emancipação às autoridades governamentais. Em 1956, padre Luiz Sponchiado retornou a ex-colônia para ser pároco de Nova Palma<sup>146</sup>. Sua chegada ao local foi fundamental para envolver a população no ideal emancipatório. Anteriormente, como já visto, a população da sede da ex-colônia Silveira Martins teve dois pedidos de emancipação que foram negados pelas autoridades do governo. O sacerdote chegou a um momento em que as ideias relativas à municipalização estavam circulando entre as comunidades. O momento tornava-se propício, pois o padre Luiz tinha conhecimento dos trâmites legais (leis e decretos) do processo de emancipação municipal, pois havia participado da emancipação do município de Frederico Westphalen<sup>147</sup> (BOLZAN, 2011); (ROSSATO, 1996); (SPONCHIADO, 1996). A partir disso, ele começou agir politicamente, abarcando a demanda local.

Para promover de forma efetiva o espírito emancipatório entre a população, padre Luiz Sponchiado começou a realizar reuniões e encontros com lideranças locais. O sacerdote tinha como projeto a emancipação de todo o núcleo colonial em um único município: a Quarta Colônia. Na sua percepção, segundo depoimento ao jornal *Integração Regional*, somente com a unidade, a Quarta Colônia, conseguiria o crescimento econômico necessário para seu desenvolvimento<sup>148</sup>. Nesse momento, o termo “Quarta Colônia” retorna, volta novamente com sentido de união das comunidades, aquela que havia sido fragmentada na ocasião da emancipação da Colônia Silveira Martins. Esse parece ser o entendimento do padre: ter buscado uma expressão antiga, colada à experiência da imigração, adequada para trabalhar a identidade local e catapultar um projeto de autonomia e afirmação política da região.

Para que o processo emancipatório da Quarta Colônia acontecesse de fato, era necessária a construção de uma consciência coletiva entre a comunidade, que os moradores do futuro município se identificassem, que reconhecessem algo de comum entre eles. Então, tentou-se criar a Quarta Colônia, através de elos comuns entre parte dos moradores locais. De acordo com Bolzan (2011, p.150), “a condição de italiano e católico era o principal argumento para a união entre os habitantes do lugar”.

---

<sup>146</sup> Nesse período, Nova Palma era distrito de Júlio de Castilhos.

<sup>147</sup> O movimento emancipatório de Frederico Westphalen também contou com a liderança de Padre Vítor Battistella

<sup>148</sup>**Personalidade: Padre Luiz Sponchiado (entrevista)**. In: *Jornal Integração Regional*. Restinga Seca-RS. De 24 de março a 1º de abril de 2005.

Entretanto, a primeira tentativa de padre Luiz Sponchiado e de algumas lideranças locais de buscar a unidade da Quarta Colônia esbarrou na disputa pelo poder da sede do novo município. É provável que, mais uma vez, os moradores das comunidades não quisessem pertencer ao mesmo município, devido a interesses próprios, bem como ficar sobre o controle da sede que não fosse à da própria comunidade. E assim, as comunidades de Faxinal do Soturno e Dona Francisca uniram-se para pedir a emancipação local, elevando Faxinal do Soturno à condição de município em 1959.

Com a emancipação de Faxinal do Soturno, restava ao padre Luiz Sponchiado e às outras lideranças a criação de um novo projeto emancipacionista. A segunda tentativa de emancipação da Quarta Colônia compreenderia a um novo projeto que incluía os municípios de Nova Palma, Ivorá e parte de Pinhal Grande. Nesse projeto, a oposição veio do pároco de Ivorá, Monsenhor Humberto Busatto e de lideranças locais, que acreditavam ser a proposta de emancipação desvantajosa. Com isso, a segunda tentativa de emancipar a Quarta Colônia também fracassou (BOLZAN, 2011); (ROSSATO, 1996); (SPONCHIADO, 1996). Isso nos levou à hipótese de que os moradores da “Quarta Colônia” não queriam a mesma forma de emancipação política pretendida pelo padre Luiz Sponchiado. Havia conflitos religiosos e econômicos, rivalidades, interesses específicos de cada comunidade e, principalmente, esses grupos não queriam ficar submetidos ao controle de outro. A discussão e a disputa em torno da futura sede do município acirravam os ânimos e não permitiam a construção de um consenso.

A terceira e última tentativa foi para buscar a emancipação de Nova Palma. Para não acontecer erros e imprevistos, o sacerdote foi à Porto Alegre e acompanhou todo o processo na Assembléia Legislativa. Em julho de 1960, Nova Palma foi elevada a condição de município.

Considera-se que as emancipações vividas na região marcam o processo inicial da (re)invenção da Quarta Colônia. A tentativa de criar uma unidade em forma de município mostrou-se frustrada pelo padre Luiz Sponchiado. Contudo, deve-se levar em conta que eram as comunidades locais que não queriam pertencer a mesma unidade política-administrativa – pois valorizavam os seus interesses políticos, econômicos e religiosos, assim como as divergências entre as diferentes comunidades. Ao retomar a ideia da Quarta Colônia, padre Luiz delineava um passado comum – uma unidade – que congregava e superava as grandes e pequenas diferenças e divergências existentes entre o conjunto das comunidades originárias do processo de imigração e colonização.

Entretanto, se o processo de (re)invenção da Quarta Colônia parecer ter se iniciado com as emancipações político-administrativas – embora sem sucesso –, foi a partir das comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região que esse processo culminou. E, ainda, a Quarta Colônia continuou sendo reinventada, através de ações do padre Luiz Sponchiado com a comunidade.

Sobre os festejos dos 100 anos da Imigração Italiana ocorridos na Quarta Colônia, abordou-se apenas as comemorações ocorridas em Nova Palma, devido ao papel proeminente que o mesmo tem na trajetória do padre Luiz Sponchiado. Buscou-se investigar os resultados do Centenário da Imigração no município, pois essa festividade resultou na criação do Centro de Pesquisas Genealógicas – importante acervo construído e organizado pelo padre Luiz Sponchiado, que persiste em funcionamento mesmo após a sua morte.

O CPG é um importante instrumento para compreender a forma como o sacerdote escreveu e organizou a história das famílias de imigrantes e descendentes de italianos que circularam pela Quarta Colônia. E, para exemplificar esse trabalho de padre Luiz com a história das famílias que descendam de italianos e sua busca incessante em reforçar uma identidade de matriz italiana, investigou-se o caso da família Stoch – casal de imigrantes italianos que construíram família na região da Quarta Colônia e que teve final trágico. O pároco reconstituiu a trajetória desse família, procurou os descendentes, organizou uma festa e contruiu um monumento para recordar *a tragédia que acabou com essa família de imigrantes italianos*<sup>149</sup>.

Atualmente, a região que compreende a Quarta Colônia tem uma nova configuração em relação ao período de sua colonização. Segundo material de divulgação,

A partir de 1989, o conceito QUARTA COLÔNIA foi resgatado e tem sido usado desde então para identificar as ações conjuntas entre os municípios de colonização italiana: Silveira Martins, Ivorá, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Dona Francisca e São João do Polêsine.

E, nesse contexto, o presente capítulo tem como propósito investigar o modo como se deu a construção da história das famílias de imigrantes e descendentes de italianos e a criação de uma identidade na região da Quarta Colônia. Para isso, foram

---

<sup>149</sup>A ação do sacerdote diante da comunidade é a de recordar àqueles que buscaram na imigração, uma forma de melhorar de vida, contudo tiveram o sonho destruído por dois assassinatos. Sendo o propósito de não esquecer o passado de dificuldades dos antecessores e, a partir disso, criar uma memória relacionando a imigração italiana, a tragédia acontecida com essa família e com a comunidade local. Através da memória, pretendeu-se garantir a manutenção de uma identidade entre a população (MANFIO, 2013).

realizadas leituras bibliográficas sobre o assunto e uma análise intensa de fontes. A maioria das fontes foram encontradas no Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG) e são: manuscritos do religioso, folhetins, plano de paróquia, jornais e folders. A outra parte são de processos crimes encontrados no Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS) e de uma narrativa encontrada na Igreja de Santo Antônio, na localidade de Linha Três, Nova Palma.

A (re)invenção<sup>150</sup> aqui tratada significa o momento em que se (re)cria o espaço da imigração italiana, buscando elementos comuns entre os indivíduos, através da recuperação da história dos antepassados e da continuidade de um passado que seja apropriado à comunidade. As temáticas “passado imigrante” e “identidade italiana” são colocadas em circulação, de forma difusa, com o surgimento dos movimentos de emancipação. Padre Luiz – como uma liderança consciente da necessidade de formulação de uma identidade capaz de congregar as comunidades da região – vai dar forma a essas ideias. A matriz italiana é enfatizada e reafirmada por ele. Daí entendermos que padre Luiz reinventa a Quarta Colônia, que ele é figura chave nesse processo iniciado com o movimento das emancipações. Contudo, as comunidades acabaram emancipando-se de forma independente, abolindo com o *ideal de unidade*. Nem por isso, no entanto, o sacerdote abandonou esse projeto. Ele continuou trabalhando nessa perspectiva – mesmo quando se restringiu à emancipação da comunidade que deu origem a Nova Palma. Ao enfocarmos as comemorações do Centenário da Imigração Italiana (1984), o Centro de Pesquisas Genealógicas e a reconstituição da história da família Stoch, vemos os elementos que são fundamentais para compreendermos como a Quarta Colônia é (re)inventada e, assim, a identidade de seus moradores é reforçada. São esses assuntos que serão abordados a seguir.

### **3.1 Os 100 anos da imigração & colonização italiana: a busca pelas origens**

O interesse de padre Luiz Sponchiado em pesquisar a história das famílias a partir da genealogia iniciou com a busca de suas próprias origens. O que muito o influenciou a investigar o passado de seus familiares foram os seus avôs Luigi e Elisabetha

---

<sup>150</sup>Buscou-se inspiração em Hobsbawm (1984, p.9), que atribuiu “por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”.

Sponchiado, como já foi abordado no primeiro capítulo. Os avôs paternos do sacerdote eram italianos e contavam as histórias da imigração e colonização ocorridas na Quarta Colônia. Suas pesquisas culminaram em um importante levantamento sobre a história de sua família<sup>151</sup>.

Contudo, é através de um importante convite que as pesquisas acabam se estendendo a todas as famílias de imigrantes que circularam na região da Quarta Colônia. Em 22 de abril de 1973, o governo estadual lançou o Decreto 22.410, que instituiu o Biênio da Colonização e Imigração, que significa celebrar nos anos de 1974 e 1975, as colonizações alemãs, italianos e demais correntes migratórias no Rio Grande do Sul:

“É um apelo do dever cívico exaltar a obra daqueles que, após lutas longas e esperas, ocuparam e povoaram a área que constitui o território deste Estado, incorporando o à Pátria comum. Não menos digno de reconhecimento é o trabalho das levas imigratórias que para cá vieram e aqui se fixaram, provindas de terras distantes em busca de uma pátria nova, e se juntaram aos primeiros povoadores no esforço das realizações solidárias, que nos conduzem a todos a um mesmo destino, sob as inspirações da unidade nacional” (p.1).

Com o decreto estadual, iniciou-se a organização de comissões para preparar os festejos do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Na região central, em Santa Maria, juntamente com seu o Bispo Diocesano Dom Ivo Lorscheiter, promoveram a criação da “COMISSÃO DIOCESANA DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA para programar convenientemente a comemoração religiosa do mesmo, em estreita coordenação com os órgãos pastorais da diocese”<sup>152</sup>. Nesses circunstâncias, padre Luiz Sponchiado recebeu o convite do bispo da Diocese de Santa Maria, para que presidisse a Comissão organizadora dos 100 anos da colonização italiana na Quarta Colônia. Segundo os manuscritos do sacerdote,

[a] Provisão do Bispado Diocesano de 1973, me nomeou para chefiar uma comissão que preparasse as comemorações Religiosas do Centenário da Imigração Italiana no RS, que ocorria em 1975. O que me levou a estender as pesquisas a toda a “ex-colônia Silveira Martins”, que nomeei em reunião introdutória em Caxias, de “Quarta Colônia”, visto que ali estavam representadas as três primeiras embocadas no nordeste do Estado: Conde d’Eu (1874), hoje Garibaldi, Dona Isabel (1874), hoje Bento Gonçalves, Campos dos Bugres (1875), hoje Caxias do Sul.

<sup>151</sup> Encontram-se seis caixas sobre a família de Padre Luiz Sponchiado no Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>152</sup> **Provisão do Bispado Diocesano.** In: Caixa: Centro de Pesquisas Genealógicas. CPG- Nova Palma.

Nesse momento, através das indicações do manuscrito acima, o sacerdote deixou de investigar apenas a história de sua família e ampliou suas pesquisas para todas as famílias que haviam circulado na região da Quarta Colônia. O decreto estadual e a organização de comissões para os festejos do Centenário da Imigração Italiana evidenciaram a necessidade de recordar os indivíduos que participaram da imigração e colonização da região. Isso aconteceu porque se precisava recuperar a história dos imigrantes e descendentes de imigrantes, dando continuidade ao passado histórico, para reavivar a italianidade<sup>153</sup>. Além disso, apontou que teria participado de um encontro geral na cidade de Caxias do Sul<sup>154</sup>, no qual trataram de assuntos relacionados ao Centenário da Imigração Italiana no RS, provavelmente de como iriam ser organizadas as festividades. É nesse instante que o termo Quarta Colônia passa a ser empregado mais comumente: o quarto estabelecimento de imigrantes italianos no Estado do Rio Grande do Sul. Sendo o termo anteriormente indicado quando surgem os movimentos emancipatórios. Com as organizações dos festejos do Centenário, a palavra ganhou significado de fórum oficial.

Sobre o manuscrito acima, ainda vale mencionar o cunho religioso que as comemorações ganharam, partindo da Igreja católica a ideia da organização do evento. Atribuiu-se ainda ao padre Luiz Sponchiado a tarefa de presidir a Comissão dos 100 anos da Imigração Italiana na região da Quarta Colônia. Sobre esse cunho religioso às festividades do Centenário, Sponchiado (1996, p.234) comenta:

A incumbência era dar aos festejos do Centenário, já decretados pelo governo gaúcho, ‘aquele caráter religioso, que as comemorações precisariam para serem autênticas, visto que a Igreja exerceu influencia insubstituível na vitória do empreendimento migratório italiano’.

Todavia, vale salientar que o Centenário da Imigração Italiana tinha o propósito de exaltar a figura do imigrante e colono italiano, sua participação na formação econômica, social, política e cultural do Rio Grande do Sul. No entanto, viu-se que o seu organizador, na região central do Estado, logo agregou uma dimensão religiosa – aquela

---

<sup>153</sup> Inspirou-se nas idéias de Hobsbawn (1984), que atribuiu a “tradição inventada” como um conjunto de práticas, que visam estabelecer certas normas e valores através da repetição de comportamentos, sempre que possível, estabelecendo continuidade com um passado que seja mais apropriado. Dessa maneira, recupera-se a história das famílias da Quarta Colônia, no passado da imigração italiana, buscando dar continuidade a esse passado.

<sup>154</sup> Mais nenhum documento foi encontrado que falasse sobre esse suposto encontro na cidade de Caxias do Sul.

que enfatiza a religiosidade dos colonos italianos e sua vinculação com a Igreja Católica. Além de trabalhador e zeloso, o colono é visto como religioso também – a visão que a historiografia tradicional endossa. Contudo, já existem estudos que apresentam a presença da maçonaria e de conflitos existentes entre padres e os moradores locais<sup>155</sup> na região da Quarta Colônia. A religiosidade católica, dessa maneira, não era pacífica entre os imigrantes e seus descendentes, como a visão laudatória das antigas colônias italianas enfatizou.

Não se sabe ou certo quando padre Luiz Sponchiado recebeu a Provisão do Bispo Dom Ivo Lorscheiter. Contudo entre 1973 a 1975, o documento relatava que o Bispado criou uma comissão para o Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia, sendo o padre Sponchiado o presidente da comissão. A provisão de Dom Ivo ainda retrata as seguintes colocações:

Considerando que nos anos de 1975, assinalará o 1º centenário da Imigração italiana no RS, considerando que Nossa Diocese muito deve aos imigrantes italianos, fixados inicialmente em Silveira Martins e daí emigrados para outras, hoje florescentes localidades. Considerando que estes pioneiros nos legaram egrégias lições de fé e operosidade, o que recomenda uma celebração também religiosa e pastoral desse Centenário, sobre coordenação do Bispado.

Neste documento do Bispado, é clara a vinculação entre os grupos originários da imigração italiana e a Igreja Católica, na medida em que aponta as “egrégias lições de fé e operosidade” dadas pelos pioneiros e seus descendentes. Um entendimento que tem suporte não apenas na historiografia eclesiástica, mas também na historiográfica acadêmica, como se vê em Biasoli (2010, p.99):

Orientados por valores do mundo do sagrado, organizados em comunidades de capelas, [...] [os] imigrantes fundaram as suas colônias e as legitimaram por meio da religião. [...] [A] sociedade camponesa encontrou, no catolicismo romano, o aparato ideológico para responder às suas necessidades. [...] O núcleo é a formação da sociedade camponesa, suas necessidades e desdobramentos. A religião, no entanto, molda e conforma essa sociedade.

---

<sup>155</sup> Esses conflitos são apresentados nas seguintes obras: VENDRAME, Maíra Ines. *“Lá éramos servos, aqui somos senhores”*: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.; \_\_\_\_\_. *Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)*. (Tese de Doutorado). PUC-RS, 2013 e VÉSCIO, Luiz E. *O Crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1925)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Santa Maria: Editora UFSM, 2001.

Para a historiografia eclesiástica, o eixo dos núcleos de matriz colonial é dado pela religiosidade e pelo grande investimento nos templos da Igreja Católica, por exemplo. Para os historiadores acadêmicos, o eixo é sociedade camponesa – mas nem por isso a religiosidade deixa de ter aspecto central. A religião e a Igreja conformam essa sociedade e auxiliam seus membros a alcançarem seus objetivos econômicos, como bem aponta Rovílio Costa (1990, p. 519) ao analisar o trabalho pastoral dos religiosos católicos nas regiões de imigração italiana: “os sacerdotes se voltaram logo à questão material do imigrante [...] levando-o a se organizar pelo trabalho”.

Ao receber a provisão do Bispado de Santa Maria, padre Luiz Sponchiado começou a organizar as comemorações do Centenário da colonização italiana, com o entendimento de que a religiosidade é central nessa história. A primeira medida foi ampliar as pesquisas que vinha realizando sobre sua família e as estender para todas as famílias que circularam na região da Quarta Colônia. Para investigar a história e a genealogia dessas famílias, o sacerdote buscou as seguintes fontes para sua pesquisa:

A pesquisa da Colônia, esforçada e perseverante, ocupando todos os espaços que sobravam do Ministério Sacerdotal Paroquial, se estendeu desde as valiosas ‘ANÁGRAFES’, deixadas pelos sacerdotes anteriores, umas mais outras menos completas, centenas de entrevistas com alguns sobreviventes da Imigração e seus próximos descendentes; completo levantamento dos registros das freguesias, desde o livro tombo, batizados, casamentos e óbitos; os registros cíveis da região; colhendo-se concomitantemente todos os documentos escritos, fotográficos, particulares que sobreviveram às vicissitudes dum século<sup>156</sup>.

Tal manuscrito do sacerdote deixa explícito o seu envolvimento com as pesquisas, bem como a sua preocupação em buscar as mais diversas fontes que pudessem colaborar com a história da Quarta Colônia. A partir desse momento, é possível dizer que houve obsessão pelo registro por parte de padre Luiz Sponchiado em documentar tudo o que pudesse, pensando na posterioridade. Contudo, é importante ressaltar que essa coleta de informações genealógicas e históricas foram colhidas desde antes desse período do Centenário. As pesquisas ocupam os últimos 50 anos de vida de padre Luiz Sponchiado, mas se intensificaram na década de 1970, em função dos festejos.

---

<sup>156</sup> Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado. Caixa CPG. Centro de Pesquisas Genealógicas.



Contudo, o documento acima não deixou nenhum indício sobre como foi o acesso do pároco às fontes<sup>157</sup>. Podemos supor que houvesse facilidade, levando em conta que ele era padre – e a representatividade divina da figura possibilitasse a abertura de portas e arquivos pessoais ou não –, que estava pesquisando sobre a história das famílias que “fizeram” parte da corrente migratória que colonizou a Quarta Colônia. Mas isso não significava que ele conseguisse com total facilidade os documentos que almejava. É possível que houvesse conflitos entre o padre e os moradores da região, no sentido que emprestar/ dar documentos familiares.

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia acontecem como uma necessidade de recuperação das histórias das famílias de imigrantes e descendentes de italianos que circularam na região e, por isso, o trabalho de padre Luiz Sponchiado em pesquisar a história desses antepassados. Entretanto, nossa dissertação se restringe às festividades ocorridas no município de Nova Palma, entendendo que esse é o microcosmo privilegiado pelo padre. Enfim, é sobre como foi organizado 100 anos da Imigração Italiana em Nova Palma que iremos abordar em seguida.

### 3.1.10 Centenário da Imigração Italiana em Nova Palma

*Certos que gostarão de participar de tamanha festividade que tanto lembra o passado, quanto une o presente e dá orientação para o futuro, enviamos o presente convite, com muitas saudações<sup>158</sup>.*

Em 1º de junho de 1884, ocorreu a inauguração oficial do núcleo Soturno, na Colônia Silveira Martins, com 800 lotes rústicos. Três lotes com 66 hectares foram destinados para ser a sede urbana do núcleo (SPONCHIADO, PE Luiz, 1996). Os três primeiros imigrantes italianos a instalarem-se na colônia foram Lorenzo Marin, Pietro Antonello e Vergilio Borin<sup>159</sup>. Ao longo dos primeiros meses, além de imigrantes italianos, 25 moradores nacionais também receberam lotes de terras no Núcleo Soturno, sendo que 8 eram nativos<sup>160</sup>– indicando que no mesmo processo de distribuição de

<sup>157</sup> Sobre o acesso as fontes que o sacerdote teve, seria interesse o trabalho com a história oral que possibilitaria, a partir de depoimentos de pessoas da comunidade da Quarta Colônia, compreender a forma como ele se portava diante de documentos que tivessem o seu interesse.

<sup>158</sup> **Convite para a reinauguração de capitéis.** Caixas da Matriz: Centro de Pesquisas Genealógicas.

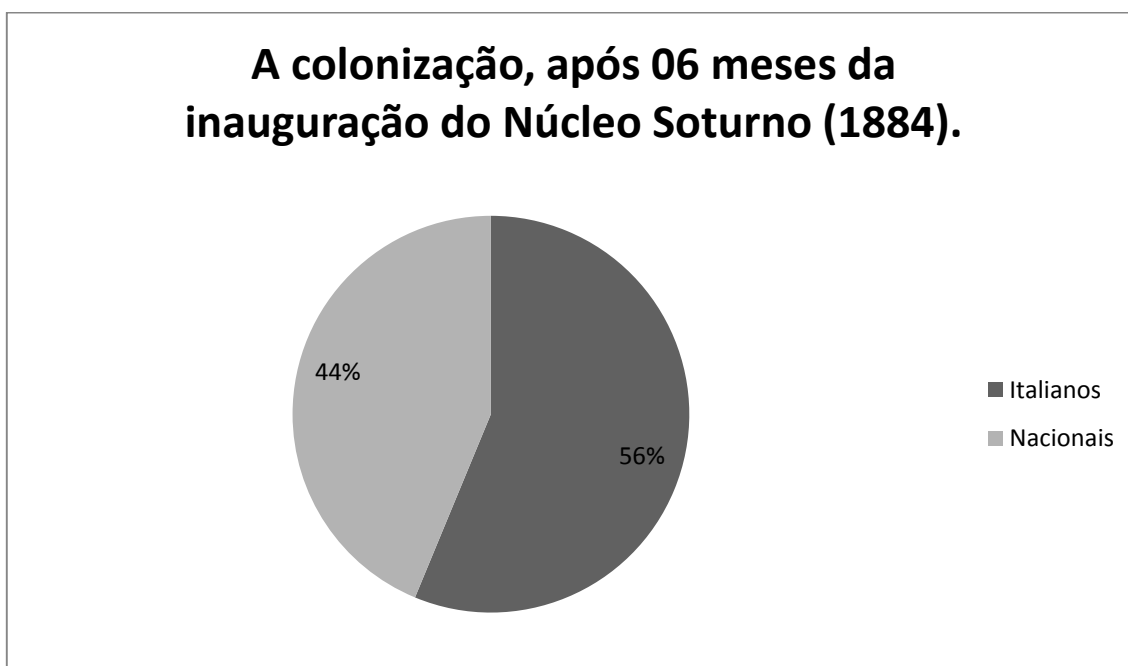
<sup>159</sup> Todos eram casados, contudo, os dois primeiros vieram sozinhos, deixando a família na Itália para, em um momento posterior, buscá-las.

<sup>160</sup> **Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** In: Caixa A. Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

terras, imigrantes italianos e nacionais colonizaram o Núcleo Soturno. Vale salientar ainda que, o sacerdote não omitiu a presença de nacionais na região, contudo, sempre destacou os italianos em detrimento dos nacionais<sup>161</sup>.

O sacerdote Luiz Sponchiado indicou em um dos manuscritos analisados, como teria sido a ocupação do recém inaugurado Núcleo Soturno nos seus primeiros tempos. Apesar da presença de imigrantes italianos, muitos nacionais também receberam terras, fazendo parte da mesma leva de migrantes que aguardavam o recebimento dos lotes. Além disso, o pároco sugeriu ainda que, dos nacionais, alguns eram nativos, provavelmente que pertenciam àquele local. Dessa forma, percebeu-se que a colonização do município de Nova Palma não foi apenas de imigrantes italianos, mas também de outras etnias.

Abaixo, encontra-se um gráfico construído a partir das informações levantadas e apresentadas por padre Luiz Sponchiado na missa do primeiro de janeiro de 1984, para dar um demonstrativo de uma leva<sup>162</sup> de famílias que colonizaram o Núcleo Soturno – levando em conta os manuscritos do sacerdote – 06 meses após a inauguração, em 1884.



**Gráfico 1:** Leva de famílias de imigrantes e nacionais

<sup>161</sup> Atualmente a cidade de Nova Palma tem reconhecido a localidade do Rincão do Santo Inácio como uma comunidade de descendentes de africanos – quilombolas e, possui uma comunidade com nome indígena, Caemborá, formada, em sua maioria, por descendentes de alemães luteranos.

<sup>162</sup> Deve-se levar em conta que, esse é um pequeno demonstrativo. As levadas de imigrantes que colonizaram a região não eram as mesmas. Cada leva tinha diferentes números de imigrantes, bem como, outras etnias presentes (ou sendo apenas uma etnia).

Segundo dados levantados por padre Luiz Sponchiado – que foram apresentados na missa<sup>163</sup> de 1º de Janeiro de 1984 – o núcleo Soturno, após sua inauguração, “nos restantes seis meses, receberam terras às margens do Rio, as famílias DESCOVI – ZAN – MARCONI – PASSUELLO – DANIELI – RAZZIA – GIAVARINA – GRENDENE – VESTENA, e os nacionais: Leonardo, Santos, Peters, Pereira, Felix, Chaves e Bueno, num total de 25 moradores, dos quais 8 nativos. A estes se agregou em 30.4.85: POLLETTO GÁSPARO”<sup>164</sup>. Obviamente que no presente manuscrito, o sacerdote destacou os imigrantes italianos com letras garrafais. Entretanto, não omitiu a presença de nacionais na colonização do município. Somando essa informação ao gráfico, que se refere a uma leva de imigração após a inauguração do núcleo, a colonização por nacionais torna-se expressiva – não quanto a italiana – chegando aos 44 % em relação aos 56% da italiana. Percebeu-se, dessa forma que, em uma mesma leva de famílias colonizadoras para o Núcleo Soturno, encontraram-se famílias de imigrantes italianos e nacionais, atribuindo à colonização do local como não efetivamente italiana<sup>165</sup>. Os dados dessa leva de famílias de imigrantes e nacionais tornam-se importantes, pois padre Luiz Sponchiado os apresentou a sua comunidade, em plena abertura das comemorações do Centenário da Imigração e Colonização de Nova Palma.

No entanto, há uma listagem<sup>166</sup> de “colonos nacionais estabelecidos na ex-colônia Silveira Martins e em seus núcleos depois da emancipação”, no qual se constatou que do período de 1883 a 1887, mais de 500 nacionais se estabeleceram em lotes de terras. O que nos leva a concluir que, em concomitância com a distribuição de lotes para imigrantes italianos, havia também a distribuição para as famílias de nacionais. Quer-se mostrar que, a Quarta Colônia pode ser referencial a colonização por imigrantes italianos, porém não é exclusivamente colonizada por eles, mas também por nacionais e outras etnias. Tal fato é pouco evidenciado pela historiografia da imigração italiana, que geralmente apresenta os nacionais em conflitos com os italianos.

Apesar das informações de que não foram apenas imigrantes italianos que colonizaram o município de Nova Palma, bem como a região, quando se aproximou os 100 anos da imigração italiana no município, a comunidade se organizou para que, no

<sup>163</sup> Tal missa deu início as comemorações do Centenário da Imigração italiana em Nova Palma.

<sup>164</sup> **Manuscrito lido por Padre Luiz Sponchiado na missa de 1º de Janeiro de 1984.** In: Caixa Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>165</sup> Não há estudos referentes à inserção de nacionais e outras etnias junto ao processo de colonização italiana na Quarta Colônia.

<sup>166</sup> **Ex-Colônia Silveira Martins:** matrícula dos colonos nacionais estabelecidos nesta ex-colônia e em seus núcleos depois da emancipação. In: Comissão de terras. Maço 42. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

ano de 1984, fossem realizadas as festividades para marcar a data. As comemorações estão sob a direção de membros da Igreja Católica, como padre Luiz Sponchiado, o pároco da cidade e, Plínio Bertoldo, membro do conselho paroquial, evidenciando o significado da liderança católica na região. Assim, os festejos apresentaram traços religiosos devido à presença da Igreja católica no universo colonial.

As festividades dos 100 anos da imigração e colonização italiana em Nova Palma começaram no primeiro dia do ano de 1984, como indica o seguinte trecho de um manuscrito de padre Luiz Sponchiado: “a meia noite de primeiro de Janeiro de 1984, na matriz da SS<sup>167</sup> Trindade, foi oficialmente aberto o ano do Centenário, com o lema – votado pela comunidade – *Nova Palma: cem anos de colonização, fé e trabalho*”<sup>168</sup>. Isso indica que havia uma organização anterior ao ano de centenário.

O preparo do Centenário da Imigração Italiana em Nova Palma começou com antecedência, no ano de 1983. Houve reuniões do prefeito com a comissão organizadora para tratar de assuntos referentes às comemorações. Além disso, a comunidade se organizou para promover as festividades. Em outubro de 1983, a comissão organizadora do centenário lançou cédulas, destinadas a votação para escolher o lema das comemorações de um século de colonização italiana. Para isso, foi distribuído “a CADA FAMÍLIA, a cédula, indicando-lhes como podem assinalar o ‘LEMA que preferirem’ ou, escrever outra que queiram sugerir, entregando a votação até 30 DE OUTUBRO CORRENTE, junto a URNA, colocada na capela”<sup>169</sup>. Abaixo, a imagem da cédula utilizada para escolher o lema do Centenário.

ASSINALE COM UM X O "LEMA" DE SUA PREFERÊNCIA, OU SUGIRA OUTRO "LEMA" (FRASE).

- Centenário da Colonização, Alavanca do Progresso.
- Nova Palma, 100 Anos de Colonização, Fé e Trabalho.
- Nova Palma, 100 Anos de Colonização.
- Nova Palma, Centenário de Sua Colonização.
- Nova Palma 100 Anos - "Continue a Colonizá-la".
- Centenário? Visite Nova Palma.

- Sugestão: \_\_\_\_\_

**Figura 13:** Cédula para a escolha do lema do Centenário de Colonização Italiana em Nova Palma

**Fonte:** Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma, Caixa Matriz.

<sup>167</sup> SS é abreviatura de Santíssima Trindade.

<sup>168</sup> Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado. In: Caixa A. Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>169</sup> Documento assinado pela comissão do Centenário da colonização italiana em Nova Palma, estabelecendo a distribuição de cédulas para a escolha do lema dessa festividade. In: Caixa A Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

O envolvimento da comunidade nas festividades do Centenário da Imigração Italiana era essencial para criar um espírito festivo na realização desse evento. Desde o início da organização das comemorações houve a participação da população. A ideia era fazer com que a comunidade local se sentisse participante da festa dos 100 anos da imigração italiana e, para isso, foi a população de Nova Palma que escolheu o lema da festa. Segundo o documento assinado pela comissão do Centenário da colonização italiana em Nova Palma, “a comissão de festejos faz questão de saber a preferência, pois o centenário é do povo, ou seja, dos descendentes dos pioneiros que há 100 anos vieram desbravar o sertão, cultivar a terra e botar os fundamentos do que somos e temos<sup>170</sup>”.

Além dos traços religiosos<sup>171</sup>, ressaltando a influência da Igreja Católica, as comemorações do Centenário da imigração italiana foram marcadas pela exaltação da figura do imigrante italiano, como é percebido no trecho acima. Enaltece-se o imigrante como aquele que chegou a um território coberto pela mata e habitado por animais selvagens e, graças ao trabalho e à união familiar, conseguiu abrir a floresta, levantar moradias e construir as primeiras lavouras para o sustento familiar. Enfim, glorifica-se o imigrante italiano, como aquele que, mesmo com muitas dificuldades, conseguiu prosperar e construir tudo o que existe para a população local, hoje. Essa posição de vangloriar o italiano que chegou a Nova Palma permanecia como uma fala constante nas festividades dos 100 anos da imigração italiana, como se reafirma no trecho a seguir:

“Em primeiro lugar, elevando nosso pensamento ao Pai do Céu, que nos dá viver e comemorar a data, que tantos de nossos antepassados previram, mas não puderam alcançar. – Lutaram o bom combate, para termos o que temos, e sermos o que somos, mas tombaram e, dormem o sono da paz, na terra que eles, com muita fé, grande vontade de trabalhar, derrubaram a mata e cultivaram, para nós erguemos nossas cidades, vilas e vilarejos, nossas moradias hoje confortáveis, nossas estradas, roças, cultivados, campos de exporte e de lazer”<sup>172</sup>.

As comemorações do Centenário da imigração italiana em Nova Palma foram os meios encontrados para recordar e celebrar os antepassados que se estabeleceram na

<sup>170</sup>Op. Cit. In: Caixa A Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>171</sup> Durante o ano do Centenário foram realizadas, pelo menos, quatro missas que foram relacionadas com os 100 anos da imigração italiana no município de Nova Palma: Missa do 1ª de janeiro, a missa centenária realizada no local da primeira missa, a missa à Santíssima Trindade (padroeira da paróquia), missa a Nossa Senhora Imaculada Conceição (padroeira do município), que finalizou as comemorações.

<sup>172</sup>Material para o Programa radiofônico gravado no dia primeiro de janeiro de 1984. In: Caixa A Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

região. Uma celebração que é enaltecida do imigrante e também religiosa – não só porque ocorre no âmbito dos espaços sagrados da Igreja, mas também porque quer valorizar a fé e a religiosidade do italiano. Uma celebração igualmente de caráter histórico, na medida em que lida com informações colhidas em bibliografia historiográfica, arquivos e memória de pessoas, organizando os dados numa narrativa que procura explicar as condições vividas pela população desde os primórdios da formação das “sociedades coloniais” (ou sociedades com matriz na imigração e colonização italiana).

É uma história que faz parte da comunidade, que precisa ser enraizada e preservada – segundo entendimento dos organizadores. Nesse esforço de não deixar no esquecimento o passado, se enaltece a figura do imigrante – os que enfrentaram as dificuldades através do trabalho e da fé na Igreja Católica. Pensando nisso, não é por acaso que o lema escolhido pela população para a festa foi: “Nova Palma, 100 anos de fé e trabalho”.

Além de exaltar a figura do imigrante colonizador de Nova Palma, a comissão organizadora do Centenário preocupava-se com o significado que essa festividade poderia ter para os indivíduos da comunidade. Segundo um manuscrito de padre Luiz Sponchiado, no qual o trecho é bastante significativo, as comemorações tinham caráter educativo, proporcionando a comunidade a reviver as tradições e os costumes dos antepassados.

Preocupa-me muito que as celebrações, não sejam somente festas consumistas ou simplesmente sociais, mas sejam acontecimentos que nos marquem. Eduquem. Tragam- como disse alguém na assembléia – oportunidade de revivermos a tradição e os são costumes de moral, família, comunidade eclesial, que nossos ancestrais viveram e que para nós se devem constituir em herança sacrossanta, que devemos guardar e por ela guiar nosso presente e orientar nosso futuro.<sup>173</sup>

Ao analisar o manuscrito de padre Luiz Sponchiado, é possível perceber que os 100 anos da Imigração Italiana foi um momento de recriação de tradições e costumes dos antepassados<sup>174</sup>. Houve a exaltação do universo do imigrante italiano através da fé, do trabalho, da família e dos costumes e da moral – elementos que necessitavam ser

---

<sup>173</sup>Material para o Programa radiofônico gravado no dia primeiro de janeiro de 1984. In: Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>174</sup>Inspirado nas reflexões de Hobsbawn (1984, p.10), as tradições são inventadas a partir de um passado histórico, no qual se estabeleceu uma “continuidade bastante artificial”. Nesse caso, o passado histórico é relacionado com o processo de imigração e colonização italiana, no qual a grande maioria da população local é descendente.

lembrados pela comunidade local. O Centenário da Imigração foi à ocasião encontrada para recordar os antepassados e, conseqüentemente, a aventura imigratória.

Para expressar a fé dos imigrantes italianos no ano do Centenário, foi proposta à comunidade a restauração dos capitéis – pequenos oratórios dedicados aos santos que foram construídos ao longo das estradas do interior de Nova Palma. O reparo dos oratórios fez parte das comemorações do Centenário da Imigração Italiana, como uma forma de apresentar a população local a importância e a presença da Igreja Católica e da fé do imigrante. Sobre essas restaurações, encontrou-se um convite que anunciava à população local para a Festa de Restauração do Capitel Nossa Senhora do Rosário, localizado na Linha do Soturno. A solicitação para a solenidade ainda contava com o seguinte trecho: “certos que gostarão de participar de tamanha festividade que tanto lembra o passado, quanto une o presente e dá orientação para o futuro, enviamos o presente convite, com muitas saudações<sup>175</sup>. Esse fragmento do convite mostrou como era manifestada a religiosidade do imigrante, tornando-a uma das marcas da imigração e colonização italiana, devendo ser perpetuada no presente – elevando o vivido no passado como a direção para o futuro. Dessa forma, as comemorações do Centenário tiveram essa finalidade, a de recriar o passado para reafirmar a identidade italiana entre os moradores de Nova Palma<sup>176</sup>.

Ao analisar o Plano Paroquial de 1984, um dos projetos do ano era voltado especificamente à festa dos 100 anos, percebeu-se a presença da Igreja Católica na organização dessas festividades. O Plano da paróquia tem como nome o lema do Centenário: “Nova Palma, 100 anos de colonização, fé e trabalho”, sendo o projeto 01, destinado às festividades de um século da imigração e colonização. Tal projeto tem as seguintes orientações à população de Nova Palma:

“Participação de todos nas festividades gerais e locais do Centenário”.

“Dar continuidade das restaurações dos Capitéis pelos grupos do Centenário”.

“Estudos e palestras sobre costumes e tradições do colonizador”<sup>177</sup>.

Tais orientações indicam como a população de Nova Palma deveria ter um comportamento adequado, seguindo as instruções da Igreja Católica. Entretanto, apesar da festa ser do e para o povo, algo já indicado anteriormente, era uma festividade que já tinha uma direção a ser seguida. Além disso, percebeu-se que a Igreja Católica queria

<sup>175</sup> Convite. In: Caixa A Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>176</sup> Estabelecendo uma continuidade com o passado histórico para reafirmar uma identidade no presente (HOBSBAWN, 1984).

<sup>177</sup> Plano Paroquial de Nova Palma, do ano de 1984. Caixa Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

que a população participasse de todas as comemorações referentes ao Centenário. A restauração dos capitéis, que haviam iniciado em 1983, deveria continuar para mostrar a importância da religiosidade na vida dos antepassados. Em 1984, foram restaurados 36 capitéis, com a ajuda de um mutirão de famílias que habitavam no entorno do monumento. Houve solenidade para marcar a data. E ainda, um ponto que merece destaque são as palestras que aconteceram para a comunidade ter conhecimento das tradições e dos costumes dos antepassados. O intuito era que a comunidade conhecesse a história dos antepassados e passasse a cultivar as tradições e os costumes<sup>178</sup>.

Outro tipo de solenidade também ocorreu no Centenário da Imigração Italiana em Nova Palma e, logo foi disseminado na região: as festas de família. As festas de família são encontros nos quais participam pessoas que são descendentes e/ou que possuem laços de parentesco com determinado sobrenome. No ano de 1984, entre os dias 07 a 09 de dezembro, por exemplo, a família Rossato realizou seu “primeiro encontro em terras brasileiras”<sup>179</sup>. O intuito desse tipo de comemoração é homenagear os ancestrais que eram imigrantes italianos, bem como para encontrar indivíduos que são comuns uns aos outros e que se identificam entre si, com o propósito de garantir a identidade de matriz italiana.

A festa da família Rossato também teve cunho religioso e a participação de padre Luiz Sponchiado. No dia 07 de dezembro de 1984, a festividade ocorria da seguinte maneira e a sua programação justificava a presença do sacerdote: o primeiro item do programa era a realização de uma missa, celebrada por padre Luiz. O pároco, além de ministrar a celebração católica, dissertava a respeito da história da família Rossato – os primeiros imigrantes italianos com sobrenome Rossato que haviam chegado ao Rio Grande do Sul, na Quarta Colônia, o caminho que haviam percorrido até chegar aos atuais descendentes. Após a celebração religiosa, o encontro seguiu no salão da comunidade, para a realização de um jantar. A confraternização da Família Rossato culminou nos dias 08 e 09 de dezembro, no “ponto alto dos festejos pela passagem dos 100 anos de colonização de Nova Palma”<sup>180</sup>.

Não é possível precisar se essa festa de família foi a primeira ocorrida na região. Contudo, podemos afirmar que, a partir desse momento, outras festividades familiares, dessa mesma envergadura, acontecem na região e o padre Luiz Sponchiado era o

---

<sup>178</sup> A repetição de um conjunto de normas, regras e comportamentos, ligados a um passado histórico, que se considera apropriados, chama-se de tradições inventadas, segundo Eric Hobsbawn (1984).

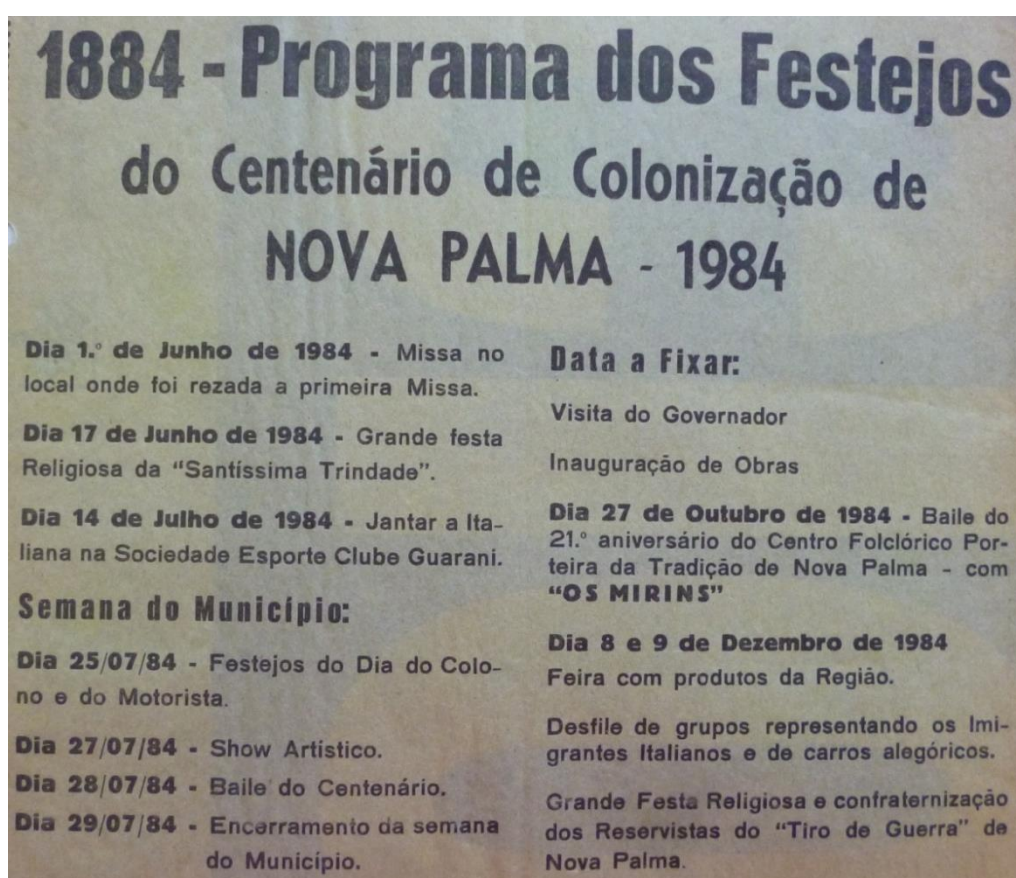
<sup>179</sup> **Folder da festa da família Rossato.** In: Caixa A Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>180</sup> **Folder da festa da família Rossato.** Op. Cit.;



sacerdote convidado para celebrar a missa e apresentar aos descendentes a história da família. As pesquisas que realizou sobre os imigrantes que chegaram à Quarta Colônia lhe deram respaldo para apresentar aos descendentes a história de seus antepassados. Enfim, o sacerdote era quem podia contribuir com a história das famílias e, quem podia apresentá-las para a comunidade.

Entretanto, os festejos do Centenário da Imigração e Colonização de Nova Palma tiveram as mais variadas atividades e algumas foram específicas e ganharam destaque na programação do evento. Segue abaixo a imagem do folder do programa das comemorações:



**Figura 14:** Programa de Festejos  
**Fonte:** Centro de Pesquisas Genealógicas, Caixa Matriz.

Dessa forma, percebe-se como a festa do Centenário da Imigração e Colonização foi programada em Nova Palma. Os eventos que aconteceram na cidade daquele ano eram relacionados ao Centenário. Contudo, alguns mereceram destaque e incorporaram o programa dos festejos. É nítido o envolvimento da Igreja Católica nessa festividade.

Enfim, para marcar o Centenário no município, em 1º de junho, aconteceu uma celebração católica, às margens do rio Portela, no local onde havia sido realizada a

primeira missa na cidade. A celebração contou com a presença do Bispo Dom Ivo Lorscheiter. Em 1886, Padre Antônio Sório rezou a primeira missa no antigo núcleo Soturno, próximo ao Arroio Portela. Além da religiosidade, a gastronomia também foi destaque no ano do Centenário da Imigração Italiana de Nova Palma, no qual foi oferecido um jantar à italiana – provavelmente de comidas que foram adaptadas pelos italianos quando chegaram à Quarta Colônia, segundo a disponibilidade de produtos alimentícios no local. Abaixo, o folder da festa da Santíssima Trindade:

**NOVA PALMA - CEM ANOS  
de colonização, fé e trabalho**

Mui justo que no nosso "Centenário", suba um Hino de Glória à Excelsa Padroeira, **SANTÍSSIMA TRINDADE**, que desde o início acompanhou a arrancada e o prosseguimento da nossa História.

**PROGRAMA - Tríduo Preparatório  
Dias 14 - 15 e 16 de Junho de 1984**

No 1.º dia, queremos celebrar, todos os que morreram na colonização.  
No 2.º dia, todos quantos, reimigraram da nossa colonização.  
No 3.º dia, todos os que ficaram e vivem a hora histórica da colonização.

19:30 hs. na Matriz - Pregação com Missa participada, em seguida no Salão Paroquial: Festejos noturnos, com "Brôdo", pipoca, pinhão, quentão, leilões de objetos e doces, "tômbola" e cantos.

Nota: Dia 16 sábado, às 16:00 hs. com toque de sinos e tiros de canhão, abertura da "Gincana Cultural", com entrega por escrito, frente ao salão, das "Tarefas". A cargo da Escola Estadual.

**A FESTA DA TRINDADE**

Dia 17 de junho - 6:00 hs. Alvorada Festiva.  
9:00 hs. Missa concelebrada com Dom Ivo e sacerdotes  
10:30 hs. Inauguração e Bênção do Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG) de Nova Palma centenária  
Meio dia Almoço à Italiana, sopa d'agnollini, galinha rosta, em molho e lessa, Rizzoto e saladas, com salame e presuntos.  
13:30 hs. Início do concurso de Mora e cantos Italianos.  
15:00 hs. Tômbola popular.  
16:00 hs. Término da "Gincana" de 24 horas.  
20:00 hs. Janta com polenta e fortaia e outros. Após a janta - Show de canto de grupos folclóricos de descendentes alemães e italianos, com a participação dos Irmãos Piovesan.

Durante o dia sob ramada, funcionará tenda com produtos coloniais da região, a cargo da EMATER e Sindicato dos Trabalhadores Rurais.  
Não deixe de colaborar e participar de hora tão histórica quanto alegre e evocativa.

Agradecem a participação e presença.

*João Carlos A. Piovesan*  
Pelo Conselho Paroquial  
*Pedro Renato Lasso*  
Prefeito Municipal  
*Dínio Bertoldo*  
Pres. Com. Centenário  
*Pe. Luizinho* - Coordenador  
*Pe. Daniel* - Vigário Paroquial

GENTILEZA:

**LANCHERIA DO ZÉ**

**O Lanche que vale uma refeição**

Ao lado da Rodoviária - NOVA PALMA - RS

**Figura 15:** Festa Santíssima Trindade.

**Fonte:** Centro de Pesquisas Genealógicas, Caixa Matriz.

A semana do município de Nova Palma, ocorrida em julho, também ganhou os traços do Centenário de Imigração Italiana, com baile, atrações artísticas e os festejos do dia do colono e do motorista. Em dezembro, ocorreu outro momento importante dos 100 anos da colonização e imigração italiana: outra festa religiosa, a de Nossa Senhora Imaculada Conceição. Junto às festividades da santa, ocorreu uma feira de produtos da região e um importante desfile histórico, para representar o processo de evolução do município a partir da imigração italiana.

Sobre o desfile histórico do Centenário da Imigração e colonização de Nova Palma foram selecionadas duas fotografias. Tais fotos foram encontradas em um álbum organizado pelo padre Luiz Sponchiado e, por ele descrito. As imagens escolhidas que dão uma ideia da representação e do que queria ser apresentado da colonização italiana na comunidade local.



**Figura 16:** Grupo de imigrantes ajoelhados em frente ao palco  
**Fonte:** Centro de Pesquisas Genealógicas, caixa Nova Palma.

A imagem acima é uma das primeiras cenas do desfile do Centenário em Nova Palma e representa a chegada dos primeiros imigrantes italianos no núcleo Soturno. O grupo representava as famílias de imigrantes, no qual eram compostas por homens, mulheres e crianças. A fotografia registrou o instante em que o grupo se ajoelhava em frente ao palco do desfile, com o intuito de mostrar a religiosidade entre os primeiros imigrantes italianos estabelecidos no local. Tal fé e princípios católicos foram

representados como forma de serem recriados no presente já que eram mantidos no passado.

A segunda imagem escolhida, que se encontra abaixo, representou uma família de imigrantes italianos em uma carroça puxada por bois. O intuito dessa cena é mostrar ao público – que se encontra presente em grande número – a produção agrícola desenvolvida pelos colonos, o transporte do excedente e do grupo familiar, bem como os bens adquiridos através do trabalho na agricultura. Dessa forma, as imagens aqui selecionadas indicam minimamente o significado do desfile histórico do Centenário da Imigração e colonização de Nova Palma, ou seja, buscando evidenciar a fé e o trabalho dos imigrantes italianos que chegaram ao município. Este evento acabou por reforçar ainda mais o tema dos festejos, apresentando a cidade de Nova Palma, com os 100 anos de fé e trabalho, a partir a colonização dos italianos.



**Figura 17:** Carroça guiada por bois

**Fonte:** Centro de Pesquisas Genealógicas, Caixa Nova Palma.

Tais atividades mostram quais as formas encontradas para comemorar o Centenário da Imigração e Colonização de Nova Palma, fazendo com que a comunidade local recordasse os antepassados, as suas tradições e os seus costumes. A ideia é que essa comunidade se identificasse com a cultura dos antepassados e, assim, reproduzisse os costumes italianos a partir daquela realidade. Segundo Regina Weber (2006, p.238), “os grupos sociais, assim, como os indivíduos, têm direito de formular suas próprias identidades nos termos que lhes parecem oportunas”.

Outra celebração marcaria a festa da Santíssima Trindade, padroeira da Paróquia. A organização para a festa ocorreu entre os dias 14, 15 e 16 de junho – no qual ocorreu o tríduo preparatório. As missas com pregações tinham o intuito de desenvolver uma consciência histórica entre os moradores de Nova Palma. Nos três dias de celebração foram realizadas as orações, dedicando a cada dia, a um determinado pedido. Os pedidos de cada dia do tríduo são importantes para compreender a dimensão que a Igreja católica deu ao Centenário da Imigração e Colonização Italiana. O primeiro dia foi dedicado a “todos que morreram na colonização”<sup>181</sup>, isto é, aqueles que, na tentativa de buscar melhores condições de vida, imigraram para a Quarta Colônia e acabaram falecendo diante de adversidades – como se fossem mártires. A intenção é recordar e enaltecer os homens, mulheres e crianças que não obtiveram sucesso e acabaram morrendo, dando a história da imigração e colonização um sentido trágico.

No segundo dia, a celebração foi destinada aos que “reimigraram de nossa colonização”<sup>182</sup>, sendo aqueles imigrantes que se instalaram em um momento inicial e, diante de dificuldades econômicas e/ou conflitos com vizinhos, decidiram migrar para outra região (vale lembrar que a família de padre Luiz Sponchiado viveu a reimigração). E o último dia foi dedicado a “todos os que ficaram e viveram a hora histórica da colonização”<sup>183</sup>, indicando os imigrantes italianos que permaneceram e construíram as condições para a comunidade de hoje. Constatou-se, assim, toda a significação do tríduo preparatório em torna da imigração e colonização e de seus antepassados, levando em conta aqueles que morreram, os que imigraram e os que permaneceram na Quarta Colônia.

No dia 17 de junho, ocorreu a festa em homenagem a Santíssima Trindade. O dia foi cheio de atividades, contudo, mereceu destaque a inauguração do Centro de Pesquisas Genealógicas – o acervo construído para contar a história das famílias de imigrantes e descendentes de italianos. A pequena cerimônia contou com a presença de membros do conselho da matriz e com o bispo Dom Ivo Lorscheiter. Sobre o trabalho realizado na construção do Centro de Pesquisas Genealógicas, para o Centenário da Imigração Italiana de Nova Palma, o padre Luiz Sponchiado relatou em um manuscrito, lido a comunidade:

---

<sup>181</sup>Programação da Festa de Nossa Senhora Santíssima Trindade. Imagem 12.

<sup>182</sup> Imagem 12, Op. Cit. ;

<sup>183</sup> Imagem 12, Op. Cit. ;

Por isso buscamos afanosamente conservar os sinais de nossos antepassados. Buscamos recolher os velhos cantos e canções, que eles saudosamente, para evitar o desespero, abandono de tudo e de todos, cantavam na floresta por abater, buscamos recolher as genealogias de todas as famílias, desde a chegada e antes, no Museu da Colonização, que estamos construindo. Buscamos encontrar os velhos retratos, antigos fatos e feitos bons e até menos bons, mas que entreteceram a vida destes nossos avoengos que se aventuraram à *cucagna*<sup>184</sup> *Dell'america*, não só para sobreviver, mas, principalmente para podermos conservar sua família íntegra e pura, em terra própria e nesta família, celebrarem, com o terço na mão, com suas capelas e cemitérios os mandamentos de Deus e da Igreja<sup>185</sup>.

Constata-se, a partir da fala acima do sacerdote que, o Centenário da Imigração Italiana foi um evento de exaltação do passado, aproximando a imigração e colonização italiana ocorrida na Quarta Colônia como o gênero epopeia. Para isso, ele buscou manter alguns elementos característicos dos primeiros imigrantes na comunidade atual, para assim garantir uma identidade ao grupo<sup>186</sup>. Esses elementos característicos foram citados ao longo de nossa pesquisa, e dizem respeito à religiosidade, aos cursos de tradições e costumes ofertados, aos jantares com culinária *italiana* e, principalmente, quanto ao recolhimento de documentos, fotografias e objetos dos antepassados.

O Centenário da Imigração Italiana em Nova Palma foi marcado, pelo menos por três momentos de festividades que ocorreram ao longo do ano de 1984. Tais comemorações foram caracterizadas pela presença da Igreja Católica, que fez parte da organização do evento. O intuito era relacionar a imigração italiana com a fé e o trabalho – transformando esse processo em uma saga – sendo que seus elementos precisavam ser lembrados e mantidos para garantir a identificação do grupo com a etnia italiana. Por isso, todo o trabalho de padre Luiz Sponchiado, no recolhimento de dados, de documentos, de fotografias e de objetos, na busca das origens da comunidade da Quarta Colônia, na organização dos 100 anos da Imigração e Colonização italiana. Suas atividades se orientaram no sentido do reforço de uma “identidade italiana”, no qual a população da Quarta Colônia se identificou. Foi um processo que entendemos como de grande êxito.

Dessa forma, o CPG é resultado das comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Nova Palma, um lugar de salvaguarda da história dos antepassados e de

---

<sup>184</sup> Terra prometida, paraíso.

<sup>185</sup> Material para o Programa radiofônico gravado no dia primeiro de janeiro de 1984. In: Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>186</sup> Para Weber (2006), a identidade étnica é construída, sendo resultado de um processo histórico. Além disso, a identidade oscila, justificando a eficácia de demandas sociais e culturais. E ainda, para a autora, a identidade étnica não garante a união do grupo em todos os momentos.

afirmação da italianidade entre a comunidade local. Para o idealizador, “uma obra que pretende evocar, reverenciar e guardar a memória duma caminhada de 100 anos especificamente local, mas abrangendo toda a 4ª colonização italiana do Império”<sup>187</sup>. E, a partir da constituição do Centro de Pesquisas Genealógicas é que se consegue entender como o sacerdote escreveu e organizou a história da Quarta Colônia, para assim garantir a identidade desse grupo. Na sequência, abordaremos com mais detalhes o trabalho de padre Luiz Sponchiado no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

### 3.1.2 O Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG): de descendentes de imigrantes italianos da Quarta Colônia

As comemorações do Centenário da Imigração e Colonização Italiana no município de Nova Palma e na Quarta Colônia resultaram na construção de um importante acervo, o Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG). A criação do CPG está ligada com a ampliação das pesquisas que padre Luiz Sponchiado vinha realizando sobre a história e a genealogia de sua família para *todas* as famílias de imigrantes italianos que haviam circulado na Quarta Colônia. Em 1984, nos 100 anos da imigração e colonização italiana no município de Nova Palma, o Centro de Pesquisas Genealógicas foi inaugurado e, contou com a presença de autoridades municipais e o conselho da paróquia – como mostra a imagem abaixo. Atualmente, CPG está localizado no andar superior da Casa Paroquial.

---

<sup>187</sup> Nova Palma festejou 100 anos. In: *Jornal O Santuário*, 1984.



**Figura 18:** Inauguração do Centro de Pesquisas Genealógicas (1984)  
**Fonte:** SPONCHIADO (1996, p.238).

As festividades, como já foram mencionadas, apresentavam traços marcadamente religiosos. As datas das comemorações e o próprio local das festividades geralmente coincidiam com datas e locais católicos. Para o lançamento da pedra fundamental da *Sociedade Pro Museu da Colonização*<sup>188</sup>, por exemplo, já organizando as comemorações dos 100 anos da imigração e colonização juntamente com a festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição, ocorrida no Cinquentenário da fundação da paróquia. Assim, no dia oito de dezembro de 1969, com “as bênçãos de Nossa Senhora”, foi assinado coletivamente um documento<sup>189</sup> pelos membros responsáveis pelo futuro museu e enterrou-se a pedra fundamental, que deram início a construção do prédio que abrigaria o acervo. Tal projeto e iniciativa deram origem ao CPG.

Essa informação que se encontrou nas caixas referente à *matriz* faz com que se especule sobre o Centenário da Imigração Italiana em Nova Palma – devido às datas e as informações diferentes encontradas em documentos e manuscritos do sacerdote. Ou em Nova Palma já havia a ideia de comemorar os 100 anos da Imigração italiana – com a criação de um museu da colonização, sob a organização de padre Luiz Sponchiado–

<sup>188</sup> **A festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição.** 8 de dezembro de 1969. In Caixa Matriz, do Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma. (Folder.)

<sup>189</sup> Tal documento encontra-se na caixa designada ao Centro de Pesquisas Genealógicas.



ou a escolha do Bispo Diocesano Dom Ivo Lorscheiter é que desencadeiam tais ações? Levando em conta que, o decreto estadual de 22.410 foi efetivado em 1973, e que, a provisão recebida do bispo também datava o ano de 1973, seguramente padre Sponchiado já vislumbrava a organização da festividade, a criação de um museu, assim como um centro de documentação.

Em relação às pesquisas de padre Luiz Sponchiado, as primeiras iniciativas de investigação se iniciaram na região da Quarta Colônia, no qual buscou informações nas paróquias da região, através dos *anágrafes* – que são livros que os padres das capelas registravam as informações sobre as pessoas da comunidade. Estes *anágrafes* eram localizados nas paróquias de Vale Vêneto, Novo Treviso, Núcleo Norte (Ivorá), Dona Francisca, Arroio Grande e Silveira Martins. Além disso, visitou as residências de algumas pessoas idosas das comunidades, com o intuito de colher depoimentos que remetessem às histórias da imigração, bem como adquiriu documentos e fotografias dos antepassados. Também realizou pesquisas nos cemitérios para recolher dados sobre as pessoas que haviam falecido e que pertenciam à região.

Entretanto, suas pesquisas de campo não se restringiram à região da Quarta Colônia. padre Luiz Sponchiado procurou informações e dados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, no Arquivo Público do Rio Grande do Sul e no Arquivo Nacional, cujos acervos lhe possibilitaram o encontro de uma variedade de informações a respeito da formação da Colônia Silveira Martins. Para fazer as anotações dos dados que encontrava e poupar tempo, utilizou a ajuda de um gravador, no qual gravava as informações e depois, no seu escritório, realizava as transcrições. É bem provável que o sacerdote tenha rompido com o silêncio de muitos pesquisadores e sua metodologia de leitura das informações em voz alta para gravar tenha sido um incômodo para àqueles que frequentavam o mesmo arquivo que ele.

Por fim, na sua ânsia pela busca por informações que auxiliassem a contar a história da Quarta Colônia e dos imigrantes que circularam na região, o padre Luiz Sponchiado viajou para o Rio de Janeiro, onde foi pesquisar no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro sobre as *Relações de Vapores* e também na Hospedaria da Ilha das Flores. De acordo com Manfio& Jardim (2009),

As grandes listas de desembarque mostravam quem vinha, quantas pessoas traziam-se junto, de que província vinha, e aonde iriam se estabelecer. Essa pesquisa contou com a ajuda de um gravador, assim as listas eram lidas em voz alta para serem gravadas, e ao retornar eram transcritas.

Essas listas de desembarque foram transcritos e parte dela encontra-se nos volumes I e II do livro *A presença italiana no Brasil*, obra organizada por Luis Alberto De Boni. Os artigos foram escritos para dois simpósios sobre a presença italiana no Brasil<sup>190</sup>: o volume II refere-se ao evento ocorrido em Vitória (ES), no ano de 1988 e, o volume III, o evento deveria ter sido realizado em Belo Horizonte – entre 1991 e 1992 – contudo o evento não ocorreu e apenas foram publicados os textos em livro. Além disso, ao analisar os documentos da caixa imigração, percebe-se o envolvimento de padre Luiz Sponchiado e seu destaque com os estudos sobre imigração italiana, participando de eventos e publicações a respeito da temática de imigração italiana, entre as décadas de 1980 e 1990. Apesar dessa metodologia particular de padre Luiz Sponchiado na gravação e transcrição das informações pesquisadas nos arquivo, quando retornava à paróquia de Nova Palma, o sacerdote contava com o auxílio de seu sobrinho Belvoir Sponchiado e de Odila Piovesan, que ajudavam na transcrição das fitas gravadas e na organização e seleção dos documentos colhidos nas pesquisas. A seleção e a classificação não era algo técnico, e ficou a cargo do pároco e de voluntários que o auxiliavam e que não tinha conhecimento específico sobre arquivamento e preservação de acervo. A escolha das fontes e a organização do CPG seguiram o filtro do seu criador – que muitas vezes optou por suas preferências.

As informações colhidas das relações de vapores e dos anágrafes deram origem aos *livros genealógicos*, onde foram cadastradas as famílias de imigrantes e descendentes de italianos, no qual formam as árvores genealógicas. Possuem dados como: data de nascimento, de casamento e falecimento; número de filhos, local de nascimento, destino (mudanças de moradias, deslocamentos) e observações. Esses livros são de tamanha riqueza que atraem muitos visitantes, não apenas os interessados em pesquisa histórica sobre os antepassados, mas também aqueles que buscam a dupla cidadania. Foram catalogadas cerca de 50 mil famílias e registrou-se 1634 sobrenomes italianos, contabilizados em 2005<sup>191</sup>.

Além disso, as informações coletadas pelo padre Luiz Sponchiado deram origem às cronologias. São 148 blocos de folhas coloridas, muitas vezes reaproveitadas que, possuem anotações do sacerdote referentes aos anos “de 1500 até 1874 (alguns anos estão na mesma cronologia), e a partir de 1874, cada ano corresponde a um bloco (bloco

---

<sup>190</sup> Cartas de Luis Alberto De Boni para Padre Luiz Sponchiado. In: Caixa Imigração. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>191</sup> Dado fornecido pelo Centro de Pesquisas Genealógicas.

por ano)” (MANFIO; BOLZAN, 2009, p. 9). Abaixo, a imagem de padre Luiz Sponchiado manuseando os livros de genealogia em seu escritório no CPG, em 2009.



**Figura 19:** Padre Luiz Sponchiado em seu acervo  
**Fonte:** Arquivo pessoal, 2009.

O Centro de Pesquisas Genealógicas também conta com uma *Biblioteca* que possui um pequeno acervo de, aproximadamente, cinco mil livros, dos mais diversos assuntos, contendo principalmente obras sobre a imigração italiana. Os livros foram adquiridos e/ou ganhos como presente, partindo inicialmente do interesse do sacerdote com a história da imigração italiana, bem como da rede de relação que padre Luiz Sponchiado mantinha com intelectuais que investigavam sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul. Sobre esse assunto, não se trabalhará profundamente, contudo merece ser destacado o fato dele trocar as cartas com Luis Alberto De Boni, Rovílio Costa e Silvino Santin<sup>192</sup>, no qual a discussão sobre a participação em eventos, a produção historiográfica sobre o tema de imigração, bem como a busca por informações e dados do acervo do CPG.

Outro material que se encontra disponível no CPG são as *Fitas de vídeo (VHS)*. O acervo possui em torno de 200 fitas. Partindo do interesse e das escolhas do sacerdote, que além de gravar informações e recolher documentos, ele realizava filmagens de casamentos, de festas, de inaugurações, de construções, de encontros de

---

<sup>192</sup> Cartas de Silvino Santin, Rovílio Costa e Luis Alberto De Boni. In: Caixa imigração. Centro de Pesquisas Genealógicas.

famílias, de missas, inclusive de velórios e enterros. A filmadora foi outro importante instrumento utilizado pelo pároco para registrar acontecimentos e fatos ocorridos na região. Para isso, possuía uma filmadora e ajudantes que o auxiliavam nesses eventos – era o pároco que indicava o momento que deveria ser iniciada e concluída a filmagem.

Como o padre já havia indicado em entrevista no jornal *Integração Regional*, ele tinha preferência por músicas italianas. O seu gosto pelas canções italianas fez com que ele gravasse canções italianas e músicas que as famílias cantavam em festas e celebrações. Além disso, acreditava que as músicas podiam ser esquecidas com o tempo. Dessa forma, criou um banco de dados dessas músicas com 292 *Fitas K7*<sup>193</sup>, no CPG. O intuito de padre Luiz Sponchiado era o de preservar desse tipo de manifestação cultural de imigrantes e descendentes que tanto gostava. Dessa forma, percebe-se que o Centro de Pesquisas Genealógicas foi sendo construído e organizado por interesse e escolhas de seu criador, apesar da preocupação em salvaguardar as canções através da gravação. E que algumas de suas preferências influenciam diretamente no tipo de material que foi coletado e como ele foi organizado no acervo.

Por fim, existe outro tipo de material que é bastante intrigante e reflete diretamente na forma como o sacerdote colheu e organizou o acervo: são as *caixas de família*. Essas caixas – embalagens de camisas masculinas – são identificadas pelos sobrenomes de origem italiana. Nessas caixas é encontrada uma diversidade de material - manuscritos de padre Luiz Sponchiado, fotografias, recortes de jornais e revistas com notícias sobre algumas famílias, correspondências, certidões de casamento, nascimento e óbito, passaportes, entre outros documentos oficiais. Abaixo, o espaço onde estão organizadas as caixas de família no CPG, em ordem alfabética, em prateleiras construídas para essa finalidade.

---

<sup>193</sup> MANFIO, Juliana Maria; JARDIM, Paula Simone Bolzan. **Parceria da UNIFRA com o Centro de Pesquisas Genealógicas; Preservação de fontes históricas para o estudo da imigração**. Relatório de Projeto de extensão (PROBEX), 2009. Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2009.



**Figura 20:** Caixas de Família  
**Fonte:** acervo pessoal, 2009.

Esses documentos fazem parte de uma seleção do sacerdote, bem como de material que foram entregues pela comunidade. O acervo foi/é enriquecido com o auxílio da comunidade local, através da doação de documentos de toda a espécie. Padre Luiz, muitas vezes, propunha ao visitante a troca de informações – o padre oferecia as informações do passado em troca de informações do presente. Dessa forma, percebemos a concretização do CPG, através da interação da comunidade não somente local, mas também um público externo, com o acervo e com o sacerdote – interação que muitas vezes pode ter sido tumultuada em relação à troca de informações e documentos<sup>194</sup>.

Existe um tipo de documento que merece atenção nessa pesquisa e que, muitas vezes, foi citado e utilizado como fonte: *os manuscritos* de padre Luiz Sponchiado. Esses documentos refletem exatamente a postura do sacerdote em relação a sua pesquisa, o material por ele deixado, a forma como quis que os acontecimentos fossem

---

<sup>194</sup>Entre a população de Nova Palma e região, ao pesquisar nos acervos, deparei-me com história a respeito de Padre Luiz Sponchiado e as suas pesquisas e seu interesse pela história das famílias. A maioria dos relatos aprova o interesse investigativo do padre, no entanto, há quem se incomodou com isso. Por exemplo, houve relatos de que a pessoa sentiu-se ofendida pelo sacerdote, pelos comentários que o mesmo fazia. E, em outros casos, acerca de documentos que certas famílias tinham, e o pároco interessado pedia emprestado e não mais o devolvia.



Sobre os manuscritos, ainda é importante ressaltar, com o intuito de registrar informações de documentos e depoimentos orais, o sacerdote criava confusões com datas e nomes – esses erros proporcionam dificuldades em encontrar outros registros oficiais, ou podem levar a algum tipo de equívoco por parte de pesquisadores que, por ventura, usarão esse material.

Além disso, constatam-se as preferências, as influências e o que padre Luiz Sponchiado desejava passar com relação àquilo que está escrevendo. Emprega-se, novamente, o manuscrito acima para exemplificar seu posicionamento diante de fatos e acontecimentos. O sacerdote iniciou o manuscrito escrevendo em letras garrafais, criando uma espécie de narrativa romanceada. No decorrer do documento, por mais cinco vezes utilizou as letras garrafais, destacando as seguintes palavras e frases: *instituição cultural*, no qual se refere ao CPG; *IV<sup>a</sup>. Colônia Imperial*, no qual indica a região; *entre os lares imigrados*, refere-se aos imigrantes estabelecidos na região; *casal Ângelo e Maria Casini Stoch*, apontando a família que está investigando e, por último, *a filmadora*, dando a entender a forma como estava realizando a sua investigação. E ainda, o sacerdote utilizava termos que enfatizavam a imigração italiana, dando ao processo a ideia de *saga* dos imigrantes italianos e as suas dificuldades nomeadas como *tragédia*. Além disso, outra frase do sacerdote merece destaque nesse manuscrito: “a comunidade de S. Antônio sentiu-se motivada a perpetuar num Memorial o acontecimento”. Por fim, acrescentou informações a caneta ao manuscrito, a respeito da construção do memorial. Organizou uma cronologia entre os dias 12, 17 e 18 de agosto de 2001, no qual convidou a comunidade de Linha Três para um mutirão para construir o monumento, levando o pedreiro para conhecer o local, dando início das medições e ao projeto do monumento. É provável que, nesses dias, o sacerdote tenha carregado consigo a filmadora para registrar a construção. Dessa forma, o interesse do sacerdote em reconstruir a trajetória do casal e recordar a saga dos imigrantes italianos incentivou a comunidade a organizar-se juntamente com o pároco e criarem a festa da família Stoch.

Pelo fato de padre Luiz ser uma figura da Igreja Católica, ao conduzir às festividades da história da família Stoch, a comunidade sentiu-se incentivada a lembrar de seus antepassados, exaltando tanto a “epopéia” dos primeiros colonizadores quanto à presença da religião. A rememoração ganhou o caráter de “saga”, espécie de modelo de um núcleo social que se pensa a vinda ligada a essa matriz de pioneiros.

Uma das características de padre Luiz Sponchiado que transparece no Centro de Pesquisas Genealógicas é sua obsessão pelo registro. Essa ideia fixa em escrever e guardar tudo para a posterioridade fez com que o sacerdote reunisse uma grande quantidade de documentos, bem como realizasse anotações sobre as informações coletadas – que são os materiais que constituem o CPG, abordados anteriormente. A sua preocupação com o que iria ficar para o futuro fez com que guardasse as correspondências recebidas, juntamente com uma cópia da carta que ele retornou. Conservou ainda boletos de contas pagas e seus exames médicos<sup>196</sup>.

Levando em conta a grande diversidade de fontes e a importância do CPG para a história local, bem como para a história da imigração italiana no Brasil, não é de se surpreender que a procura pelo acervo não se restrinja apenas aos moradores do Rio Grande do Sul. Indivíduos de outros Estados Brasileiros e, inclusive, de outros países como da Itália, da Inglaterra, dos Estados Unidos, do Canadá, da Argentina, do Uruguai e do Chile, já entraram em contato (através de ligação, cartas ou visitas), na busca de informações sobre familiares imigrantes italianos e seus descendentes. Sobre o interesse de quem procura o CPG, Manfio & Jardim (2009, p. 09-10) comentam:

Além da pesquisa sobre a história dos antepassados familiares, como também à busca de informações para simples trabalhos escolares até trabalhos acadêmicos como mestrado e doutorados e monografias. Porém, a maior procura pelo CPG é para a busca de dados para fazer o pedido a dupla-cidadania italiana.

O trabalho de padre Luiz Sponchiado com os estudos da imigração e colonização italiana na Quarta Colônia e com o Centro de Pesquisas Genealógicas obteve o reconhecimento nacional e internacional. O prestígio do sacerdote com as pesquisas com o tema de imigração italiana renderam o prêmio *Ordem do Mérito Cultural*, em 07 de novembro de 2000, em Brasília, do então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso e do Ministro da Cultura, Francisco Welfort. De ordem internacional, recebeu o prêmio *Capo dell'Ordine al mérito della Repubblica Italiana*, entregue em Porto Alegre pelo Consulado Italiano, em 2004.

---

<sup>196</sup> Existe no CPG, uma pasta específica sobre os exames médicos realizados pelo padre Luiz Sponchiado.





**Figura 22:** Padre Luiz recebendo prêmio do Presidente da República  
**Fonte:** Centro de Pesquisas Genealógicas, 2002.

Levando com conta os aspectos mencionados, constata-se que a criação do Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma é resultado das festividades do Centenário da Imigração e Colonização italiana de Nova Palma, bem como da Quarta Colônia. Mesmo abordando o movimento somente no município de Nova Palma, percebe-se que as pesquisas de Padre Luiz Sponchiado não se restringiam a cidade e sim, aos imigrantes que circularam na região da Quarta Colônia. As pesquisas, que tiveram início com o estudo da família do sacerdote, ganharam impulso através da provisão recebida do Bispo Dom Ivo Lorscheiter em dar traços católicos às comemorações do Centenário. O pároco ampliou os estudos para todas as famílias de descendentes e imigrantes italianos que circulara na Quarta Colônia, criando um importante acervo, que obedeceu a uma metodologia toda particular na seleção e organização dos documentos – muitas vezes, partindo de seus interesses e preferências para escolher as fontes de pesquisa que compõem hoje o Centro de Pesquisas Genealógicas.

O interesse de Padre Luiz Sponchiado pela história de Ângelo e Maria Stoch, caso exemplar para o projeto de reforço da “identidade italiana” – parte de um crime que desmanchou a família. Este incidente peculiar fez com que o sacerdote reconstituísse a trajetória desse casal Ângelo e Maria. Além disso, organizou uma festa da família Stoch e ainda construiu um monumento para marcar o local em que ocorreu o crime. Sobre como se deu a construção de uma memória e monumento a respeito da família Stoch, como instrumento de uma memória mais ampla sobre a imigração italiana, é o que será abordado a seguir.

### 3.2 “Os descendentes e a comunidade recordam”: a construção de uma memória e de uma identidade através dos Stoch

*A comunidade de S. Antônio sentiu-se motivada a perpetuar, num memorial, o acontecimento...*<sup>197</sup>

Em 25 de janeiro de 1889, aportaram no Rio de Janeiro, o casal Ângelo e Maria Stella Stoch e a viúva Santa Stoch. Ao chegarem à colônia Silveira Martins foram estabelecidos no barracão. Não havendo lotes para a instalação do casal, foram enviados à Colônia Jaguari, dando entrada em 02 de agosto de 1889. A família abandonou a colônia, provavelmente pela falta de recursos e por não terem recebido casa provisória, ferramentas e sementes<sup>198</sup>. Assim, retornaram a Linha Seis Norte, em Silveira Martins, com os três primeiros filhos: João Antônio (1890), Adão (o bebê faleceu meses após o nascimento, 1891) e Gerônimo (1892). Não se sabe ao certo o ano da mudança, mas em 1894, ano de nascimento de Benevenuto, a família Stoch já estava em nova residência<sup>199</sup>, na localidade de Linha Três, no Núcleo Soturno<sup>200</sup>.

Na pequena comunidade de Linha Três, a família viveu até o ano de 1897, ano do assassinato de Maria Stella e seu quinto filho Guilherme<sup>201</sup> – a respeito do qual não se sabe ao certo a data de nascimento, pois a criança ainda não havia sido batizada. Nesse tempo que viveram na nova residência, o casal tinha sérias desavenças<sup>202</sup>. Ângelo não era afeito ao trabalho na terra e vivia alcoolizado. Além disso, batia em Maria Stella e a obrigava a mendigar na vizinhança para alimentar os filhos<sup>203</sup>. Os maus tratos<sup>204</sup> sofridos

<sup>197</sup> Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado sobre os Stoch. In: Caixa A Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>198</sup> O autor Marchiori (2000), ao transcrever os códices da Colônia Jaguari, constatou as data de entrada e os membros que chegaram aos lotes. Além disso, observou que os primeiros imigrantes (entre eles, italianos, alemães e polacos) não receberam os empréstimos relativos aos itens de sementes, casa provisória e ferramentas, e que muitos deles, após receberam lotes de terra, acabaram abandonando-os. Somente a partir de 1890 os imigrantes passaram a receber o que fora prometido.

<sup>199</sup> A circulação de imigrantes italiana na Quarta Colônia era uma característica da região, cf. Manfio (2013).

<sup>200</sup> Atual cidade de Nova Palma/RS.

<sup>201</sup> Conforme consta no Auto de prisão em flagrante delito. In: Processo-crime, Júlio de Castilhos, cível e crime, nº1005, maço 4, 1897, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

<sup>202</sup> Consta na narrativa escrita de Padre Luiz Sponchiado. In: Igreja Santo Antônio, de Linha Três.

<sup>203</sup> Conforme consta nos depoimento de 12 testemunhas, no qual praticamente foram unânimes em acusar Ângelo Antônio Stoch de maus-tratos aos filhos e a esposa. Além disso, os depoentes também afirmaram que Ângelo não tinha apego ao trabalho e passava alcoolizado. Tais informações se encontram em: Processo-crime, Júlio de Castilhos, cível e crime, nº1005, maço 4, 1897, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

<sup>204</sup> Manfio (2013) constatou em seu trabalho de conclusão de curso a desarmonia que vivia a família Stoch – provavelmente também vividas por outras famílias na mesma situação. Além disso, percebeu-se a ocorrência da violência doméstica, assunto pouco abordado dentro da historiografia da imigração italiana.

por Maria foram constatados nos depoimentos das testemunhas do processo judicial instaurado contra Ângelo Antônio Stoch.

Em 1897, um crime chocou a pequena comunidade de imigrantes italianos: mãe e filho de colo foram assassinados brutalmente. O principal acusado do delito na época foi o marido e pai das vítimas. A suspeita que recaiu sobre o italiano Ângelo Antônio Stoch tinha certa fundamentação para a comunidade local. Ângelo não tinha apego ao trabalho na terra, vivia embriagado, maltratava a esposa Maria Stella Casini Stoch e ainda, a fazia mendigar na vizinhança para alimentar os filhos. “Foram estas características que o desqualificaram perante seus conterrâneos, pois tal conduta não correspondia com os atributos considerados essenciais para que um ‘chefe de família’ dispusesse de honra e respeito entre a população” (VENDRAME, 2013, p.342).

Como os vestígios indicavam que Ângelo era o assassino da esposa e do filho de colo, o imigrante foi levado à cadeia de Vila Rica, onde permaneceu preso por algum tempo. Os três filhos mais velhos do casal foram distribuídos para curadores de menores – em três famílias distintas – em decorrência do falecimento da mãe e do pai estar preso. Alguns anos depois, Ângelo foi solto por falta de provas e também porque ocorreu outro crime semelhante em dezembro de 1899, na mesma comunidade. A jovem italiana Luiza Vedovato foi violentada sexualmente e assassinada em uma estrada da comunidade de Linha Três, sendo o acusado pelo crime, o caboclo Juvêncio José dos Santos, morador do local<sup>205</sup>. As autoridades policiais e alguns membros da comunidade encaminharam Juvêncio à cidade de Cachoeira do Sul, onde seria preso. Contudo, devido à tradição popular de fazer justiça com as mãos, o sujeito acabou sendo linchado no caminho para Cachoeira do Sul, na localidade de Dona Francisca, onde morreu, antes de ser julgado. “Nesses locais, era a própria população que encontrava o culpado e escolhia a forma pela qual ele seria punido, antes mesmo de a justiça do Estado agir” (VENDRAME, 2011, P.305).

Essa história envolveu personagens reais que eram imigrantes italianos e serviu de cenário para que padre Luiz Sponchiado elaborasse uma memória não apenas a respeito do episódio, mas sobre a imigração italiana, dando uma perspectiva católica de martírio, através do sacrifício dos colonos. O intuito do sacerdote era o de garantir a manutenção de uma identidade – relacionada aos antepassados colonizadores – entre os

---

E, mais uma vez, a identificação de imigrante italiano que não tinha apego ao trabalho, contrariando o mito criado a respeito do “italiano trabalhador da terra”.

<sup>205</sup> Informações retiradas do processo criminal: **Juvêncio dos Santos**. Processo-crime: Cartório Cível e crime, nº 2509, maço 81, 1899, Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

moradores da comunidade de Linha Três, no interior de Nova Palma, e, a partir desse episódio, abarcar, toda a região da Quarta Colônia. Por isso, houve toda uma obsessão pelo registro e pela busca de informações para compor a história dos Stoch – como podemos constatar no trecho de uma carta de padre Luiz Sponchiado para Firmino Costa: “Na ânsia (doentia?), de pesquisar a História Local, estou diante do Centenário do ASSASSINATO, por parte do caboclo LUCIO DOS SANTOS, da MARIA STELLA CASINI, mulher de ANGELO STOCHI. Tragédia perpetuada no inverno de 1898”<sup>206</sup>.

Sobre esse trecho, é válido ressaltar que o centenário do assassinato tornou-se o pretexto para recordar a história da família Stoch. Além disso, o nome do caboclo e a data do acontecimento que o padre apresentou não são os mesmos que constam no processo-crime. Essas confusões fazem parte da metodologia de pesquisa e aquisição de informações e documentos produzidos pelo padre Luiz Sponchiado.

Para isso, o pároco envolveu a comunidade local em um projeto que visava à reconstituição da trajetória do casal no Rio Grande do Sul, a construção de um monumento e uma festa religiosa. É nesse momento que, mais uma vez, acontece a exaltação da figura do imigrante, aproximando o movimento de imigração italiana ao gênero da epopeia, atribuindo ao colono a ideia de martírio cristão, através do crime que envolveu os Stoch.

O ponto de partida para a reconstituição da história de Ângelo e Maria Stella Stoch deu-se em 07 de agosto de 1964. Em uma visita programada para a realização de uma missa na comunidade de Linha Três, o Padre Luiz Sponchiado “acompanhado de Pedro Manfio, Caetano Mazzonetto, Gentil Prevedello e Odila Vedovato [...] dirigiu-nos para o provável local<sup>207</sup>” onde teria acontecido o assassinato de Maria Stoch e seu filho. A pedido do sacerdote, os moradores da localidade que o acompanhavam começaram a escavar o chão com as mãos, em busca dos restos mortais das vítimas. No entanto, apenas encontraram uma pequena cova e restos de pregos e parafusos. Os ossos das vítimas não estavam mais nesse local, pois haviam sido exumados e transladados para o cemitério de Linha Três, em 1917<sup>208</sup>.

---

<sup>206</sup>Respeitou-se a grafia original do documento. **Carta destinada a Firmino, em 09.05.1996** – não foi enviada. In: caixa da família Stoch, Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>207</sup>**Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado.** In: Caixa da família Stoch, Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>208</sup> **Carta de Padre Francisco Burmann para o Bispo Miguel de Santa Maria**, pedido de autorização para a exumação e o traslado dos restos mortais de Maria Stoch e seu filho, que haviam sido assassinados e enterrados no mesmo local. O proprietário das terras era Luiz Fréo e, o mesmo pedia que os ossos das vítimas fossem transladados para o cemitério do Curato de Nova Palma.

Depois essa visita ao local onde aconteceu o assassinato de Maria Stoch, em 07 de março de 1973, o sacerdote andou pessoalmente fazendo pesquisas de campo em Cruz Alta, no qual teve ajuda de padre Cherubini<sup>209</sup>. Padre Luiz Sponchiado encontrou descendentes do primeiro filho do casal Stoch, João Antônio Stoch. Esses parentes conduziram o pároco Sponchiado para Passo Fundo, onde localizariam os descendentes do segundo filho, Gerônimo Stoch. Esses proveram informações sobre outros parentes na cidade de Itaara. A procura nos três municípios forneceu ao padre as informações e documentos que se uniram com os dados que tinha, no qual construiu um primeiro relatório sobre a história da família Stoch. Para o documento final sobre a trajetória do casal Stoch, foram acrescentadas informações de depoimentos orais, dados de livros de batismo, dos códices da colonização e da relação de vapores.

Primeiramente, a reconstituição da trajetória de Ângelo e Maria Stella Stoch no Rio Grande do Sul realizado por padre Luiz Sponchiado tem o intuito de “registrar a saga de uma das milhares de famílias de imigrantes que aqui vieram procurar liberdade e melhores condições de vida para seus familiares<sup>210</sup>”. Entretanto, diferente de um discurso tradicional que propõe a superação de dificuldades e o êxito final, o sacerdote sugeriu a valoração dos problemas enfrentados por aqueles imigrantes que não obtiveram sucesso. Por fim, é enfatizando os obstáculos encarados pelos imigrantes que o pároco desenvolveu seu projeto de construção de uma memória e de manutenção de uma identidade.

Padre Luiz Sponchiado escreveu algumas versões sobre a trajetória do casal Stoch, que perpetuam como verdades únicas sobre o acontecimento. Contudo, cabe salientar que, não serão analisadas tais narrativas, pois já foram avaliadas em trabalho anterior<sup>211</sup>. É importante, no entanto, ressaltar que o sacerdote não teve acesso aos processos crimes, acreditando inclusive na sua inexistência. É provável que isso tenha acontecido devido às informações erradas que foram adquiridas pelas pessoas que o pároco entrevistou<sup>212</sup>. Além disso, em trabalho anterior, são apontadas as aproximações e as disparidades dos processos-crimes e da narrativa escrita pelo padre.

---

<sup>209</sup> Pároco da paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Cruz Alta.

<sup>210</sup> Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado. In: Caixa da família Stoch, Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>211</sup> Ver mais em: MANFIO, Juliana Maria. **De crimes e de narrativas: imigração e construção da memória (Nova Palma, final do século XIX)**. 2013. 58f. Monografia. (trabalho final de graduação em História). Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2013.

<sup>212</sup> Dificuldade que também enfrentei ao procurar tais processos crimes para a construção do trabalho final de graduação, em 2013.

A narrativa escrita pelo padre Luiz Sponchiado sobre a família Stoch ganhou traços de um romance histórico e uma perspectiva de martírio cristão, com a presença de um narrador onisciente. Além de apresentar alguns episódios ocorridos com a família – alguns positivos, enaltecidos; outros negativos, pouco louváveis –, contém também a versão do sacerdote. Ao contar a história do casal Ângelo e Maria, padre Luiz oferece um discurso do imigrante como herói, sofrendo desafios e lutando para superá-los, e padecendo das piores violências também, como o estupro e o assassinato. Além desses aspectos dramáticos, a narrativa também apresenta peculiaridades da imigração italiana na Quarta Colônia que foram pouco trabalhadas pela historiografia, como o cotidiano das famílias, os conflitos de um casal (incluindo violência doméstica) e, outro ponto culminante, no que diz respeito à violência sexual.

Tanto nas narrativas como nos manuscritos, o sacerdote deixou seu posicionamento diante dos fatos que ocorreram com os Stoch – e, não apenas com essa família, mas com outras que ele pesquisou e deixou registro. Ao elaborar o material, o padre emitiu julgamentos morais e religiosos, e estabeleceu modelos de comportamento para os indivíduos e a comunidade (MANFIO, 2013). Ou, em outras palavras, reforçou modelos tradicionais, sempre na perspectiva da exaltação dos pioneiros – porém, sem esconder alguns aspectos humanos dos personagens.

Para cristalizar na memória local a história de Ângelo e Maria Stella Stoch, “a comunidade de S. Antônio sentiu-se motivada a perpetuar, num memorial, o acontecimento”<sup>213</sup>. A motivação veio de padre Luiz Sponchiado, o idealizador da construção do monumento, que contou com a ajuda dos moradores da localidade. A doação de recursos para a compra de materiais de construção, o terreno que foi cedido pelo proprietário local e o mutirão realizado para a construção do monumento ocorreram entre as famílias da Linha Três.

---

<sup>213</sup> **Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado.** In: caixa da A. Matriz, Centro de Pesquisas Genealógicas.



**Figura 23:** Monumento à Maria Stella Stoch  
**Fonte:** Centro de Pesquisas Genealógicas, Caixa Stoch.

O monumento apresenta, na parte superior, uma fotografia de uma mãe segurando um bebê, representando as vítimas do crime<sup>214</sup>. Na parte inferior, possui a seguinte descrição: “Nesta picada, a sete de agosto de 1898, o casal Ângelo Stoch foi destruída pelo assassinato de Stella Maria Casini Stoch e a filhinha. Os descendentes e a comunidade recordam. Homenageando a presença de todas as mães na aventura imigratória de nossa colonização”.

Sobre esse texto impresso, vale ressaltar que a data, o nome de Maria Stella e o sexo do filho do casal não conferem com as informações do processo crime. Segundo o processo, a data do crime seria em janeiro de 1897, os nomes das vítimas seriam Maria e Guilherme, e criança, então, do sexo masculino. Mas foi o modo como padre Luiz configurou o episódio que acabou sendo registrado. A versão produzida por ele, após obsessiva pesquisa com os habitantes do lugar (e não nos arquivos), foi a que se tornou dominante. A comunidade, em relação a isso, nunca protestou. Supõe-se, dessa maneira, que a comunidade aceitou e acolheu a narrativa produzida pelo padre. Por fim, padre Luiz Sponchiado podia ser obsessivo quanto aos dados, mas ela sabia ocultá-los quando lhe convinha.

Entretanto, não foi a primeira vez que os padres da Quarta Colônia configuraram uma versão de um episódio dramático de uma maneira que, anos depois, houvesse contestação – como o caso da morte do padre Sório, ocorrido em 1900. Na década de 1940, configurou-se a versão de que o padre foi morto pela Maçonaria. Décadas depois,

<sup>214</sup> A fotografia não é das vítimas e sim, de outra família de imigrantes italianos.

na tese de doutorado de Luiz Eugênio Vésicio (2001), que levantou outros dados e estabeleceu outra possível versão. No entanto, Vendrame (2013) segue esta vertente aberta por Eugênio e nem discute a validade ou não do crime ser atribuído a um conflito com a Maçonaria; atribuindo o caso como práticas de honra e justiça no mundo colonial, por ter o sacerdote deflorado uma moça da comunidade. Porém, apesar das versões acadêmicas já exploradas, alguns membros da Igreja Católica, como padre Luiz Sponchiado, sempre atribuíram o crime de Padre Sório com a Maçonaria.

Seja como for, merece destaque a homenagem que o monumento faz as mães imigrantes italianas que colonizaram a região – mãe brutalmente assassinada junto com seu filho de colo. Uma exaltação da figura materna – a mãe e dona de casa dedicada –, aproximando-a do modelo sagrado de Mãe, mãe de Jesus, e sendo apresentada como exemplo a ser seguido – modelo de mãe estremada.

A construção do monumento<sup>215</sup> tornou-se um marco não apenas do local em que uma imigrante italiana e seu filho foram assassinados. Mas lugar onde as dificuldades enfrentadas pelos antepassados italianos, os pioneiros, se concretizaram dramaticamente. Dessa maneira, os problemas encarados pelos italianos no início da colonização podem ser recordados pelas novas gerações e, assim, servirem de modelo. Segundo Manfio (2013, p. 39):

O monumento tem como natureza a afetiva, pois não se apresenta e nem passa informações neutras. Seu intuito é tocar com emoção, uma memória viva. Nesse sentido, a construção de um monumento desperta sentimentos, provocando lembranças e esquecimentos de fatos bons e ruins.

O monumento acabou sendo um dos modos encontrados pelo padre Luiz Sponchiado para atuar sobre a memória local. O episódio da família Stoch serviu como instrumento para a preservação do passado, ou de algumas características do passado. Segundo Nora (1993, p.7), “há locais de memória porque não há mais meios de memória”. Então, criou-se esse espaço em função da necessidade da comunidade e as futuras gerações recordarem aos antepassados de origem italiana. Dessa forma, a função da edificação se dá pensando nos tempos passado, presente e futuro. O passado dá a matéria-prima, a qual é trabalhada pelas necessidades do presente, visando á construção do futuro. O passado da imigração servindo às necessidades de afirmação das

---

<sup>215</sup> Pierre Nora (1993) evidenciou na construção de monumentos, a perpetuação de uma memória individual e coletiva a respeito do que se fez lembrar. Dessa forma, seu trabalho tornou-se fundamental para compreendermos as intenções de padre Luiz Sponchiado ao reconstituir a trajetória dos Stoch e a construção de um monumento no local do assassinato, no qual demonstram o martírio católico, a partir do sacrifício do colono imigrante.



comunidades de matriz imigrante e alicerçando a construção de um futuro no qual essas comunidades terão identidade e poder.

Como uma forma de apresentar a trajetória da família Stoch e inaugurar o monumento, foi realizada então a *I festa da família Stoch*<sup>216</sup>. A festividade equivale a “encontros entre parentescos próximos ou distantes, no qual se reúnem para conhecer inúmeras histórias que envolvem desde os primeiros ancestrais e como o tronco familiar dividido sobreviveu até os dias atuais” (MANFIO, 2013, p.36). As comemorações foram organizadas pelo padre Luiz Sponchiado e pela comunidade da Linha Três, para receber os descendentes dos Stoch. E adotaram a seguinte programação: missa festiva com a leitura da história dos Stoch; inauguração do monumento, no local do assassinato; almoço e reunião dançante.

Ainda vale ressaltar que todas as atividades ligadas ao “projeto da família Stoch” tiveram o Centro de Pesquisas Genealógicas como cerne. Ali foram realizadas pesquisas, estudos, produção de material e todo o planejamento das festividades. Entre o material encontram-se documentos oficiais doados, a correspondência trocada com os descendentes dos Stoch, fotografias, as filmagens realizadas pelo sacerdote (a construção do monumento, as festividades do encontro dos Stoch na Linha Três), assim como os manuscritos do padre sobre o assunto. A atividade de pesquisa em relação à família Stoch é representativa do modo como padre Luiz Sponchiado recolheu e classificou o material relativo às famílias de imigrantes e, dessa maneira, criou e organizou o CPG.

Diante da reconstituição da história familiar de Ângelo e Maria Stella Stoch, percebemos a construção de uma memória local sobre o processo de colonização da comunidade. Como uma forma de perpetuação dessa memória, ocorreu a edificação de um monumento, pois, para que o acontecimento permaneça vivo na comunidade, há a necessidade da construção de um monumento. No sentido de recordar o crime como um dos sacrifícios enfrentados pelos imigrantes, relacionando-o ao martírio católico. A festividade, além de marcar a inauguração do monumento e a propagação da história dos Stoch, tornou-se um importante meio de envolvimento da comunidade. Os moradores, que em sua maioria, possuíam descendência italiana, passaram a se identificar com história do casal. A partir disso, procurou-se garantir e reafirmar a identidade de matriz italiana, entre a população.

---

<sup>216</sup> O que vale lembrar que uma das primeiras festas de família que aconteceu na cidade foi no ano do centenário da imigração italiana.

Por mais de uma vez, percebeu-se a atuação da Igreja Católica em comemorações referentes a festas de família com origem italiana. A Igreja, que teve grande participação no período de colonização italiana na região da Quarta Colônia, se faz mais uma vez presente, dessa vez como organizadora de comemorações e, dando a elas o caráter de exaltação do passado e relacionando-o com o martírio cristão. Além disso, vale ressaltar que o interesse em reconstituir a histórias de famílias e estabelecer monumentos ou marcos fundadores partiu de padre Luiz Sponchiado.

Por isso, pode-se concluir que o sacerdote foi o responsável pelo surgimento das festas familiares, ao reconstituir a história de um grupo familiar específico da comunidade: os Stoch. A narrativa criada pelo pároco acabou se tornando a *verdade absoluta* dos fatos e é lembrada como “aquilo que realmente aconteceu” (MANFIO, 2013, p.42). Assim, percebem-se duas ações com a *I Festa dos Stoch*: a construção de uma memória local, que reforça a ideia da “saga da imigração italiana” e afirmação de uma “identidade italiana”, capaz de unir a população da região num projeto comum.

### **3.3 A (re) invenção da Quarta Colônia**

A reinvenção da Quarta Colônia parece ter sido iniciada com o processo de emancipação dos distritos originários da antiga colônia Silveira Martins, no final da década de 1950. Quando padre Luiz Sponchiado chegou como pároco em Nova Palma, reuniu-se com lideranças locais em um projeto que visava à emancipação da região da ex-colônia em um único município. Pode-se dizer que esse é o primeiro momento em que se buscou uma forma de identificação dessas comunidades para que, em conjunto, organizassem sua emancipação político-administrativa. Entretanto, como não havia uma identificação entre elas, as diferenças existentes entre os núcleos, os interesses locais e as disputas pelo poder da futura sede fizeram com que o projeto de unidade se fragmentasse em 07 municípios. A pretendida união não vingou, mas a semente da afirmação identitária foi desenvolvida.

O processo de reinvenção da Quarta Colônia culminou com as comemorações do Centenário da Imigração Italiana. O padre Luiz Sponchiado foi o coordenador das festividades, por incumbência do Bispo Dom Ivo Lorscheiter, e a ela acrescentou todo o trabalho de pesquisa que vinha realizando. A festa dos 100 anos da imigração italiana

ganhou traços religiosos, como é possível ver em seus folders<sup>217</sup> de divulgação, e junto com isso, buscou-se o enaltecimento das origens, a criação de uma memória que daria sustentação a uma identidade de matriz italiana entre a comunidade local.

As comemorações do Centenário da Imigração e Colonização Italiana<sup>218</sup> foram organizadas pela Igreja Católica e a comunidade. As festividades buscaram referenciar a figura do imigrante como aquele que superou as dificuldades e alcançou o êxito. Essa glorificação ao passado do colonizador, muitas vezes veio (e esse traço ainda permanece) com um sentimento de superioridade em relação às outras etnias. No município de Nova Palma, o próprio sacerdote indicou a presença de nacionais juntamente com os italianos no processo de colonização local, mas sempre colocou em primeiro plano os italianos. Sobre isso, o padre Luiz Sponchiado dialogou com a comunidade novapalmense na missa de Nossa Senhora de Lourdes:

“DESCENDENTES DE TÃO NOBRE ESTIRPE, importa, guardarmos essa HERANÇA. Não só porque era deles, mas porque é a de Maria Santíssima e sua família.

- Importa conservar com inextinguível fortaleza, contra tudo e contra todos, porque esta é nossa identidade, DE DESCENDENTES DE IMIGRANTES CENTENÁRIOS. Visto que ‘quem perder sua identidade... nada mais tem a perder...’<sup>219</sup>”

Nessa fala do sacerdote é possível identificar a importância e superioridade dada a origem italiana, que deve ser carregada por cada descendente como uma herança como algo divino também. Com esse universo da imigração e colonização italiana é que o indivíduo passou a se identificar, conservando tradições e costumes para garantir a manutenção da identidade<sup>220</sup>. A identidade atua como uma marca, ligada à história familiar, no qual o sacerdote reverenciou como elemento valioso. No momento em que o indivíduo perde sua identidade, perde sua história e a direção para seguir em frente.

A célebre frase, “povo que não preserva as suas raízes, perde sua identidade e, perdida esta, nada mais tem a perder”, tantas vezes dita por padre Luiz Sponchiado, esta estampada em um monumento na praça central de Nova Palma que ainda ganhou sua estátua em tamanho real. A edificação encontra-se quase em frente à Igreja Matriz e,

<sup>217</sup>Folders das figuras 11 e 12 do presente texto.

<sup>218</sup> As festividades são destinadas a colonização italiana. As outras colonizações que ocorreram em concomitância a essa não são comemoradas nesse mesmo evento, ou em outro posterior.

<sup>219</sup> Festa da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes. In: Caixa A. Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>220</sup> Ao analisar o Plano Paroquial de Nova Palma do ano de 1984, verificou-se que, um dos projetos que envolvia o Centenário, tinha como objetivo a realização de estudos e palestras sobre os costumes e as tradições italianas para a população.

além da escultura do sacerdote, ergue-se um mural que contém a frase do sacerdote e sua assinatura, uma placa em homenagem a comissão emancipatória do município, em outra placa encontra-se o mapa territorial de Nova Palma e outra com o diário oficial, que criava o município.



**Figura 24:** Monumento ao Padre Luiz Sponchiado e ao Cinquentenário de Nova Palma

**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

O monumento, além de prestar uma homenagem ao pároco, marcou o Cinquentenário do Município (2010). A ação de construção de monumentos para marcar algum acontecimento, significa, neste caso, uma obra realizada para homenagear aqueles que auxiliaram na formação no município, dando destaque a padre Luiz Sponchiado. Um ato que – muitas vezes foi promovido pelo próprio sacerdote – desta vez, foi realizada pela comunidade e autoridades. O objetivo era homenagear aquele que auxiliou o município a se emancipar e buscou na preservação da história dos antepassados a identidade do grupo. Percebeu-se então que a comunidade compreendeu o trabalho do sacerdote: a construção do monumento permitiu a cristalização da memória a partir de um monumento entendendo que a figura do pároco necessita ser lembrada e ser transportada para as futuras gerações.

A ideia de recordar os antepassados imigrantes italianos fez com que uma parcela considerável da população local se identificasse como pertencentes a um mesmo

grupo, que tem a mesma origem (imigrantes italianos que emigraram da Itália para o Brasil, para instalarem-se na Quarta Colônia, lugar onde adquiriram lotes de terras). O Centenário da Imigração Italiana em Nova Palma, bem como o Centro de Pesquisas Genealógicas tornaram-se importantes meios de criação de uma memória local e de garantir uma identidade italiana, as histórias de famílias e suas origens.

As atuações de padre Luiz Sponchiado foram importantes elementos na afirmação de uma identidade na Quarta Colônia. A partir de suas ações político-religiosas e culturais – como a busca pela emancipação da Quarta Colônia em único município, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região, a construção do Centro de Pesquisas Genealógicas, a organização de festas de famílias – foi possível promover a construção da memória e de garantir a manutenção da identidade entre a comunidade. Segundo Weber (2006, p.238):

Os grupos sociais assim como os indivíduos, têm direito de formular suas próprias identidades nos termos que se achar mais oportunas. De resto, sabe-se que algumas formulações são elaboradas por líderes conscientes da necessidade de se fazerem conciliações entre as tendências mais endógenas das comunidades e as pressões para a integração da sociedade envolvente.

As ações político-religiosas e culturais de padre Luiz Sponchiado mencionadas acima, contribuíram para a construção da história das famílias da Quarta Colônia. Na medida em que, buscou-se a identificação comum entre a comunidade, relacionando-a com a imigração e a colonização italiana. Essa assimilação é promovida através de festas, missas, desfiles históricos, cursos de tradição e costumes, a criação do CPG, em que há a exaltação da figura do imigrante italiano – como aquele que venceu as adversidades e que deixou como herança seu exemplo de fé e trabalho.

As histórias comuns aos moradores da região estão ligadas ao passado vivido pelos imigrantes italianos, no qual, considerável população é descendente, encontram-se no Centro de Pesquisas Genealógicas. O acervo guarda e preserva a história dessa comunidade. Padre Luiz Sponchiado pode ser considerado o detentor desse conhecimento, por ter criado e organizado o acervo e, por ter escrito a história dos imigrantes e descendentes de italianos através do seu posicionamento, de seus julgamentos morais e das versões que deu aos fatos.

A afirmação de uma identidade italiana na Quarta Colônia acabou sendo um dos resultados das ações de padre Luiz Sponchiado, no momento em que a população entende que o passado dos imigrantes colonizadores faz parte do seu presente. Aqui,

levaram-se em contas as atuações do sacerdote para o reforço de um sentimento de pertencimento na região, sabendo que, existem várias formas de italianidade nesse local, decorrentes de seus momentos históricos. Zanini (2006, p 249) atribuiu que, a italianidade passou diferentes formas de elaboração e expressão, conforme os diferentes momentos históricos. Para a autora, não existe uma única italianidade, mas sim, formas distintas que expressam o sentimento de pertencimento.

Padre Luiz Sponchiado foi uma liderança local consciente da necessidade de formular uma identidade de matriz italiana e, a partir de suas ações político-religiosas e culturais, tornando-se uma das formas de elaboração e expressão. O pároco auxiliou na construção de um sentimento de pertencimento na comunidade, que correspondeu às transformações e de momentos históricos daquele período<sup>221</sup>.

Levando em contas as ações do sacerdote, percebeu-se a identificação e o sentimento de pertencimento da comunidade em relação a uma identidade italiana: no instante que o grupo compreende que o CPG é um lugar da memória dos antepassados colonizadores – projeto que se efetiva quando a comunidade local reconhece o sacerdote como o guardião<sup>222</sup> da história da Quarta Colônia, bem como há troca de informações do passado com o presente, quando a população ia em busca de informações do passado e o sacerdote aproveitava para recolher dados sobre o presente. Além disso, percebeu-se a promoção de festas de família, no qual descendentes com o mesmo sobrenome de origem italiana promovem um encontro para recriar do passado. Um passado que foi esquecido pelos antepassados, mas heroicizado pelos seus descendentes, criando uma odisséia.

A Quarta Colônia vive um processo constante de afirmação, no sentimento de manutenção de elementos que permitam assegurar a identidade italiana na região. Desde o final da década de 80, alguns projetos e ações conjuntas trabalharam na “revalorização da cultura local com base no desenvolvimento sustentável da comunidade”. Tais projetos já experimentados na região, como o PROI (Projeto Identidade), PREP (Projeto Regional de Educação Patrimonial), e o PRODESUS (Projeto de Desenvolvimento Sustentável), procuraram potencializar os recursos culturais, sociais e naturais da região,

---

<sup>221</sup>Inspirou-se nas reflexões das autoras Zanini (2006) e Weber (2006).

<sup>222</sup> Inspirado nas reflexões de Michael Pollak (1989, p.10), a “produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc. A memória é assim guardada e solidificada nas pedras [...]”. Pensando assim, o sacerdote realizou o trabalho de enquadramento da memória local, através de suas ações e da pesquisa histórica que resultou no Centro de Pesquisas Genealógicas, acervo que abriga uma diversidade de documentação que conta a história da imigração italiana, a qual parte da população da Quarta Colônia tem suas raízes.

como uma forma de estratégia para o desenvolvimento local, na (re) construção da própria identidade (BOLZAN, 2011, p.252).

Dessa forma, percebemos que a identidade da Quarta Colônia é reelaborada conforme a necessidade da comunidade, não permanecendo de forma única e genérica. Entretanto, o presente estudo preocupou-se em compreender como o padre Luiz Sponchiado atuou e articulou suas ações nos campos político, religioso e cultural em prol da afirmação de uma “identidade italiana” na Quarta Colônia. O sacerdote foi um agente que buscou nas necessidades no momento histórico vivenciado na comunidade, as formas de elaboração para criar um sentimento de pertencimento na região, colonizada por uma maioria de italianos. Para isso, auxiliaram na construção de uma memória local voltada aos antepassados colonizadores, através da promoção de festas de família, missas festivas, desfiles históricos, entre outros eventos; que resultando na (re)afirmação de uma identidade de matriz italiana na Quarta Colônia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao estudar a trajetória de padre Luiz Sponchiado e sua dedicação à pesquisa histórica, buscou-se compreender como as ações político-religiosas e culturais do sacerdote contribuíram para a história das famílias da Quarta Colônia, resultando no fortalecimento de uma identidade de matriz italiana. Para isso, houve a necessidade de investigar a sua história familiar, bem como sua formação religiosa, não no sentido de linearidade ou predestinação. A ideia foi a de encontrar os elementos que contribuíram para as escolhas, decisões e ações de padre Luiz.

Foram utilizados como fontes principais os manuscritos de padre Luiz Sponchiado. Tal documentação que exige na utilização, análise e no procedimento de crítica, devido ter sido produzido por aquele que está sendo estudado. Os seus registros, encontrados no Centro de Pesquisas Genealógicas, mostram sua versão, arraigada de julgamentos morais que estão em sintonia com a historiografia tradicional da imigração e colonização italianas. O sacerdote apresentou a vida cotidiana de sua família como típica e exemplar da sociedade da região. Dessa maneira, serviu-se dessa história familiar para constituir o eixo de análise para compreender o processo de imigração na Quarta Colônia.

A partir dos manuscritos, percebeu-se que o sacerdote apresentou importantes informações sobre o processo migratório ocorrido na região. Ao narrar a história de seus familiares, evidenciou as escolhas e as decisões de cada indivíduo, como também as estratégias de sobrevivência no lote colonial, desde sua partida até o estabelecimento no Rio Grande do Sul.

Além disso, confirmou a circulação de imigrantes, bem como a migração desses indivíduos para outras regiões do RS, sempre utilizando a família Sponchiado como exemplo. Os fatores que provocam essa mudança não estão apenas relacionados com a produção agrícola e o crescimento da família. O descontentamento com o lugar, a comunidade e os vizinhos também são indícios da migração de indivíduos que já estariam instalados em lotes coloniais.

A forma como padre Luiz Sponchiado conduziu a história de sua família – que é associado ao passado vivido pelos imigrantes italianos – é um indicativo para que possamos entender como ele escreveu e organizou a história da Quarta Colônia. Obviamente que outras ações político-religiosas e culturais colaboraram com a maneira de construir a memória local e um sentimento de pertencimento.



A condição de sacerdote auxiliou padre Luiz Sponchiado a desempenhar suas ações nos campos político, religioso e cultural na Quarta Colônia. Nas pequenas comunidades, o pároco era/é visto como uma figura divina, um verdadeiro representante de Deus entre os homens. Na tentativa de compreender a posição que ele ocupava na sociedade, recorreu-se a sua trajetória religiosa, pois a vocação religiosa tornava-se, naquele período, uma oportunidade de meninos e meninas saírem do trabalho no campo, buscando outras possibilidades de atividade profissional, mesmo que fosse a trajetória religiosa. Padre Luz Sponchiado seguiu o caminho religioso, tornando-se padre e, devido a sua posição privilegiada, desempenhou ações dentro das comunidades que passou, buscando o bem-estar social.

Como pároco de Nova Palma, a partir de 1956, padre Luiz Sponchiado aliou-se às lideranças locais para buscar a emancipação dos antigos núcleos coloniais. Seu intuito era de formar um grande município que englobasse todos os antigos núcleos coloniais. A unidade, no entanto, não se concretizou devido os conflitos pelo estabelecimento da sede do novo município, bem como as disparidades político-religiosas. Assim, apesar das tentativas de padre Luiz, o que ocorreu foi a emancipação dos diferentes núcleos e a criação de sete municípios: Faxinal do Soturno, Nova Palma, Dona Francisca, Silveira Martins, Ivorá, São João do Polêsine e Pinhal Grande.

Por fim, padre Luiz Sponchiado auxiliou na reinvenção da Quarta Colônia. A expressão “Quarta Colônia” tem origem na formação da colônia, no final do século XIX, mas tudo indica que não era o termo usual. Falava-se em “Quarto Núcleo Colonial” e, mais comumente, “Colônia Silveira Martins”. A expressão passou a ser empregada por padre Luiz nas reuniões preparatórias dos festejos do Centenário da Imigração Italiana no RS, no início da década de 1970, conforme o próprio padre indica. Representando esse quarto núcleo colonial, nas reuniões em Caxias do Sul, padre Luiz passou a denominá-lo “Quarta Colônia”.

Nesse período – nas décadas de 1970 e 80 – os novos municípios ainda se encontravam em etapa de consolidação e padre Luiz teve papel importante nesse processo. Continuando suas pesquisas históricas e genealógicas – inclusive as aprofundando, com a criação do Centro de Pesquisas Genealógicas –, padre Luiz vai colaborar no reforço de uma identidade para a região.

O termo *Quarta Colônia* parece ganhar força nesse período, com os festejos do Centenário da Imigração Italiana, em 1975, e do Centenário da Colonização de Nova Palma, em 1984. O sacerdote foi instituído presidente pela Comissão Diocesana e os

membros da comissão paroquial colaboraram na organização das comemorações e colocou todo o seu empenho de padre pesquisador nessas atividades. Cada município festejou o Centenário de forma própria, organizando seu evento, mas nessa dissertação abordamos apenas as festividades em Nova Palma, entendendo-a como espaço de maior atuação do sacerdote.

Essas comemorações tiveram o intuito de exaltar da figura do imigrante e colono italiano, relacionando-o com os mundos do trabalho e da religião. O trabalho, a religião e a identidade com os antepassados foram estabelecidos como elementos centrais de uma narrativa identitária das comunidades da Quarta Colônia. Dessa forma, como resultado das comemorações, foi criado o Centro de Pesquisas Genealógicas, acervo de documentos sobre a história das famílias de imigrantes e descendentes de italianos que circularam e/ou estabeleceram-se na Quarta Colônia.

Recuperaram-se, dessa maneira, as histórias das famílias e estabeleceu-se, com os documentos mais variados organizados em arquivo, o elo da comunidade com o passado histórico. Além disso, a reconfiguração da identidade local, seu fortalecimento e um forte sentimento de pertencimento. Percebe-se, então, que padre Luiz Sponchiado, através de suas ações político-religiosas e culturais, auxiliou na afirmação de uma identidade italiana, voltada aos antepassados colonizadores.

É a reinvenção da Quarta Colônia, sua consolidação como expressão de identidade regional, fruto do trabalho de um padre pesquisador. Padre Luiz foi um homem religioso, encantado com os seus antepassados imigrantes, que utilizou a sua história familiar para reconfigurar e ampliar os vínculos da sua comunidade com a matriz italiana. Um empreendimento exitoso, na medida em que as comunidades da atual região denominada Quarta Colônia (que vai muito além do núcleo colonial original) se identificaram com as narrativas propostas pelo padre: a de um passado histórico de dimensão épica, reformulado a partir das necessidades de uma comunidade que conquista tardiamente a emancipação político-administrativa e precisa de uma identidade própria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENEDUZZI, Luís Fernando. A queda de um semideus: o mito do sacerdote na imigração italiana. In: **Revista História: Número Especial**. UNISINOS: São Leopoldo, 2001. (p.41-55).

BENEDUZZI, Luís Fernando. **Imigração Italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BIASOLI, Vitor. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)**. Santa Maria: UFSM, 2010.

BOLZAN, Moacir. **Quarta Colônia: da fragmentação à integração**. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). **Usos e abusos da História oral**. Ed. Da fundação Getúlio Vargas: São Paulo, 1996. (183- 191p.).

CERUTTI, Simona. “Processo e experiência: indivíduo, grupos e identidades em Turim no século XVII”. In: **Jogo de escala: experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV editora, 1998, p. 173-201.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Estudos de imigração italiana: tendências historiográficas no Brasil meridional**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho de 2011.

COSTA, Rovílio. Culto de Maria entre os descendentes italianos no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, L.A. (org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. V. 2, p. 531-544.

\_\_\_\_\_, (org.). **Imigração italiana: vida, costumes e tradições**. Porto Alegre: EST/Sulina. 1974.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

DE BONI, Luiz Alberto (org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: EST/ Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. V.3.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FAVARO, Cleci Eulália. Amor à italiana (o real e o imaginário nas relações familiares na Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul). In: DE BONI, Luís A. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1996. V.3. (281-286p.).

\_\_\_\_\_. Os Italianos: entre a realidade e o discurso. In: BOEIRA, Nelson & GOLIN, Tau (Organizadores). **Império**. Passo fundo: Méritos, 2006. V2, p. 301- 320.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORI, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009. (510-553p.).

FRANZINA, Emílio. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: memórias de Júlio Lorenzoni (1877-1928)**. In: TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina (org.). Migrantes ao Sul do Brasil. Santa Maria: EDUFMS, 2010. (63-84p.).

GIRON, Loraine Slomp. Produção e reprodução: a mulher e o trabalho na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luís A. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1996. V.3. (287-302p.).

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HERÉDIA, Vânia. Os imigrantes italianos na formação econômica regional no Rio Grande do Sul. In: ZANINI, Maria Catarina; TEDESCO, João Carlos. **Migrantes ao Sul do Brasil**. Santa Maria: Editora UFSM, 2010. (p.211-229).

HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: HOSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares**. Caxias do Sul: EDUSC, 2001.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). **Usos e abusos da História oral**. Ed. Da fundação Getúlio Vargas: São Paulo, 1996. (167-182).

MAESTRI, Mário. **Os senhores da Serra: a colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. Passo Fundo: UPF, 2005.

MANFIO, Juliana Maria. **De crimes e de narrativas: imigração e construção da memória (Nova Palma, final do século XIX)**. 2013. 58f. Monografia. (trabalho final de graduação em História). Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2013.

\_\_\_\_\_; JARDIM, Paula Simone Bolzan. **Parceria da UNIFRA com o Centro de Pesquisas Genealógicas; Preservação de fontes históricas para o estudo da imigração**. Relatório de Projeto de extensão (PROBEX), 2009. Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2009.

MANFIO, Vanessa. **O papel da Campal na (re) estruturação do espaço urbano de Nova Palma - RS** (Dissertação de mestrado) Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

MARCHIORI, José Newton Cardoso. **Gênese da colônia Jaguari**. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 2000.

MARIN, Jérri Roberto. “Combatendo nos exércitos de Deus: as associações devocionais e o projeto de romanização da Igreja Católica”, In: MARIN, Jérri Roberto (org.). **Quarta Colônia: Novos Olhares**. Porto Alegre: EST, 1999.

MERLOTTI, Vania. **O mito do padre entre os descendentes de italianos**. 2ed. Porto Alegre: EST/ Caxias do Sul: UCS, 1979.

NORA, Pierre. Entre memória e a história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História 10**. São Paulo, dez/1993, p.7-28.

PADOIN, Maria Medianeira; ROSSATO, Mônica. **Gaspar Silveira Martins: perfil biográfico, discursos e atuações na Assembleia Provincial**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2013.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POSSAMAI, Paulo. “**Dall’Itália siamo partiti**”: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Ed. UPF: Passo Fundo, 2005.

ROSSATO, Jucemara. **Padre Luiz Sponchiado: um empreendedor em Nova Palma**. 1996. 92 f. Monografia (Graduação em História) – Faculdades Franciscanas, Santa Maria, 1996.

SANTIN, Silvino. Sonhos diferenciados ou desfeitos: Silveira Martins, a Quarta Colônia, no cenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. In: MARIN, Jérri Roberto. **Quarta Colônia: novos olhares**. Porto Alegre: EST, 1999. (11- 24p).

SAQUET, Marcos Aurélio. Alguns aspectos da formação econômica da ex-colônia Silveira Martins. In: MARIN, Jérri Roberto. **Quarta Colônia: novos olhares**. Porto Alegre: EST, 1999. (56-73p.).

\_\_\_\_\_. **Os tempos e os territórios de colonização italiana: o desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins (RS)**. Porto Alegre: Edições EST, 2003.

SILVA, Marilda R. G. Checcucci Gonçalves da. **Imigração Italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí**. Ed. FURB/ Ed. UNICAMP/ Centro de Memória da UNICAMP: Campinas, 2001.

SPONCHIADO, Breno Antônio. **Imigração e 4º Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho**. Santa Maria: EDUFMS, 1996.

\_\_\_\_\_. **Monsenhor Vitor Battistella: Padre e Caudilho.** Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre. 2003.

SPONCHIADO, Pe. Luiz. A anágrafe de Nova Palma e os núcleos da ex-colônia Silveira Martins. In: DE BONI, Luiz A.(org.). **A Presença Italiana no Brasil Volume III.** Porto Alegre/Torino: EST/Fondazione Agnelli, 1996, p.148-167.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico:** um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

VENDRAME, Maíra Inês. **Ares de vingança:** redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910). Tese de doutorado. Porto Alegre, 2013.

\_\_\_\_\_. Entre ofensas e punições: reflexões sobre as concepções de honra e justiça entre os italianos no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, 1880-1900). In: MARTINS, Ismênia de Lima; HECKER, Alexandre (org.). **E/Imigrações:** Histórias, culturas, trajetórias. São Paulo: Expressão e Arte editora. 2011. (297-307p).

\_\_\_\_\_. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”:** a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Edufsm, 2007.

VÉSCIO, Luiz E. **O Crime do Padre Sório:** Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1925). Porto Alegre: Editora da UFRGS; Santa Maria: Editora UFSM, 2001.

ZANINI, Maria Catarina C. **Italianidade no Brasil Meridional:** a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. In: **Dimensões.** Vitória: Dep. História/ UFES, 2006. V.18, p.236-250.

## FONTES:

### Correspondências:

**Carta de Padre Francisco Burmann para o Bispo Miguel de Santa Maria,** pedido de autorização para a exumação e o traslado dos restos mortais de Maria Stoch e seu filho. De 18 de maio de 1917. Caixa família Stoch. Centro de Pesquisas Genealógicas.

**Cartas de Luis Alberto De Boni para Padre Luiz Sponchiado.** (1987 a 1991). In: Caixa Imigração. Centro de Pesquisas Genealógicas

**Cartas de Silvino Santin, Rovílio Costa e Luis Alberto De Boni.** (1987 a 1991). In: Caixa imigração. Centro de Pesquisas Genealógicas.

**Carta destinada a Firmino, em 09.05.1996** – não foi enviada. In: caixa da família Stoch, Centro de Pesquisas Genealógicas.

#### **Jornais:**

**Adio Sponchiado.** Jornal *Diário de Santa Maria*, Santa Maria, de 18 de março de 2010.

**A paróquia informa.** In: Jornal *A Palavra*, de 20 de abril de 1991, p.4.

**Entrevista realizada com Padre Luiz Sponchiado.** In: Jornal *Integração Regional*, Restinga Seca-RS, de 24 de março a 1º de abril de 2005.

**Instalada moderníssima rede de alto-falantes no Hospital Astrogildo de Azevedo.** In: Jornal *A Razão*, Santa Maria, de 05 de agosto de 1950. Centro de Pesquisas Genealógicas. p.8.

**Nova Palma festejou 100 anos.** In: Jornal *O Santuário*, Diocese de Santa Maria, 1984.

#### **Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado:**

**Manuscrito lido em missa por Dona Vanilda.** In: Caixa Padre Luiz Sponchiado. Centro de Pesquisas Genealógicas.

**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** 12 Caixas referentes ao Padre Luiz Sponchiado e sua família. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

**Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado.** Caixa CPG. Centro de Pesquisas Genealógicas.

**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** In: seis Caixas A. Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

**Manuscrito lido por Padre Luiz Sponchiado na missa de 1º de Janeiro de 1984.** In: Caixa Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

**Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado sobre os Stoch.** Caixa A Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

**Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado.** Caixa Vocações religiosas. Centro de Pesquisas Genealógicas.

**Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado.** In: Caixa Padre Luiz Sponchiado – vocações. Centro de Pesquisas Genealógicas.

**Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.** In: Caixa Padre Luiz Sponchiado – Iraí. Centro de Pesquisas Genealógicas

**Manuscritos de padre Luiz Sponchiado.** In: Caixa Padre Luiz - Hospital de Caridade. Centro de Pesquisas Genealógicas (1948-1950).

**Manuscritos de padre Luiz Sponchiado** In: Caixa da Camnpal. Centro de Pesquisas Genealógicas.

#### Documentos oficiais:

**Ângelo Antônio Stoch.** Processo-crime, Júlio de Castilhos, cível e crime, nº1005, maço 4, 1897, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

Ata nº1. **Assembleia de Geral de Constituição da CAMNPAL.** Nova Palma, 03 de fevereiro de 1963. Caixa CAMNPAL, Centro de Pesquisas Genealógicas.

Documento emitido pela **Repartição Central de Polícia/ Delegacia de policia de Itaqui** (4º Repartição Policial), de 01 de outubro de 1948. Centro de Pesquisas Genealógicas.

**Ex-Colônia Silveira Martins:** matrícula dos colonos nacionais estabelecidos nesta ex-colônia e em seus núcleos depois da emancipação. In: Comissão de terras. Maço 42. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

**Juvêncio dos Santos.** Processo-crime: Cartório Cível e crime, nº 2507, maço 81, 1899, Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

**Recibo destinado a Giovanni Dalamea.** In: Comissão de medição de terras – Colônia Silveira Martins. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs).

**Recibo destinado a Emma Tognotti.** In: Comissão de medição de terras – Colônia Silveira Martins. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs).

RIO GRANDE DO SUL. **DECRETO 22.410.** Institui o Biênio da Colonização e Imigração e dá outras providências. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. 22 de abril de 1973. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/>. <acesso em março de 2015>.

#### Outros documentos:

**A festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição.** 8 de dezembro de 1969. In Caixa Matriz, do Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma. (Folder.). 1969.

**Biografia de Padre Luiz Sponchiado, lida em seu velório.** In: Caixa de Padre Luiz Sponchiado. Centro de Pesquisas Genealógicas. 2010.

**Cédula para a escolha do lema do Centenário de Colonização Italiana em Nova Palma.** Caixa A Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas. 1984.

**Certificado de estudos de filosofia e teologia.** In: Caixa Padre Luiz Sponchiado – vocações. Centro de Pesquisas Genealógicas. 1967.



**Convite para a reinauguração de capitéis.** Caixas da Matriz: Centro de Pesquisas Genealógicas. 1984.

**Documento assinado pela comissão do Centenário da colonização italiana em Nova Palma, estabelecendo a distribuição de cédulas para a escolha do lema dessa festividade.** In: Caixa A Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas. 1983.

**Folder da festa da família Rossato.** In: Caixa A Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas. 1984.

**FOLDER da Quarta Colônia.** In: Caixa de Nova Palma. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/a.

**Material para o Programa radiofônico gravado no dia primeiro de janeiro de 1984.** In: Caixa A Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas. 1984.

**Uma história de sangue na colonização italiana, no núcleo Soturno da ex-colônia de Silveira Martins do Rio Grande do Sul.** Narrativa escrita de Padre Luiz Sponchiado: Igreja Santo Antônio, de Linha Três, Nova Palma. 2002.

**Plano Paroquial de 1984.** Caixa A. Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas. 1984.

**Programa de Festejos.** Caixa A. Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas. 1984.

**Programação da Festa de Nossa Senhora Santíssima Trindade.** Caixa A. Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas. 1984.

**Provisão do Bispado Diocesano.** In: Caixa: Centro de Pesquisas Genealógicas. CPG-Nova Palma. 1975.